

REVISTA

conexão

Literatura

Maio / 2020

nº 59

DICAS DE LIVROS, ENTREVISTAS COM ESCRITORES, CONTOS, CRÔNICAS E MUITO MAIS

HORROR
E
SUSPENSE

Cesar Bravo

UM AUTOR DARKSIDE

PORQUE AMAMOS
LIVROS



AINDA NESSA EDIÇÃO

KATHIA BRIENZA ESCREVE SOBRE
LYGIA FAGUNDES TELLES

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

MAIO DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Especial: entrevista com Cesar Bravo, um autor DarkSide, por Ademir Pascale, pág. 05
Dicas de livros, pág. 09

Breve Retrato da Grande Dama da Literatura Brasileira, por Kathia Brienza, pág. 10

Artigo científico: O primeiro dia de aula de "Quinho" na escola primária e outras aventuras mais ... : experiência vivencial una, única, educativa e inesquecível!!!, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 16

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 27

Crônica: Vamos Enxergar Para Além do Olhar?, por Lara Emanuelli Neiva de Sousa (Escritora de Alma), pág. 28

Resenha: Os mistérios, as tragédias e os fatos emocionantes e bizarros envolvendo nossos livros clássicos e seus autores, por Rafael Botter, pág. 31

Literatura: Letras Epidêmicas, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 34

Artigo: A música do seu coração - Capítulo 3: Acho bom você não me tocar, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 38

Viajando no Pensamento, por Elenir Alves, pág. 43

Ensaio: A formação leitora e o letramento literário na educação básica, por José Flávio da paz, pág. 44

Poemas de Américo Moraes, pág. 51

Poemas de Eduardo Martins, pág. 56

Entrevista com o autor Alberto Hupsel, pág. 61

Entrevista com a autora Carmem Aparecida Gomes, pág. 68

Entrevista com o autor Glauco J. S. Freitas, pág. 72

Entrevista com o autor JP Santsil, pág. 77

Entrevista com o autor Evandro Nunes, pág. 83

Entrevista com o autor Lucas Delo Santos, pág. 86

Entrevista com a autora Vera Carvalho Assumpção, pág. 91

Conto: "Frei François", por Ademir Pascale, pág. 95

Conto: "A Sereia do Rio Itanhaém", por Roberto Schima, pág. 102

Conto: "Dèjá-Vu", por Míriam Santiago, pág. 109

Conto: "Antropoética", por Roberto Schima, pág. 114

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 122

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e Arte: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Raimundo Colares Ribeiro - Gilmar Duarte Rocha - Clube do Livro União - Kathia Brienza - Lara Emanuelli Neiva de Sousa - Américo Moraes, José Flávio da Paz, Eduardo Martins

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Mesmo em quarentena a Revista Conexão Literatura não para. Anunciamos recentemente o concurso literário “Os três melhores contos”. Os vencedores terão seus contos publicados na edição de junho de nossa revista, além de serem entrevistados. Também disponibilizei a apostila “Oficina Jovem Escritor”, que é o conteúdo de uma oficina que ministrei para autores iniciantes. O leitor encontrará tanto o link do concurso como da apostila nas páginas desta edição que destaca o grande escritor Cesar Bravo. Confira entrevista exclusiva que fizemos com ele.

“A beleza de qualquer classe em sua manifestação suprema excita inevitavelmente a alma sensível até fazer-lhe derramar lágrimas.” - Edgar Allan Poe

Participe da nossa edição de Junho. Saiba como: clique aqui.

Visite o nosso site

— *visite* —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

Noites Sombrias

Contos de Terror

Gratuito para
download

Alegoria da Maldade
Assassina de Sonhos
O olho que tudo vê
O Passageiro
A Estranha
Diabólica
Draculea
Mr. Sheol
E outros contos

ADEMIR PASCALE

E-book Grátis

Noites Sombrias

CONTOS DE TERROR

POR ADEMIR PASCALE

UM E-BOOK ASSOMBRADO FEITO PARA VOCÊ

PARA BAIXAR O E-BOOK GRATUITAMENTE, ACESSE:
WWW.FABRICADEEBOOKS.COM.BR/NOITES_SOMBRIAS_ADEMIR_PASCALE.PDF

CESAR BRAVO

UM AUTOR DARKSIDE

POR ADEMIR PASCALE



Cesar Bravo nasceu em 1977, em Monte Alto, São Paulo. Bravo publicou suas primeiras obras de forma independente, e em pouco tempo ganhou reconhecimento dos leitores e da imprensa especializada. É autor e coautor de contos, romances, enredos, roteiros e blogs. Suas linhas, recheadas de suspense, exploram o bem e o mal em suas formas mais intensas, se tornando verdadeiros atalhos para os piores pesadelos humanos. Pela DarkSide®, o autor já publicou *Ultra Carnem*, *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue*, e a tradução de *The Dark Man*, de Stephen King. Mais recentemente, organizou *Antologia Dark*, obra que homenageia Stephen King.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cesar Bravo: No comecinho, eu publicava meus trabalhos em comunidades fechadas, de redes sociais. Aprendi muito nesses anos, e um belo dia pensei que as pessoas seriam mais sinceras em suas opiniões se pagassem pelos meus livros (ainda que um valor simbólico). Desse ponto em diante escrevi muito e em muito pouco tempo, com o objetivo de ter minha escrita testada pelos leitores da Amazon. Para minha surpresa, meus livros chamaram a atenção de resenhistas especializados no gênero, e esse pessoal

me ajudou a compor minha primeira base de leitores.

Até onde sei, um dos editores da DarkSide (hoje um grande amigo e parceiro) leu uma coletânea de contos na Amazon, “Além da Carne”, e se encantou pelas histórias, notando possibilidades que viriam a compor posteriormente *Ultra Carnem*, meu primeiro romance.

O que mudou de lá pra cá foi uma maior consistência em meu trabalho, edições primorosas, a DarkSide tem um respeito e um carinho enorme por seus leitores, sentimentos e ações que eu compartilho desde o início. Estar com a DarkSide foi como uma expansão, um crescimento como autor imagético e como

profissional da escrita. Para meus leitores, foi a chance de receberem uma obra de horror nacional com a qualidade gráfica que se encontra lá fora.

Conexão Literatura:
Você é autor dos livros “Ultra Carnem” e “VHS”, ambos publicados pela DarkSide. Poderia comentar?

Cesar Bravo: Ultra Carnem, meu primeiro romance publicado fisicamente, atribui a maldade tanto ao comportamento humano quanto à influência das

deidades e demônios. Existe uma ferida aberta e uma provocação a cada página do livro, a começar pela capa que traz um garfo sobre um crucifixo fulgurante — além de uma bagagem filosófica bastante perceptível. Tratamos de assuntos malditos como pactos com o Demônio e a ganância humana.

Em VHS, lanço mão de outras formas de horror, sou mais acolhedor com os leitores (quando não os coloco em pânico, obviamente). Em meu passado subterrâneo, eu escrevia basicamente para mim mesmo, hoje eu escrevo para o mundo. O papel de algumas mulheres também mudou desde Ultra Carnem, e talvez essa mudança também tenha relação com minha paternidade.

VHS – Verdadeiras Histórias de Sangue começa em uma locadora, em meados de

1985, e expande o horror por toda uma região assombrada. Classifico a obra

como um romance fragmentado, uma vez que cada uma das 18 histórias apresentam uma correlação estreita entre si, pertencem a um mesmo ambiente ficcional.

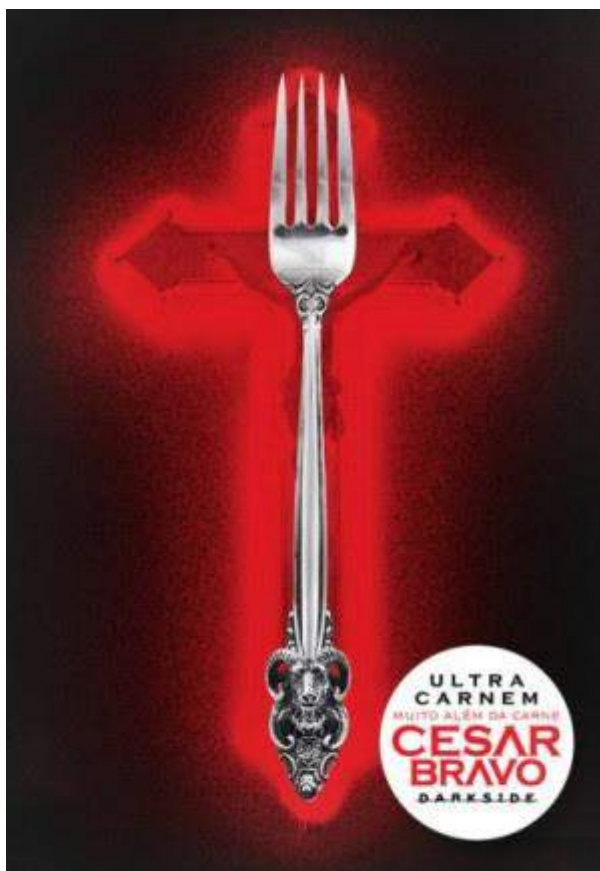
Mas nem tudo são flores, não se preocupem: em VHS tomei o cuidado de inserir situações e socos no estômago que deixarão muita gente com os olhos esbugalhados por um muito tempo.

Conexão Literatura:
Como foram as suas

pesquisas e quanto tempo levou para concluir esses dois livros?

Cesar Bravo: O trabalho de pesquisa conta com duas etapas. A primeira e muitas vezes mais fundamental, é o que eu chamo de bagagem. São nossas experiências reais, nossas sensações e percepções, e um bom autor precisa ter uma vasta biblioteca antes de começar a publicar. Depois vem o trabalho de ir cada vez mais fundo nos assuntos que decidimos abordar. Em Ultra Carnem estudei um bocado de demonologia, magia cigana, pesquisei sobre como a sociedade autointitulada “convencional” vê e trata esses povos místicos, nômades e misteriosos.

Em VHS o trabalho foi ainda mais dedicado, visitei de videolocadoras que



ainda vivem até quilômetros de jornais antigos em PDF. Antes de iniciar Verdadeiras

Histórias de Sangue, eu me transporte para a mesma época, e arrastei designers e colaboradores da DarkSide junto comigo. O resultado é um livro sincero e bastante fidedigno à proposta do projeto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus dois livros?

Cesar Bravo: Essa parte prefiro deixar aos leitores. Como pai de cada linha, eu não saberia destacar a mais especial ou importante. Mas farei o seguinte, deixarei dois teasers:

Ultra Carnem: Entre o céu e o inferno, nós somos o prato principal
VHS: Tiveste sede de sangue, e eu de sangue te encho (Dante Alighieri)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

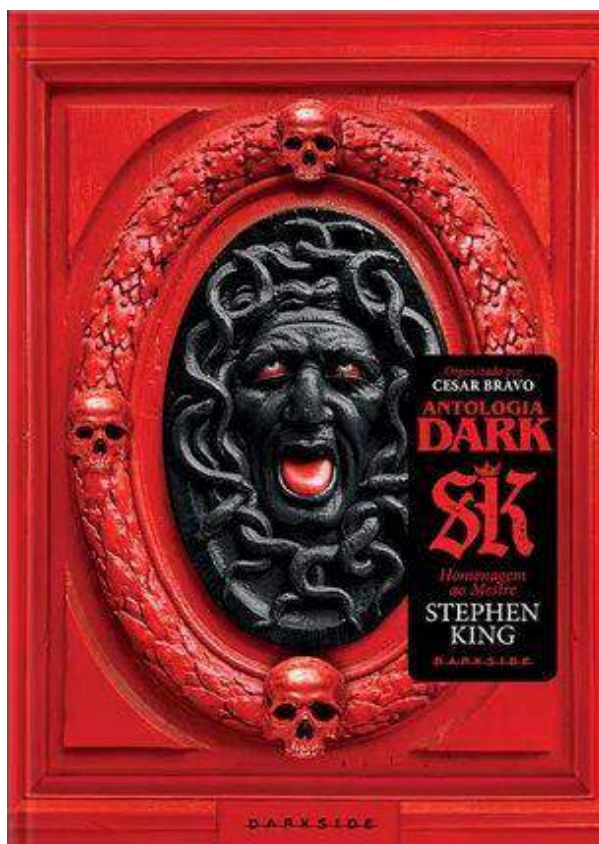
Cesar Bravo: Meus livros estão disponíveis no site da DarkSide Books (uma experiência de compra especial, que geralmente conta com surpresas relacionadas à obra, marcadores, cards etc.). Também estão disponíveis para

compra na Amazon, Submarino, e nas maiores livrarias do país. Estou em quase todas as redes sociais, então é aparecer por lá e saber das novidades.

Conexão Literatura: Vimos que você divulgou recentemente notícias sobre o livro “Antologia Dark”, que também será publicado pela DarkSide. Poderia comentar?

Cesar Bravo: Stephen King é um monstro da literatura de horror, um farol, e muitos que o seguiram de perto esperavam pela chance

de homenagear esse grande Mestre do Horror. Para a escolha dos autores que fariam parte desse projeto 100% nacional, em primeiro lugar selecionamos escritores por seu carinho e dedicação com o gênero horror, e principalmente por sua relação íntima com a obra de Stephen King. Em um segundo momento, começamos a procurar por vozes carregadas de verdade, vozes como a de Ferréz e Marco de Castro, outros monstros da escrita. Lançamos os olhos ao cinema, e encontramos criadores magistrais, que nem sempre tem a oportunidade de figurar em uma coletânea literária, como em Antologia Dark. Também convocamos novos autores que nutrem uma paixão extrema pelo horror e por Stephen King. No final, tínhamos conosco um time que mesmo em meu sonho mais otimista não



esperava reunir. O resultado foi um livro sincero do começo ao fim. O leitor não encontrará algo que não seja verdadeiro nas páginas de Antologia Dark, nada que não tenha nascido da fatia mais escura de nossos corações assombrados.

Conexão Literatura: Além da “Antologia Dark”, existem novos projetos em pauta?

Cesar Bravo: Digamos que os leitores podem esperar mais surpresas (boas!), ainda para esse ano. Hoje, com toda essa confusão mundial, autores de horror tem uma obrigação moral de compor e transformar toda essa dor que sentimos em arte. É o que tenho feito.

Perguntas rápidas:

Um livro: Livros de Sangue (coleção)
Um (a) autor (a): Stephen King
Um ator ou atriz: Samuel L Jackson
Um filme: Cemitério Maldito (1989)
Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

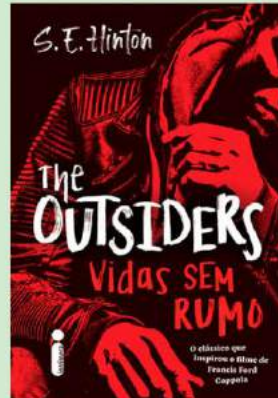
Cesar Bravo: Agradeço pela oportunidade de falar aos leitores de Conexão Literatura, e desejo a todos dias melhores. Quando o presente se torna claustrofóbico e assustador, a construção de um futuro diferente se torna urgente e fundamental. Façamos isso. E façamos da melhor maneira possível.





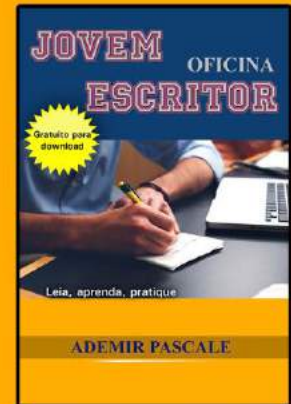
Noites Sombrias
Contos de Terror
Ademir Pascale

Acesse



The Outsiders
Vidas Sem Rumor
S. E. Hinton

Acesse



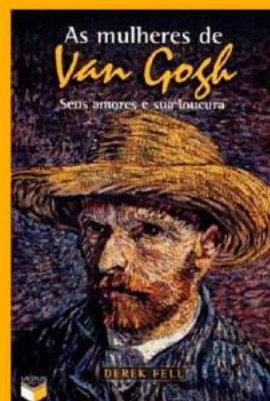
Oficina Jovem Escritor
Ademir Pascale

Acesse



VHS
Cesar Bravo

Acesse



As Mulheres de Van Gogh
Sua Loucura e Seus Amores
Derek Fell

Acesse



Ato Poético
Marcia Tiburi e Luis Maffei

Acesse

“Os cabelos brancos são arquivos do passado.”
- Edgar Allan Poe

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





FOTO DIVULGAÇÃO

BREVE RETRATO DA GRANDE DAMA DA LITERATURA BRASILEIRA

POR KATHIA BRIENZA

Artigo

No último dia 19 de abril, Lygia Fagundes Telles completou 97 anos de idade. Uma vida longa, rica em experiências, repleta de conquistas e sucesso. Uma autora considerada por muitos como a maior escritora brasileira viva.

Neste momento em que passamos por tantas incertezas e no qual a Literatura permanece como companhia e consolo, eu gostaria de fazer uma homenagem a uma das minhas escritoras favoritas. Para isso, busquei trechos de entrevistas e algumas curiosidades sobre sua obra e vida pessoal, para tentar traçar um breve retrato da paulistana Lygia.

INFÂNCIA

“Outro dia um repórter perguntou como foi minha infância. Minha infância foi muito luminosa, foi ótima, foi clara. As tempestades vieram depois”.

Nascida em 1923, à Rua Barão de Tatuí, centro da capital paulista, Lygia de Azevedo Fagundes é a filha caçula de Durval e Maria do Rosário. Passou a infância em cidades do interior do estado, onde seu pai trabalhou como promotor ou delegado: Sertãozinho,

Apiáí, Assis, Descalvado, Areias e Itatinga.

O pai gostava de jogar e levava a pequena Lygia junto, “para dar sorte”. “Lá no cassino, me davam um enorme sorvete com creme chantilly que eu adorava, eu ficava tomando sorvete e meu pai jogando”. Era um homem bonito, alto, que fumava charutos. “Então quando terminava, às vezes ele dizia: ‘Hoje nós perdemos, mas amanhã a gente ganha’. Então, essa esperança que é

a esperança do ser humano nesse planeta tão difícil, essa esperança justamente, essa frase dele me seguiu sempre. Um livro não deu certo? Mas o próximo vai dar. É um jogo”.

Uma lembrança desse período pode ser frequentemente encontrada na obra de Lygia, como diz a escritora: “Na roleta, ele gostava de jogar no verde. Eu, que jogo na palavra, sempre preferi o verde, ele está em toda a minha ficção. É a cor da esperança, que aprendi com meu pai.”
Juventude

A jovem Lygia jogava vôlei, era rápida na corrida e era muito bonita. Mas, essa foi uma fase difícil de sua vida.

“As tempestades, os relâmpagos, os raios, vieram depois, na juventude. Foi uma juventude de uma jovem pobre, meu pai perdeu tudo, separou da minha mãe, essa separação doeu muito. Foi uma juventude que não foi alegre, foi triste. Então, quando eu entrei para a faculdade de Direito no Largo São Francisco, eu tive que trabalhar como funcionária pública para poder pagar as minhas roupas e as taxas na faculdade.”

Apesar das dificuldades, em uma época em que a participação da mulher no mundo ainda era predominantemente doméstica, Lygia fez dois cursos universitários (Educação Física e Direito). Também passou a conviver com pessoas como Hilda Hilst, Clarice Lispector, Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

A respeito da data de seu aniversário, escreveu Manuel Bandeira:

“Salve o dia 19

Onde nascemos os dois

Eu, no século passado

A Lygia um século depois.”

VIDA ADULTA

Lygia Fagundes Telles publicou seu primeiro livro, *Porão e sobrado*, uma coletânea composta por doze contos, em 1938, financiada pelo pai. A seguir, vieram *Praia Viva* (1944) e *O Cacto Vermelho* (1949), também livros de contos.

Em 1947, aos 24 anos, casou-se com Goffredo Telles Júnior, seu professor no curso de Direito. Em 1954, nasceu o único filho do casal, Goffredo da Silva Telles Neto. A separação aconteceu em 1960.

Lygia trabalhou como Procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, cargo que exerceu até a aposentadoria.

Em 1963, Lygia casou-se com Paulo Emílio Sales Gomes, que ela havia conhecido ainda na época da faculdade. Foi um casamento feliz. Foram parceiros de vida e de trabalho até a morte dele, em 1977.

Lygia não gosta de suas obras iniciais.

“Os primeiros livros meus, eu os deixei mergulhar no mar morto da literatura.

São livros muito prematuros os primeiros livros.” Decidiu, então, considerar o primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, lançado em 1954, como seu início profissional. Na opinião do crítico Antonio Candido, foi com essa obra que ela atingiu a maturidade literária.

OS TEXTOS DE LYGIA

Lygia Fagundes Telles é considerada pela crítica uma das maiores escritoras brasileiras e, sobretudo, uma contista extraordinária. Dona de um talento substancial, em especial para as narrativas curtas, a autora utiliza linguagem clara, concisa, descartando tudo o que poderia ser considerado desnecessário para a

ficção. Parece não haver tempo a perder e, por isso, dispensa o supérfluo. O emprego dos diálogos – por meio dos quais autor e narrador constroem as personagens, desenvolvem o enredo, transmitem as informações ao leitor – é feito de maneira primorosa e também contribui para a fluidez narrativa de Lygia.

Na opinião de Carlos Graieb, “sua escrita é límpida, mas a amplitude do vocabulário e a sutil modulação de suas frases lhe conferem uma graça inefável. A superfície do texto de Lygia costuma ser coloquial, mas de repente ela mergulha até o fundo para compor uma frase com sabor de século XIX ou uma locução mais afeita à poesia do que à prosa (e ela é uma aplicada estudiosa de poetas).”

A obra de Lygia é centrada no indivíduo e em suas questões pessoais: a relação entre homem e mulher, o envelhecimento, a traição, a empatia, a solidão, a crueldade, a fé, a loucura e a morte. É uma literatura de caráter introspectivo que mostra a grandeza que pode estar contida em acontecimentos cotidianos.

De acordo com Suênio Campos de Lucena, “assumindo-se de forte influência machadiana, a autora não dispensa a ironia, o ambíguo, o humor sutil, exercitando um texto que acontece via monólogo interior. De temática sempre urbana, costuma explorar um narrador fragmentado, em que a sintaxe muitas vezes é desprezada com diálogos em forma de discurso direto. Não esquecer a linha próxima do gênero fantástico (sobretudo nos contos), que, com frequência, mescla mistério e suspense em torno do tema da morte”.

Lygia Fagundes Telles publicou quatro romances (os mais famosos são *Ciranda de Pedra* e *As Meninas*), dezesseis livros de contos (com destaque para *Antes do Baile Verde*, *Seminário dos Ratos* e *A Estrutura da Bolha de Sabão*), três livros de ficção e memórias, um livro de crônicas, além de ter participado de antologias, coletâneas e publicado crônicas em jornais. Seu livro mais recente é *Um Coração Ardente*, publicado em 2012, reunião de dez contos escritos entre 1950 e 1980. Em 2018, teve seus contos completos e alguns escritos esparsos reunidos na antologia *Os Contos*, publicada pela Companhia das Letras.

MOMENTOS NA VIDA DE LYGIA

Uma mulher que se dedicou à Literatura e conquistou um lugar de destaque. Bem humorada, distraída, falante, corajosa. Talentosa e sem preconceitos.

Lygia começou a escrever cedo e, inicialmente, lia suas histórias para o pai; mais tarde, encontrou em Paulo Emílio e Goffredo seus grandes leitores. “Liam tudo e davam muita opinião.” Ao ser perguntada se sem as conversas com o marido e o filho escrever teria ficado mais difícil, respondeu: “Muito mais. Mas foi preciso continuar.”

Logo após a morte do único filho, o cineasta Goffredo Telles Neto, Lygia começou a escrever *Conspiração de Nuvens* (publicado em 2007). “De um certo modo, eu me transformei numa espécie de testemunha dele e de mim. Quando ele morreu, eu pensei: ‘O que estou fazendo aqui? Vou morrer junto?’. E decidi escrever. Sobre ele, nunca; isso eu não poderia fazer. Mas de um certo modo, a lembrança do meu filho está em tudo.”

Em entrevista concedida em 2009, Lygia falou que prefere escrever à caneta ou à máquina, desconfiada de que o computador possa devorar suas criações. “Tempos atrás, eu e o meu amigo Rubem Fonseca imaginávamos se um namoro entre nós daria certo. O maior obstáculo era a paixão dele por computadores”, afirmou Lygia com uma risada, referindo-se ao escritor mineiro, então com 83 anos. Rubem Fonseca, outro gigante da nossa literatura, morreu recentemente, em 15 de abril de 2020, aos 94 anos.

Sobre suas leituras, em outra entrevista, concedida em 2013, Lygia disse que quase não lê coisa nova; prefere reler Drummond, Manuel Bandeira, João Cabral e Melo Neto e Guimarães Rosa, que “me fazem companhia, gosto deles e não me esqueço”.

MATURIDADE

A qualidade de seu trabalho e sua importância no cenário literário brasileiro são inegáveis. Lygia foi além da página

impressa em português; atravessou as fronteiras de nosso país e teve suas obras traduzidas para diversos idiomas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, sueco, entre outros. Muitos de seus livros foram adaptados para TV, teatro e cinema.

Recebeu inúmeros prêmios, dentre os quais se destaca o Prêmio Camões, em 2005. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1985, foi indicada ao Prêmio Nobel de Literatura em 2016. Em novembro de 2017 foi lançado o documentário Lygia, uma escritora brasileira que mostra sua trajetória pessoal e profissional.

Termino esse breve perfil registrando minha admiração pela autora e por sua obra. E desejando os parabéns a Lygia Fagundes Telles, a grande dama da literatura brasileira, por seu aniversário! Que ela possa continuar brilhando na cena literária por muitos anos, com muita saúde, invenção e memória!



REFERÊNCIAS:

- Biografia de Lygia Fagundes Telles (atualizada em 12/04/2016). Disponível no link: <http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>
- BRISSAC, Chantal. Memória da fantasia. Folha de São Paulo, Ilustrada, 09/09/2007. Disponível no link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0909200715.htm>
- CRUVINEL, Gilberto. Entrevista com Lygia Fagundes Telles, por Alex Solnik. Jornal GGN. 04/02/2016. Disponível no link: <https://jornalggn.com.br/literatura/entrevista-com-lygia-fagundes-telles-por-alex-solnik/>
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). Lygia Fagundes Telles - a inventora de memórias. Templo Cultural Delfos, abril/2013. Disponível no link: <http://www.elfikurten.com.br/2013/04/lygia-fagundes-telles-inventora-de.html>
- GRAIEB, Carlos. Lygia Fagundes Telles se prepara para escrever um novo romance. Veja São Paulo, 18/09/2009 Disponível no link: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/lygia-fagundes-telles-se-prepara-para-escrever-um-novo-romance/>
- IACONIS, Heloísa. 95 anos de Lygia Fagundes Telles. Itaú Cultural, 19/04/2018. Disponível no link: <https://www.itaucultural.org.br/95-anos-de-lygia-fagundes-telles>

LUCENA, Suênio Campos de. Alguns temas em Lygia Fagundes Telles. Interdisciplinar, Ano 3, v. 5, nº. 5 - Jan - jun de 2008. Disponível no link: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1120>

MARULLI, Kathia Brienza Badini. Um mergulho nas águas verdes de Lygia Fagundes Telles. 2004. 136 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. Disponível no link: <http://hdl.handle.net/11449/94100>

SOUSA, Ana Paula. A ansiedade é o maior perigo para um escritor. Folha de São Paulo, 23/04/2011. Disponível no link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2304201112.htm>



Kathia Brienza é escritora e Mestre em Literatura pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, SP. Publicou contos em várias antologias. São suas obras: Olhos de Fogo (romance em parceria com Helena Gomes), Contos de Maldição e Desejo e Não é com Vinagre que se Apanham Moscas. Contato: kathiabrienza@hotmail.com

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



O PRIMEIRO DIA DE AULA DE “QUINHO” NA ESCOLA PRIMÁRIA E OUTRAS AVENTURAS MAIS ... : EXPERIÊNCIA VIVENCIAL UNA, ÚNICA, EDUCATIVA E INESQUECÍVEL!!!

POR MARCOS PEREIRA DOS SANTOS

Artigo Científico

Faraco e Moura (1993) asseveram que todo texto, literário ou não literário, é sempre escrito por alguém (autor/a escrevente) para outrem (público leitor), num processo comunicacional estabelecido entre a tríade emissor(a)/transmissor(a)-meio/canal-receptor(a)/destinatário(a).

Posto isto, cabe indagar, de antemão, o seguinte:

Quem é “Quinho”?

E de onde ele vos fala?

De que escola primária se trata?

Qual experiência vivencial é esta?

Que outras aventuras mais (...) são abordadas?

Reminiscências ... Lembranças ... Recordações ... Memórias ...

Educação, escola, ensino, aprendizagem, aulas, recurso didático: um sexteto perfeito!?

Diz o provérbio popular que: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. E isto tem lá algum fundo de verdade, ao menos em certa medida.

Todavia, nem tudo o que se fala e/ou escreve deve ser entendido e compreendido como sendo algo verídico, nem tampouco de cunho meramente ficcional ou surreal.

Para que seja possível distinguir corretamente realidade de ficção, faz-se necessário voltar ao “túnel do tempo”, às origens e raízes, retroalimentando o passado histórico; a fim de elucidar detalhes e minúcias deveras relevantes.

Desse modo, torna-se mister salientar, *a priori*, que esta narrativa literária tem como objetivo principal trazer a lume aspectos mnemônicos concernentes ao primeiro dia de aula na escola primária e outras aventuras mais (...) da vida de um menino brasileiro, paranaense e pontagrossense, que foi carinhosamente apelidado de “Quinho”, quando de seu ingresso na (antiga) primeira série do ensino primário, exatamente a trinta e seis anos atrás, na Escola Estadual General Antônio Sampaio – Ensino Fundamental Regular de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries), localizada na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, Brasil.

Trata-se de uma experiência pessoal ímpar, capital, singular, sem igual, inesquecível; cuja vivência escolar – positiva – ainda nos dias de hoje faz “Quinho” sentir muitas saudades daqueles bons tempos de infância, nos quais a vida social era bem mais alegre e tranquila, sem a presença de tantas formas de violência na sociedade e a existência de diversos aparatos tecnológicos de informação e comunicação midiática.

Quase tudo aconteceu, em linhas gerais, no limiar do ano civil e letivo de 1985.

Nessa época, “Quinho” tinha apenas seis anos de idade, sendo uma criança dócil, franzina e de saúde frágil. Ele era tratado por alguns de seus familiares mais próximos (mãe, irmãos e madrinha de batismo; em específico) pelas alcunhas de “Marquinho”, “Marquinhos”, “polaco”, “polaquinho” ou simplesmente “Quinho”.

Apesar de ser muito tímido, o garoto vivia como uma criança comum, normal, assim como todas as demais crianças que brincavam com ele nesse período, tanto na rua de sua antiga casa – a célebre Rua Machado de Assis! – quanto na Escola na qual “Quinho” foi oficial e regularmente matriculado por sua querida mamãe, Dona Antonia (*in memoriam*), carinhosamente chamada de “Tonha” por alguns de seus familiares, amigos e vizinhos, para então iniciar os estudos escolares, ou seja, a vida escolar, a vida na escola propriamente dita.

O menino vivia e crescia sob a profícua e contínua proteção de sua mãe e de um de seus dois irmãos mais velhos, e nem imaginava até então *o que e como* fosse o lugar denominado escola, seja em seu aspecto interno, seja em sua estrutura externa.

Contudo, “Quinho” relutou bastante em sua casa junto aos seus familiares quando lhe disseram pela primeira vez que ele deveria ir à Escola em foco para estudar e aprender coisas novas, pois o mesmo não queria de forma alguma modificar a situação modesta em que se encontrava até aquele momento. Afinal de contas, tudo na vida daquela criança parecia transcorrer em perfeita harmonia e tranquilidade sob o teto familiar, não vendo o garotinho a necessidade de sair da comodidade e felicidade na qual se encontrava imerso.

“Quinho” não cursou a (antiga) pré-escola, embora no início da década histórica de 1980 fosse muito comum (quase) todas as crianças em idade escolar serem matriculadas em creches e pré-escolas. A mãe de “Quinho” e alguns(mas) professores(as) daquela época o consideravam muito inteligente para ter de frequentar o berçário, a creche ou mesmo a educação pré-escolar. As pessoas achavam que seria uma perda de

tempo matricular o menino em qualquer um destes níveis escolares de ensino, pois tal atitude poderia retardar o processo de aprendizagem escolar de “Quinho”.

Com base em tais observações e orientações, a mãe de “Quinho” o matriculou direto na primeira série do ensino primário na Escola supra aludida. Todavia, após inúmeras reclamações e murmurações realizadas por “Quinho”, o mesmo foi, finalmente, conduzido pelas mãos de sua saudosa mãe até ao portão de entrada da Escola supracitada, ocasião em que um gentil e simpático inspetor de alunos(as) (de nome e sobrenome desconhecidos), de aproximadamente cinquenta anos de idade, olhos pretos, magro, estatura mediana, cabelos grisalhos e que trazia preso junto à calça um molho de chaves, veio lhes receber de modo bastante alegre, saudando-os da seguinte forma: “Sejam muito bem-vindos!”. Era por volta de uma hora da tarde, da segunda quinzena do mês de fevereiro do ano de 1985. O dia estava ensolarado, com céu límpido de cor azul anil (“céu de brigadeiro”).

Nesse mesmo instante, “Quinho” e a mãe do menino conheceram no portão de entrada da Escola uma garotinha chamada Ísis (de sobrenome desconhecido), de aproximadamente dez anos de idade e que tinha deficiência mental leve, a qual estava acompanhada de sua mamãe (de nome e sobrenome desconhecidos). Ísis era vizinha do menino e, *a posteriori*, viria a ser uma de suas colegas de classe.

“Quinho” parecia não entender (quase) nada do que estava ocorrendo. Tudo era muito novo e estranho aos seus olhos. Ele ficou com muito medo. Mas, logo sua mamãe segurou firme em uma de suas delicadas mãozinhas e lhe disse, em tom de voz meiga e afável, para ele ficar tranquilo e que nada de ruim iria acontecer. O menino sentiu-se, pois, deveras protegido e seguro ao ouvir as doces palavras de carinho e consolo de sua mãe.

Bate, enfim, o ‘sinal’ para entrada de aula na Escola em questão. É hora de os(as) alunos(as) formarem fila indiana – um(a) aluno(a) atrás do(a) outro(a) –, sendo uma fila específica de meninos e outra de meninas, no pátio da Escola e de adentrarem às salas de aula acompanhados(as) pelas suas respectivas professoras-regentes de classe, que os(as) conduziam calmamente ao destino pré-determinado.

Na ocasião, a mãe de “Quinho” acompanhou o garoto até o corredor da porta da sala de aula, a fim de que ele se sentisse mais seguro, confortável e sem medo. Todavia, o temor tomou conta do menino quando o mesmo observou que, pouco a pouco, a passos lentos, sua querida mamãe estava indo embora e, talvez, voltando para casa. Nesse instante, “Quinho” entrou em completo desespero e chorou muito (muito mesmo!!!), ao ponto de até soluçar e perder o fôlego; pois em sua mente de criança passava a (falsa) ideia de que nunca mais veria sua mãe novamente na Escola.

Atitude de criança inocente? Reação de garotinho mimado?

Talvez sim, talvez não! Depende do ponto de vista de cada pessoa, bem como dos meandros e das circunstâncias contribuintes naquele momento para a ocorrência de tais situações desagradáveis. É preciso ter bastante cuidado ao fazer pré-julgamentos! Muitas vezes, salvaguardadas raras exceções, tende-se em lançar um olhar superficial, crítico e condenatório sobre os fatos observados, efetuando assim juízos de valor sem ter amplo conhecimento da realidade vivida pela pessoa a quem se está julgando antecipadamente.

Transcorridos alguns minutos, “Quinho” foi se acalmando e voltando, paulatinamente, à sua normalidade pueril; uma vez que a sua professora-regente de classe (a senhora Berenice de Almeida Pavão, mais conhecida como “tia Bere”) conversou de forma tranquila com o menino e lhe explicou que sua mãe voltaria ao final da tarde daquele dia, lá por umas cinco horas mais ou menos, para buscá-lo na Escola e levá-lo para casa.

Aos poucos, o garotinho conseguiu compreender o que a sua professora-regente de classe lhe dizia. “Quinho” lembra com grande carinho e como se fosse hoje dessa sua primeira professora primária. Boas recordações de “tia Bere” (...)!!!

Nessa época, a “tia Bere” era uma mulher bela, jovem (de aproximadamente trinta anos de idade), meiga, delicada, voz suave, pele branca, olhos verdes claros, cabelos curtos castanhos encaracolados, estatura mediana, casada, mãe de um casal de filhos (menino e menina) ainda pequenos, muito inteligente e que sempre estava bem vestida com roupas caras e muito bonitas. “Tia Bere” tinha um carro novo, marca Fiat Uno e de cor prata, que chamava por demais a atenção pelo brilho intenso. Ela parecia gente rica! Madame! *Socialite!*

Dentre todas estas características e qualidades pessoais, o que mais chamava a atenção de “Quinho” em relação à “tia Bere” era o batom de cor vermelho escarlate que sempre embelezava os seus lábios, o jaleco (ou guarda-pó) quadriculado de cor azul claro que usava amarrado junto à cintura e a corrente (de ouro!?) que carregava pendurada ao pescoço, na qual estava afixado um pequeno pingente de cor púrpura em formato de batom. “Tia Bere” quase sempre utilizava seu guarda-pó na Escola. Às vezes, quando não vestia o jaleco, usava o uniforme padrão da Escola que era destinado tanto para professores(as) quanto para alunos(as): blusa e calça de agasalho pretos com listras em cor laranja e camiseta branca com o emblema e nome completo da Escola bordados em cor alaranjado.

Vale a pena citar também que a “tia Bere” era uma professora primária nota dez! Ou melhor: nota mil! Ela ensinava “Quinho” e aos(as) demais alunos(as) da classe com muita paciência, tranquilidade e bom humor. Raramente ela se exaltava com alguma coisa, de modo a fazê-la esbravejar, xingar ou até mesmo bater forte na mesa com uma enorme régua de madeira que sempre ficava guardada dentro de um armário (de duas portas, com prateleiras e cadeado), também feito de madeira, localizado ao fundo, do lado direito, da sala de aula. Nesse armário, “tia Bere” guardava livros didáticos e paradidáticos, apostilas e cartilhas escolares, folhas de papel sulfite (brancas e coloridas), folhas de papel almaço, giz (brancos e de cores), apagadores de lousas, régua de plástico e de madeira, diários de classe encapados com plásticos coloridos, cadernos (encapados com plástico) de atividades, de desenho e de caligrafia dos(as) alunos(as) da classe, folhas de estêncil, carimbos coloridos, canetas coloridas, jogos didáticos, brinquedos, caderno de planejamento de aulas, colas, tesouras, lápis (de escrever e de pintar), borrachas, apontadores, jogo de esquadros, transferidores, massinhas coloridas de modelar, tintas guache, cartolinas brancas e coloridas, canetinhas coloridas, ábacos, jalecos, materiais-sucata, cadernos (brochura e espiral) de folhas pautadas e quadriculadas, fitas crepe e durex, papéis crepom coloridos, dentre muitos outros acessórios escolares para uso em sala de aula, tanto pela “tia Bere” quanto pelos(as) seus/suas alunos(as).

“Tia Bere” era muito pedagógica ao ensinar as crianças, sendo dotada de uma didática e metodologia de ensino invejável. Na ocasião, ela alfabetizou “Quinho” e seus/suas colegas de classe, ensinando-lhes a ler, escrever e contar, utilizando o chamado “Método Abelhinha” de Alfabetização (BORGES, 2018). Este era, pois, o “boom educacional” do momento!

Para tanto, “tia Bere” fazia uso de um único livro didático, ou melhor, de uma cartilha escolar de alfabetização denominada *Caminho Suave*, de autoria da educadora brasileira Branca Alves de Lima (1911-2001), que se tornou um fenômeno editorial e uma das principais referências em alfabetização escolar no Brasil durante o final da década de 1940 até meados dos anos de 1990.

Segundo Araújo e Santos (2008), Cardoso e Amâncio (2018) e Vieira (2017), nas décadas de 1950 a 1990, *Caminho Suave* era uma das cartilhas de alfabetização mais utilizadas nas escolas primárias brasileiras, notadamente na primeira série do ensino primário (ou ensino de primeiro grau), tendo em vista a descoberta dos novos métodos de alfabetização para o ensino de leitura e escrita, inspirados nas teorias educacionais de célebres educadores(as) e pesquisadores(as) em alfabetização escolar, tanto em nível nacional quanto internacional, a exemplo de: Jean William Fritz Piaget (1896-1980), Lév Semiovitch Vygotsky (1896-1934), Célestin Freinet (1896-1966), Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), Emilia Beatriz María Ferreiro Schavi (1936-xxxx), Ana Teberosky (1944-xxxx), dentre outros(as).

Ainda nessas décadas históricas, surgiram renomados(as) autores(as) de cartilhas escolares de alfabetização, baseadas nos novos métodos educacionais para o ensino de leitura e escrita na escola, tais como Thomaz Galhardo (1855-1904), Erasmo Pilotto (1910-1992), Branca Alves de Lima (1911-2001), dentre inúmeros(as) outros(as), sendo cada cartilha escolar idealizada segundo um determinado tipo de metodologia de alfabetização (ou “bê-á-bá” metodológico de alfabetização), quais sejam: “método alfabético ou de soletração, método fônico ou fonético, método silábico ou de silabação, método de palavração, método de sentencição e método global ou ideovisual”. (SEBRA; DIAS, 2011, p.308)

Caminho Suave foi uma cartilha escolar de alfabetização deveras interessante, pois continha vários desenhos e muitas figuras e ilustrações bem coloridas que chamavam a atenção das crianças. Ela baseava-se, segundo Silva, Pinheiro e Cardoso (1973), no método misto de alfabetização (método analítico-sintético), que associava o método analítico (todo-parte) e o método sintético (parte-todo).

A cartilha escolar mencionada era composta também de famílias silábicas (ou silabário ou famílias de silabação), de tal modo que cada uma das vinte e seis letras do alfabeto (também denominado abecedário, alfabético ou alfabetário) estava associada a um desenho ilustrativo-representativo da realidade objetiva existencial concreta, embora nem sempre este fosse muito significativo. Por exemplo: a letra *A* estava associada ao desenho de uma abelha; a letra *B* estava relacionada à figura de uma barriga, formando então a seguinte família silábica: ba-be-bi-bo-bu; a letra *C* estava atrelada à ilustração de um cachorro, formando assim a família silábica: ca-ce-ci-co-cu. E assim sucessivamente, até a letra *Z* do alfabeto: *D* de dado (da-de-di-do-du); *E* de elefante; *F* de faca (fa-fe-fi-fo-fu); *G* de gato (ga-ge-gi-go-gu); *H* de homem (ha-he-hi-ho-hu); *I* de igreja; *J* de jarra (ja-je-

ji-jo-ju); *K* de Kombi (ka-ke-ki-ko-ku); *L* de laranja (la-le-li-lo-lu); *M* de macaco (ma-me-mi-mo-mu); *N* de navio (na-ne-ni-no-nu); *O* de ovo; *P* de pato (pa-pe-pi-po-pu); *Q* de queijo (qua-que-qui-quo); *R* de rato (ra-re-ri-ro-ru); *S* de sapo (sa-se-si-so-su); *T* de tapete (ta-te-ti-to-tu); *U* de unha; *V* de vaca (va-ve-vi-vo-vu); *W* de watt (wa-we-wi-wo-wu); *X* de xadrez (xa-xe-xi-xo-xu); *Y* de yang (ya-ye-yo-yu); e *Z* de zazá (za-ze-zi-zo-zu); conforme pode ser verificado na cartilha escolar de autoria de Lima (2015).

Afora isto, até hoje “Quinho” se recorda ainda da existência de um cartaz enorme, confeccionado em papel cartolina de cor branca, afixado na parede da sala de aula, logo acima do quadro de giz (também chamado de quadro verde, quadro negro ou lousa), contendo todas as vinte e seis letras do alfabeto (de A até Z) em quatro formatos principais, a saber: 1º letra cursiva (ou “letra de mão”) minúscula; 2º letra cursiva (ou “letra de mão”) maiúscula; 3º letra minúscula de máquina de datilografia (ou “letra de forma em caixa-baixa”); e 4º letra maiúscula de máquina de datilografia (ou “letra de forma em caixa-alta”), os quais eram muito adotados na ocasião para o ensino de Caligrafia nas escolas primárias, mediante a utilização do denominado “caderno de caligrafia” (ou “caderno brochura de folhas pautadas”), cujas finalidades basilares eram:

[...] motivar os(as) alunos(as) a escrever organizada, correta, elegante e harmonicamente as letras no caderno de caligrafia; diferenciar o traçado padrão de letras minúsculas e maiúsculas; distinguir grafemas e fonemas; escrever em linha reta no caderno de caligrafia; desenvolver a coordenação motora fina (que influencia no tracejo das letras minúsculas e maiúsculas); resolver os possíveis problemas de escrita (agrafia, disgrafia, disortografia, etc.); controlar a pressão manual sobre o lápis de escrever; estimular a acuidade visual; e propiciar às crianças a oportunidade de realizarem adequadamente no caderno de caligrafia os exercícios (mecânicos e repetitivos) propostos pelo(a) professor(a)-regente de classe, tais como cobrir o pontilhado de letras (maiúsculas e minúsculas) efetuando de forma correta o traçado/contorno das letras com o uso de lápis de escrever, caneta, lápis de cor, canetinhas de colorir, cola colorida, agulha de plástico com barbante colorido preso à extremidade sem ponta, bolinhas de papel afixadas com cola branca escolar, dentre outros materiais escolares. (GRAZZIOTINE; GASTAUD, 2010, p.214)

Assim, “Quinho” foi crescendo em idade, sabedoria e graça diante de Deus, da sociedade, de seus familiares, da escola em que estudava, da “tia Bere” e dos(as) colegas da primeira série do ensino primário, sendo sempre muito obediente e responsável em tudo. O menino também era muitíssimo assíduo às aulas e dedicado aos estudos, apresentando elevada capacidade intelectual e excelente desenvolvimento/progresso em

todas as atividades escolares, avaliativas e não avaliativas, propostas por “tia Bere”, tais como: provas (orais e escritas), testes individualizados, trabalhos escolares (individuais e em pequenos grupos), leitura e redação de textos, desenho, pintura, jogos, brincadeiras, dentre outras.

O boletim escolar de “Quinho”, referente, em específico, à primeira série do ensino primário e sempre assinado rigorosa e bimestralmente por sua saudosa mãe, é repleto de notas altas ou notas “azuis”, cujo desempenho/rendimento escolar era considerado ótimo (notas entre 80,0 e 89,0 – mérito quatro estrelas) ou excelente (notas entre 90,0 e 100,0 – mérito cinco estrelas) naquela época histórica, haja vista que a nota média escolar para aprovação direta dos(as) alunos(as) na Escola em que o menino estudava era de 60,0 pontos.

Sem mais delongas, é interessante destacar, à guisa de finalização, que muitas outras reminiscências poderiam ser transcritas/redigidas neste relato descritivo-literário, as quais são memórias eternas e sempre vivas que fazem parte integrante do itinerário escolar de “Quinho”.

Trata-se, pois, de uma experiência vivencial escolar, uma, única, educativa, mui marcante e inesquecível, reforçando assim o poder que a instituição-escola possui de influenciar, positiva ou negativamente, toda a vida dos(as) alunos(as) que por ela já passaram, passam nos dias de hoje e que ainda irão passar no porvir, seja em termos temporais de dias, semanas, meses ou anos a fio.

Ahhh ... Que saudades dos tempos de escola! Quantas lembranças do primeiro dia de aula na escola primária! Que saudades dos bancos escolares!

E ainda: Saudades eternas de mãe ...

Como forma de eterna recordação, “Quinho” até hoje (ainda) guarda consigo, à ‘sete chaves’, seus boletins escolares da escola primária e a sua primeira cartilha escolar de alfabetização – *Caminho Suave* –, a qual é tida para ele como uma preciosa relíquia de valor sentimental e educacional inestimável, incalculável; uma espécie de livro didático (ou apostila!?) escolar de ‘primeira linha’.

“Quinho” lembra muito bem, como se tudo tivesse acontecido ‘ontem’, de “tia Bere” (hoje professora concursada de História na rede pública estadual do município de Ponta Grossa/PR) segurando uma enorme régua de madeira em uma de suas mãos e apontando a mesma para o silabário afixado na parede da sala de aula, logo acima do quadro de giz, ensinando à turma o “bá-bé-bi-bó-bu”; bem como a voz de seus/suas colegas de classe recitando de forma harmônica, compassada e rítmica as palavras pronunciadas por “tia Bere” na leitura do silabário, cujos sons do conjunto de vozes ressoavam velozes pelos corredores iluminados, largos, gélidos e vazios da Escola em que “Quinho” estudava. Tratava-se, pois, de um método de ensino e de aprendizagem bastante arcaico, ultrapassado e de pedagogia tradicional-conservadora, se comparado com os métodos inovadores/progressistas de ensino existentes na escola contemporânea. Contudo, foi o “Método Abelhinha” de Alfabetização que, mesmo entre “prós” e “contras”, fez “Quinho” aprender (positivamente!) a ler e escrever: vogais, consoantes, sílabas, palavras, frases, textos e muito mais (...).

Tudo isto implica em aventuras, saudosismos e nostalgias (...) de uma época histórica que não volta nunca mais, infelizmente. E também história real de vida que marca presença e demarca território aqui e acolá.

Mas, é preciso deixar a melancolia de lado, enxugar as lágrimas e caminhar para frente; seguindo sempre adiante.

Portanto: Avante! Pés firmes no chão, cabeça erguida e olhos voltados para o alto!

Viva a vida!!! Viva a Educação!!! Viva a escola em geral!!! Viva a escola primária!!! Viva o ensino primário!!! Viva os(as) educadores(as) em geral!!! Viva os(as) professores(as) da escola de ensino primário!!! Viva a educação escolar!!!

Diz o sábio ditado popular que: “Tudo na vida vale a pena quando a alma não é pequena”. E isto é tautológico.

Em outros termos, e de forma sumária, tal assertiva quer dizer o seguinte: vale a pena viver, estudar, aprender, ensinar, trabalhar, lutar militantemente e jamais desistir das guerras e batalhas (im)postas pela vida humana e pelas sociedades de todos os tempos históricos. Vale a pena sonhar e realizar concretamente as utopias, tendo sempre em mente que “[...] sonho que se sonha só é pura utopia, mas sonho que se sonha junto torna-se realidade” (SANTOS, 2015, p.13). Enfim: vale a pena experienciar (hoje, amanhã e sempre).

Afinal de contas, é para experienciar coisas boas e também ruins (aprendizados!) que cada ser humano vem ao mundo terreno, nasce, cresce, se desenvolve, progride, evolui e morre.

Eis, grosso modo, a razão primaz de existir!

Por ora é só.

Foi muito bom desfrutar da preciosa companhia dos(as) estimados(as) leitores(as).

Agradeço deveras por compartilhar para os dias atuais e a posteridade esta riquíssima experiência de vida com cada um(a) de vocês, em particular.

Sendo assim, faço minhas, parafraseando, as belas afirmativas de Ditzel Martelo (2009) ao asseverar de modo enfático que é preciso marcar presença na vida pelas ações que se pratica, pois na hora da partida, a gente vai (...), mas as palavras e obras ficam; simplesmente.

Quiçá que se possa pensar, analisar e refletir criticamente a respeito.

Assinado: “Quinho” – personagem protagonista, observador narrativo, narrador e autor da presente narrativa literária.

Referências:

ARAÚJO, G. C.; SANTOS, S. M. A cartilha Caminho Suave: história, memória e iconografia. In: **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia: Editora da UFU, ano V, v.5, n.2, p.1-14, abr./jun., 2008.

- BORGES, E. M. F. História da abelhinha e o método fônico de alfabetização: modismo ou eficácia? In: **Revista Científica FacMais**. Inhumas: Editora do CESIN, v.XII, n.1, p.188-206, abr./2018.
- CARDOSO, C. J.; AMÂNCIO, L. N. B. Cartilha Caminho Suave: aspectos da constituição, trajetória e permanência na alfabetização brasileira. In: **Revista Brasileira de Alfabetização**. Vitória: Editora da ABAlf, v.1, n.7, p.33-60, jan./jun., 2018.
- DITZEL MARTELO, S. M. **Ramalhetes princesinos**. Ponta Grossa: Editora e Gráfica Planeta, 2009.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. v.1. 2º grau. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- GRAZZIOTINE, L. S. S.; GASTAUD, C. Nos traços de caligrafia, indícios de um tempo escolar. In: **Revista História da Educação**. Pelotas: Editora da UFPel, v.14, n.30, p.207-226, jan./abr., 2010.
- LIMA, B. A. **Caminho suave: alfabetização pela imagem**. 132.ed. São Paulo: Caminho Suave Edições, 2015.
- SANTOS, M. P. Apresentação. In: _____. (Org.). **Oito olhares sobre a escola: formação docente, processo ensino-aprendizagem, políticas e gestão da educação**. Ponta Grossa: Inter Art Gráfica e Editora Ltda – ME, p.13-16, 2015.
- SEBRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. In: **Revista Psicopedagogia**. São Paulo: Editora da Associação Brasileira de Psicopedagogia, v.28. n.87, p.306-320, 2011.
- SILVA, A. S. B.; PINHEIRO, L. M.; CARDOSO, R. F. **Método misto de alfabetização**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- VIEIRA, Z. P. P. **Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita**. Vitória da Conquista, 2017. 197 f. (Tese de Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). *mimeo*.

Dicas de referenciais teóricos sobre alfabetização educacional – leitura, escrita, língua(gem), caligrafia, livro didático, apostila e cartilha escolares:

- ALVES, M. F. As funções da linguagem e o processo de alfabetização. In: **Revista Signótica**. Goiás: Editora da UFG, v.2, p.91-99, jan./dez., 1990.
- ANASTÁCIO DE PAULA, F. Cadernos encadeados: uma descrição sobre o encadeamento do tempo em uma turma alfabetizadora. In: **Cadernos Cedes**. Campinas: Editora da UNICAMP, v.33, n.90, p.237-255, mai./ago., 2013.
- BIERKSTEKER, T. C. Alfabetização: uma individualização do ensino? In: **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, v.9, n.2, p.377-390, jul./dez., 2006.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

- CAMINI, P. **Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita.** Porto Alegre, 2010. 183 f. (Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). *mimeo*.
- CARMAGNANI, A. M. G. Ensino apostilado e a venda de novas ilusões. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.** Campinas: Pontes, p.45-55, 1999.
- COLLARES, S. A. O. A origem da cartilha no Brasil como instrumento privilegiado de controle do Estado. In: **Anais do XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE).** Curitiba: Editora da PUC-PR, p.25298-25312, out./2015.
- DONATO, H. **A palavra escrita e sua história.** São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951. (Série O Homem e o Universo – n.12).
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** 14.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.17).
- FRADE, I. C. A. S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. In: **Revista Educação.** Santa Maria: Editora da UFSM, v.32, n.1, p.21-40, 2007.
- FREIRE, P. R. N. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 33.ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões da Nossa Época – v.13).
- FREITAS, A. G. B. **Exercícios no caderno de caligrafia: desenvolvendo a escrita perfeita e as virtudes morais.** 14 f. Disponível em: <<https://www.ri.ufs.br/bitstream/riufs/exerciciosnocaderno>>. Acesso em: 10/07/2008.
- KLEIN, L. R.; SCHAFASCHEK, R. Alfabetização. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Estado do Paraná.** Curitiba: SEED-PR, p.35-49, 1990.
- MACIEL, F. I. P.; FRADE, I. C. A. S. Cartilhas de alfabetização e nacionalismo. In: PERES, E.; TAMBARA, E. (Orgs.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX).** Pelotas: Seiva, p.27-51, 2003.
- MICOTTI, M. C. O. **Piaget e o processo de alfabetização.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1987. (Coleção Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
- MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. In: **Cadernos Cedes.** Campinas: Editora da UNICAMP, ano XX, n.52, p.41-54, nov./2000.
- SCHMITZ, Z. I.; COSTA, M. A. S. **Ensino primário getulista: cartilhas escolares como instrumento de doutrinação infantil.** Jataí, 2014. 18 f. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014>>. Acesso em: 18/04/2020.
- SOUZA, D. M. Livro didático: arma pedagógica? In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.** Campinas: Pontes, p.93-103, 1999.
- STEPHANOU, M.; SOUZA, M. V. P. Abecedários em circulação: entre dicionários, impressos e cartilhas escolares. In: **Revista História da Educação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.20, n.50, p.297-325, set./dez., 2016.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. 2.ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

ZATZ, L. **Aventura da escrita: história do desenho que virou letra**. 10.ed. São Paulo: Moderna, 1991. (Coleção Viramundo).



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Príncipe Real. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Célebre pesquisador em Ciências da Educação. Exímio literato (escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravianista, indrisonista e haicaísta ao estilo oriental). Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Na área literária, é (re)conhecido pelo pseudônimo/cognome de “Quinho Caleidoscópio” ou “Quinho Calidoscópio”, participando ativamente de diversas antologias literárias Brasil afora e conquistando importantes premiações, troféus, medalhas de honra ao mérito, certificações e moções de aplausos. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

conexão Literatura



VISITE NOSSOS PARCEIROS

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



VAMOS ENXERGAR PARA ALÉM DO OLHAR?

POR LARA EMANUELI NEIVA DE SOUSA
(ESCRITORA DE ALMA)

Crônica

A sociedade pós-moderna é marcada pelo avanço da tecnologia, globalização, a velocidade das informações, aumento do consumo, fragilidade nas relações interpessoais, ou seja, várias transformações aconteceram no decorrer dos últimos séculos. Dentre estas, não poderia deixar de enfatizar o fato de que o homem pós-moderno apenas vê, não enxerga além do que consegue ver.

Entende-se que para enxergar o abstrato das cenas do cotidiano, os fenômenos do universo é preciso observar. A arte de observar consiste em transitar em espaços desconhecidos e desvendar o que existe atrás do concreto.

Neste sentido, descreve-se o seguinte exemplo: para quem vê, uma rosa é somente uma rosa. Para quem observa uma rosa além da flor, consegue visualizar a concentração da beleza, uma

mistura de elegância e simplicidade, um ser divino cujo perfume é capaz de enobrecer a alma de quem a enxerga.

Entretanto, os exercícios de observar e enxergar estão perdendo espaço na vida do homem em decorrência de vários fatores. Assim, percebe-se que estes impedem o indivíduo de enxergar além das aparências, o impedem de desfrutar de cada detalhe presente na caminhada terrena.

É oportuno esclarecer que dentre os diversos fatores que provocam a redução dos exercícios supracitados, destaca-se que o modo de produção hegemônico, cujo lema se traduz no ter superando o ser, uma busca incessante por bens materiais, dificulta a prática destes exercícios pelo homem pós-moderno. Com a presença e avanço deste capitalismo selvagem na história da humanidade, inúmeras consequências se

tornam bastante evidentes, evoco, como exemplos, o aumento na jornada de trabalho, as desigualdades sociais, e outras mazelas sociais, resultando no fato de que cada vez mais perdemos a oportunidade de fazer outras leituras por conta dos atropelos do cotidiano.

Assim, quanto mais vemos o que existe no mundo menos conseguimos enxergar o que nele existe. Imaginemos quantas cenas de amor não conseguimos enxergar como o menino que ajuda o idoso a atravessar a rua, a criança brincando no parque, o casal andando de mãos dadas, as flores que desabrocham nos jardins residenciais, a chuva caindo lentamente, a transição do dia para a noite, enfim, diversos retratos da vida deixam de ser capturados.

Neste momento reflexivo é oportuno questionar: enxergar é uma atividade irreversível? Atrevo-me a dizer que não. O ser humano tem a capacidade de enxergar mesmo estando submerso no mar materialista e agitado, contudo, é preciso redirecionar o sentido do mergulho, o percurso da vida. O caminho para retornar a enxergar acontece por meio da simplicidade. É preciso fazer uma pausa e reencontrá-la

durante a trajetória terrena. Esse reencontro é marcado pela delicadeza, paciência, sensibilidade para poder compreender a profundidade dos eventos, das coisas e de tudo que existe no Universo.

Ao estar diante da simplicidade você acaba sendo convidado a fazer um mergulho interno, com duração indeterminada, mas que permitirá reconhecer erros, aprimorar virtudes, superar limitações e adversidades, até chegar à essência, a gênese do seu ser.

Compreende-se que este mergulho não é nada fácil, não acontece de maneira rápida, instantânea, mas o percurso é um importante exercício para conseguir chegar neste local. Assim, você ao atingir sua essência poderá conseguir enxergar o real sentido da vida, dos fenômenos, e compreender que estes consistem na significância que acontece dentro de você e ao redor. Para finalizar gostaria de convidá-lo a navegar no mar da vida e, antes de fazer o mergulho, pergunto: vamos enxergar para além do olhar?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa
(Escritora de Alma)

Lara Emanuelli Neiva de Sousa é enfermeira e escritora. No campo da saúde atua como cenário da saúde mental e atenção psicossocial, com experiência na assistência, gestão e pesquisa. No mundo literário inicia em 2018 sua carreira com pseudônimo “Escritora de Alma”, sendo membro fundador da Academia Teresinense de Letras (cadeira nº06). Além de publicar crônicas, contos e romances intitulados “Os desafios de amar”, “Cartas de Amor”, enredos sobre almas afins.

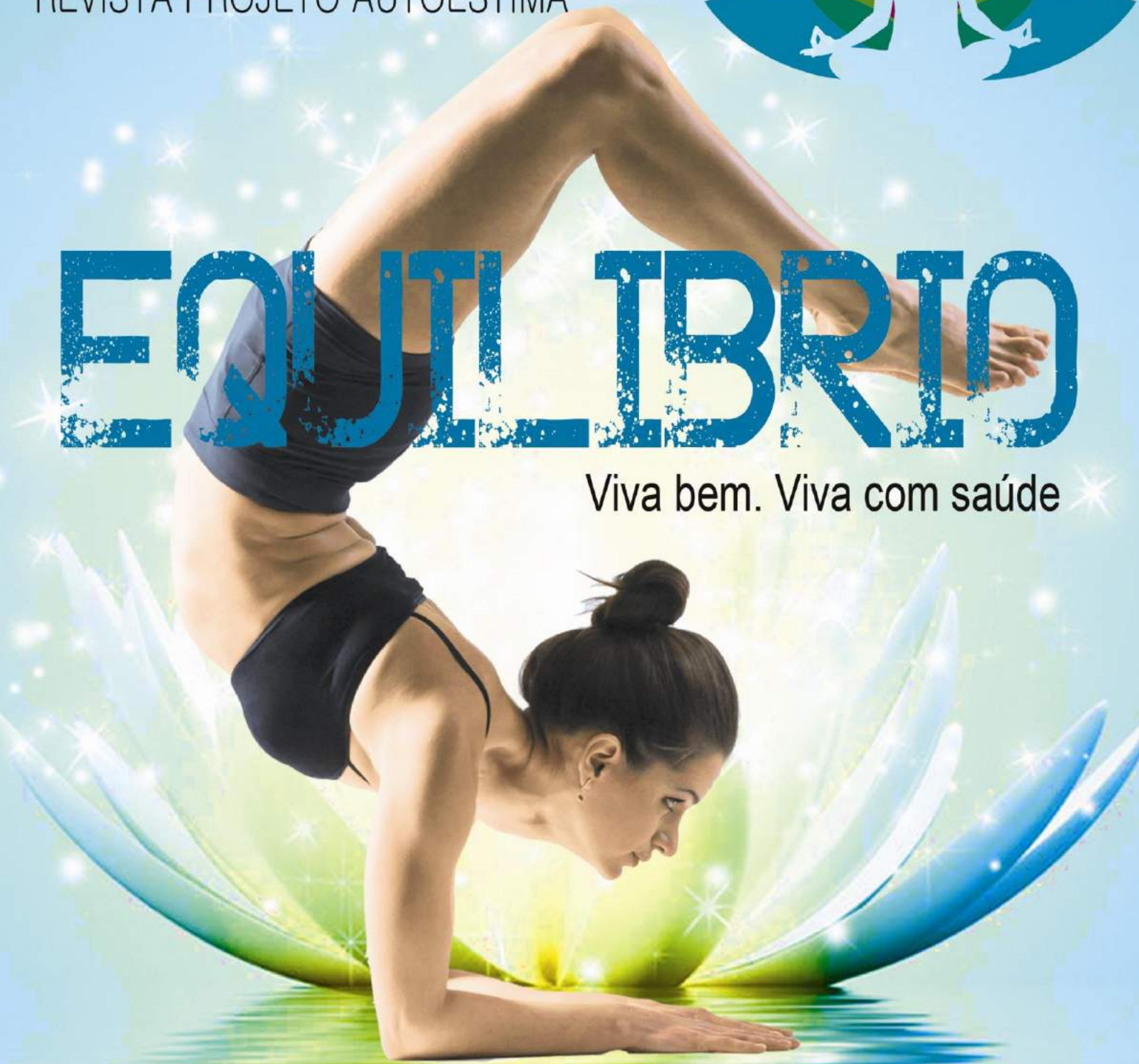
Equilíbrio entre corpo e mente

PARTICIPE DA 2ª EDIÇÃO DA
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA



EQUILIBRIO

Viva bem. Viva com saúde



FIQUE POR DENTRO:

FANPAGE: @PROJETOAUTOESTIMA / E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM /
BLOG: REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

OS MISTÉRIOS, AS TRAGÉDIAS E OS FATOS EMOCIONANTES E BIZARROS ENVOLVENDO NOSSOS LIVROS CLÁSSICOS E SEUS AUTORES

POR RAFAEL BOTTER



A partir de um olhar curioso e engraçado, *História bizarra da literatura brasileira* é um mergulho nos mistérios, nas tragédias, nos fatos emocionantes, divertidos e, claro, nas bizarrices envolvendo nossos livros clássicos e seus autores.

A partir de uma vasta pesquisa, o autor mostra todos os grandes nomes da nossa literatura, porém com um olhar que os tira do pedestal de “pensadores intocáveis” e apresenta o seu lado mais humano, comum e, claro, bizarro.

O leitor vai descobrir o que aconteceu com a carta de Pero Vaz de Caminha, escrita para livrar um ladrão do exílio e desaparecida por séculos. Vai se assustar com o famoso escritor romântico que previu que iria morrer e se emocionar com a trajetória da esposa de Guimarães Rosa, uma heroína que salvou a vida de centenas de judeus durante a 2ª Guerra Mundial.

Prepara-se, pois os personagens da capa deste livro são apenas algumas das muitas bizarrices escondidas por trás das linhas de nossa literatura.

Resenha

Ler os grandes clássicos da literatura brasileira é sempre uma viagem prazerosa, além de conhecer os escritores envolvidos que deixaram suas marcas na história literária do Brasil.

A obra em si é um compilado do qual reúne inúmeros fatos, curiosidades e

logicamente, bizarrices. O autor fez um excelente trabalho de pesquisa, tanto dos autores como de suas obras em questão.

O livro segue uma linha do tempo, partindo desde o descobrimento do Brasil até os dias de hoje. São capítulos curtos, porém fluídos e de grande interação com os leitores.

É uma incrível descoberta conhecer os “bastidores” e a vida de autores e autoras que deram vozes com suas obras que marcam uma geração até os dias hoje. O leitor vai conhecer por exemplo, a emocionante trajetória de vida do autor Guimarães Rosa e sua esposa. Já no sentido da bizarrice, determinado autor previu sua própria morte.

O leitor vai sentir inúmeras emoções durante toda sua jornada literária, partindo das bizarrices até chegar em situações engraçadas e até emocionantes. Uma montanha russa de sentimentos em cada página lida.

Marcel Verrumo trouxe um outro diferencial para sua obra. Colocando uma

pequena biografia de cada autor mencionado, deixando assim um convite mais que especial para leitores de primeira viagem, conhecer esses autores consagrados.

Partindo dessa iniciativa, conhecemos um outro lado dos protagonistas dessa obra. Outro ponto que vale ser mencionado por parte do autor é mostrar toda sociedade do Brasil até os dias de hoje. Uma evolução e revolução não apenas na literatura.

Uma obra que vale ser lida em um final de semana descontraído, servindo para todas as idades.

SERVIÇO

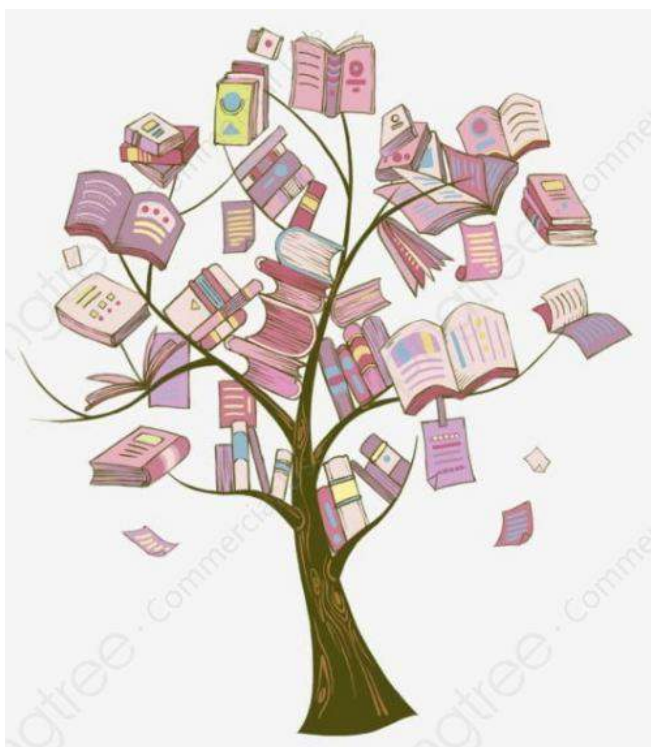
Título Original: História Bizarra da Literatura Brasileira

Autor: Marcel Verrumo

Páginas: 328

Editora: Planeta

Ano Lançamento: 2017



Rafael Botter vive em Ibitinga (interior de São Paulo). Escreve para o blog Livreando: www.livreando.com.br. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

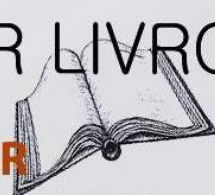
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



LETRAS EPIDÊMICAS

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Literatura

Faz dois dias que um amigo meu da Associação de Escritores aqui de Brasília, também em quarentena assim como eu, me passou uma mensagem através do Whatsapp lembrando que estava lendo o romance “Nêmesis”, do escritor americano Philip Roth, a rigor mais uma grande obra literária que versa sobre os tempos tenebrosos das grandes epidemias. Conversa vai, conversa vem, eu e o meu amigo fomos lembrando — na medida que aportavam na nossa memória — outras obras que tratam de tão desagradável tema, como “A peste”, do escritor franco-argelino Albert Camus e “Ensaio sobre a cegueira”, do português José Saramago, apenas para citar dois.

Escrever sobre epidemia pode soar em princípio como masoquismo ou, até mesmo, uma espécie de apologia à escatologia, pois a primeira coisa que nos chega à mente é: quanto tema bom, positivo e redentor o escritor, romancista, tem para escrever e ele vem logo falar de explosão de doenças?

Seria mesmo desagradável se essas obras cuidassem apenas de histórias sobre males que matam pessoas; que ceifam vidas; que, às vezes, deixam a

terra arrasada. Em todos os livros que mencionei aqui, e em outros que irei apenas citar, o escriba usou o mal como pano de fundo, como cenário, para passar uma mensagem à humanidade, mensagem essa quase sempre relevante.

Dos três livros mencionados, começemos por A peste, de Camus, talvez o mais famoso e mais lido de todos os livros que tratam do assunto. A história desse clássico começa com a narrativa de um aparecimento explosivo

de ratos mortos na cidade de Oran, Argélia. Em princípio, os moradores da cidade argelina não levam à sério aquele fenômeno esquisito; a vida transcorre normalmente até que alguns habitantes começam a aparecer doentes, de uma enfermidade desconhecida; começam a morrer, e aí o cenário muda, pois o pânico invade o sentimento das pessoas e o cotidiano da cidade vira de ponta a cabeça e as coisas começam a piorar na medida que o número de mortos aumentam. Os sentimentos e o comportamento do médico Bernard Rieux, o protagonista da história, traduz toda a genialidade de Camus — que posteriormente à publicação desta obra viria a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura —, fazendo uso da sua ferramenta existencialista e que vai compondo um painel de acontecimentos trágicos e sentimentos difusos, até beirar no desalento e no desespero total, como no trecho:

“Chegava sempre um momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegavam. Sabíamos, então, que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamo-nos, afinal, à nossa condição de prisioneiros (...)”

No fim da história, que se parece feliz, pois a peste vai embora de Oran, percebe-se que o enredo do livro transcende os sentimentos existenciais e se pode deduzir que a doença representa uma analogia do nazismo e de todo mal que nele se encerra, que contamina e que retorna, sazonalmente, como podemos analisar no último parágrafo da obra:

“Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia que essa multidão eufórica ignorava e se

pode ler nos livros: o bacilo da peste não morrem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, no baú, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”.

De “A peste” sairemos para “Ensaio sobre a cegueira”, onde o vate português Saramago faz também uso da metáfora para expressar a pandemia além do caos que ela provoca na sociedade. Um surto de cegueira se irrompe de repente sobre um cidadão sem nome, parado dirigindo um automóvel em frente a um semáforo, em uma cidade qualquer. Essa falta total de visão vai se esparramando para outras personagens também desprovidas de nome de batismo e o próprio escritor parece também se acometer pela cegueira e vai se perdendo na narrativa convencional de um romance e se começa a esquecer a sintaxe, os pontos, os parágrafos e a convenção de um escrito de ficção propriamente dita.

A figura de linguagem, a conotação, que aparece subliminarmente na obra, pode ser identificada como bem expressou o colunista Marcos Guterman, do jornal “O Estado de São Paulo”, em uma crítica sobre a obra do escritor lusitano:

“Não se trata, portanto, de uma história, mas de uma reflexão a respeito do que realmente somos, em essência, e não do que pensamos que somos — e isso inclui um nome e um endereço, espécie de rótulos com os quais nos reconhecemos e somos reconhecidos”.

“Nêmesis”, de Philip Roth, não foge muito à linha das duas obras aqui descascadas com faca cega. Um caso

isolado de pólio começa a aparecer na cidade de Newark, estado de Nova Jersey, Estados Unidos, nos primeiros dias da Segunda Grande Guerra Mundial. O personagem Bucky Cantor é um sujeito simples, emotivo, que escapa (a contragosto) de ir ao front em função de uma forte miopia e resolve tocar a vida ensinando ginástica a crianças em um centro comunitário exatamente da cidade onde começam a aparecer os primeiros casos da doença poliomielite. O mal vai se espalhando numa velocidade de espanto e o caos começa a imperar no país (Estados Unidos), com pessoas imputando a culpa da praga a nichos da sociedade como judeus e italianos; grotescamente elegendo um pobre débil mental como o Judas, gênese de toda a peste, e por aí vai.

Bucky Cantor resiste o quanto pôde à toda aquela ignorância, mas acaba cedendo à tentação de um convite de uma mulher sedutora e vai trabalhar no interior do país, julgando-se, talvez, imune a todo o flagelo. É um livro, na realidade, sobre culpa; assacando a culpa a Deus, aos homens, ao personagem principal, o próprio Cantor, que foge do epicentro da peste e se recolhe em um lugar isento das garras mortais e deformadoras da doença.

Enfim, tirante as três obras, quase obrigatórias de leitura, há, ainda, outros livros de ficção que tratam o assunto com a seriedade que lhe é devida, os quais podemos relacionar: “O amor

no tempo do cólera”, de Gabriel Garcia Márquez; “A guerra mundial Z”, de Max Brooks; “Um ano de milagres”, de Geraldine Brooks; “Black Hole”, de Charles Burns; “O enigma de Andrômeda”, de Michael Crichton; “Zona Um”, de Colson Whitehead; e “Diário do ano da praga”, de Daniel Defoe, o autor de “Robinson Crusoe”.

Não há dúvida de que pandemia, praga, peste, epidemia, é maná para o escritor que tem imaginação; é, ainda, mais do que um maná quando o escritor, além de ter muita imaginação, é alguém do naipe filosófico, humano e cultural de um Albert Camus. Certamente, algum escritor estará quebrando a casca do ovo, nesse exato momento que estou escrevendo esta humilde crônica, e dando vida a alguma obra de peso que irá discorrer, ou ter como pano de fundo, esta praga contemporânea chamada de coronavírus, e espero — convictamente — que esta história tenha um final feliz, ou melhor, que tenha um final feliz e que carregue nas entrelinhas uma espécie de espelho retrovisor, que permita (pelo menos nesse lapso de tempo de peste) que os homens poderosos saibam que eles não são os donos da Terra, e que aqui, no planeta de Atlas, também existe outro tipo de vida, que não possui DNA, dinheiro, bens, iates, ilhas, mansões, mais possuem armas tão ou mais poderosas do que todo arsenal bélico existente na face terrena.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, O berço de Judas, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

- 1** O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.
- 2** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA

+ DE 150 MIL LEITORES



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com





ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO

CAPÍTULO 3: ACHO BOM VOCÊ NÃO ME TOCAR

POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO*

Artigo

Logo após a vinheta da programação especial e dos comerciais 1 e 2, ouvíamos, em fundo musical, I DO, I DO, I DO, I DO, I DO com o grupo sueco ABBA. A composição é de B. Andersson, B. Ulvaeus e S. Anderson. Vale também lembrar que o ABBA foi formado em Estocolmo, em 1972, e era integrado por Anni-Frid “Frida” Lyngstad, Benny Anderson, Björn Ulvaeus e Agnetha Fältskog. Observem as iniciais de Anni, Benny, Björn e Agnetha (ABBA). Há quem afirme que o ABBA foi o primeiro grupo pop europeu a fazer sucesso na Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Canadá.

Nesse momento, o programa abriu espaço para BRASA VIVA, música que está incluída no álbum “As 14 Mais”, Volume XX, produzido pela CBS, em 1967. Essa melodia fez tanto sucesso que, em Tefé, havia um clube com o mesmo nome: BRASA VIVA. Era também uma das músicas preferidas pelas meninas cantoras que se apresentavam nas matinês realizadas no Cine Teatro São José, com suas dependências completamente tomadas por crianças e jovens. Vamos lembrar a canção? Com certeza, o refrão ainda permanece intenso, vivo e acalorado na memória de muitos. A nossa querida assistente de locução leu os nove primeiros versos da canção:

*Se você está me convidando meu bem
 He, he, eu...
 Entro nessa dança e pego fogo também
 Sou uma brasa viva posso lhe queimar
 Acho bom você não me tocar, ha, ha, ha
 Não me toque não
 Posso lhe queimar
 Sou uma brasa viva
 Sempre a fumar...*

Os compositores de BRASA VIVA são Barbosa e Soares. A interpretação primorosa é da cantora Katia Cilene, que pertenceu ao movimento Jovem Guarda, fenômeno musical que reuniu nomes como Roberto Carlos, Wanderléa, Erasmo Carlos, Leno e Lílían, Ronnie Von, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Martinha, Vanusa, Eduardo Araújo, Silvinha, Paulo Sérgio, Waldirene, Sérgio Reis, Antonio Marcos, Renato e Seus Blue Caps, Rosemary, Demétrius, Ed Wilson, Cleide Alves, Ronnie Cord, The Clevers, entre outros.

– Um grande abraço e as nossas parabenizações ao diretor Oswaldo e a todos os professores, alunos e demais funcionários da Escola São José, na Rua Floriano Peixoto, pela excelência de educação que tem apresentado ao longo da sua existência. Nos anos de 1965 a 1970, estudei nessa escola, onde concluí o ensino primário. No momento, lembro-me das professoras Raimunda Balieiro, Arsênia Gomes, Lúcia Pessoa, Mildes de Azevedo Barros e Nair da Costa Castro. A diretora era a professora Virgilina Façanha Mendes.

.....

– Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente a este locutor, a nossa próxima colaboradora. Bom dia, seja muito bem-vinda e fique à vontade. Você é a Beatriz que indicou essa canção? Agradecemos, desde já, por confirmar o seu nome, a sua profissão e, logo a seguir, por favor, leia a mensagem que nos enviou. Apenas um esclarecimento aos nossos queridos ouvintes: com base nas folhas respostas recebidas, a coordenação do programa revisou os dados informados e, posteriormente, essas folhas respostas foram devolvidas aos participantes, para a checagem final, antes de serem lidas por eles, durante a programação musical. Ok? Esse procedimento será observado por todos aqueles que tiveram suas músicas preferidas selecionadas. Tudo explicado? Passamos o microfone à nossa querida Beatriz.

A Beatriz, conhecida como Bia, disse que, há anos, era feirante e trabalhava no Mercado Municipal, onde chegava todos os dias, inclusive aos domingos, às 4 horas da madrugada, para comprar peixe fresco, diretamente do pescador artesanal, haja vista o seu restaurante ser especialista em peixe frito com baião de dois e farinha do uarini. Após os pequenos ajustes na sua redação, a mensagem que ela encaminhou à coordenação do programa musical ficou redigida dessa forma:

Ficarei muito agradecida se essa música for escolhida para tocar no programa A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, oportunidade em que, juntos, estaremos relembrando momentos marcantes das nossas vidas. Tenho a plena convicção de que será uma programação musical inesquecível, recheada com os maiores sucessos do cancionário brasileiro e internacional. Janaina, minha filha mais velha, com a idade de 12 anos, afirma amar as músicas da Jovem Guarda e, acreditem, sempre me diz que gostaria de ter vivido nessa época. Sinceramente, foram dias felizes que jamais esqueceremos. Por isso, indico essa melodia. Na ocasião, ofereço ao meu amor Simon e às nossas filhas Ingrid e Janaina. Agradeço pela atenção.

A Bia era feirante. Nos anos 70, aos 15 e 16 anos de idade, também trabalhei no Mercado Municipal, no box da minha mãe. Houve um tempo em que eu dormia por lá e acordava cedo. Às quatro da manhã, ao abrir as portas da lanchonete, os fregueses já podiam contar com o famoso cafezinho, mingau de arroz com leite de castanha e, ainda, mingau de banana madura com tapioca. O pão, eu solicitava a qualquer estivador a benevolência de buscá-lo na padaria, aproximadamente 100 metros do Mercado. Na volta, ganhava café com leite e pão com manteiga. Todos os dias, a quantidade era de 200 pães para venda. Chegavam quentinhos, assados em forno a lenha. Além de algumas unidades de brinde, ganhávamos um percentual sobre a sua comercialização.

– A Bia, que mora em nossos corações, trouxe essa maravilha de mensagem. E, daqui dos nossos estúdios, mando um beijo e abraço carinhosos para as “gatinhas” Janaína e Ingrid e, também, abraço fraterno para o Simon que, neste momento, encontram-se ligados em A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência, BRASA VIVA, a música indicada pela Beatriz. Amigos, todos nós amamos essa canção, não é mesmo? Sua intérprete é popular e muito querida. Quem não se lembra da Katia Cilene?

Com a palavra, a assistente de locução informou que a cantora Katia Cilene nasceu em Garanhuns, no interior do Estado de Pernambuco. Quando adolescente, foi convidada a fazer parte do elenco de estrelas da CBS, onde gravou seus maiores sucessos: “Bilhetinho Apaixonado”, “Meu Bem Só Gosta de Mim”, “Brasa Viva”, “Bolha de Sabão”, entre outros. Na Rede Globo de Televisão, apresentou o programa Globo Music Hall, ao lado do seu irmão Luiz Carlos Clay, sob a direção de Maurício Sherman. Fez parte do movimento musical Jovem Guarda.

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, o clima era de felicidade ao extremo, alegria incomum e alto astral. Nas ruas da cidade, os fogos de artifício eram cada vez mais intensos. Em frente à Organização Comercial Agá-Erre, o publicitário ambulante, com alto-falante portátil, anunciava aos transeuntes a chegada de um barco recreio trazendo dezenas de passageiros e mercadorias para o comércio local. Vestido em calça jeans Lee, azul desbotado, e camisa social Us Top, em xadrez azul e branco, o sonoplasta aguardava com ansiedade o sinal para liberar o som. Mais um detalhe: ele chegou usando óculos Ray-Ban e calçava tênis branco Montreal.

– Sonoplasta, tudo ok? Queremos ouvir BRASA VIVA, êxito musical indiscutível em todo o Brasil, na voz admirável de Katia Cilene. Em seguida, um grande e inesquecível sucesso internacional que o Brasil cantou e não esqueceu. Querem saber? Atenção, amigos da técnica e sonoplastia: estaremos também antenados para relembrar uma composição de Polizzy, Natily e Ramoino intitulada UN ANGELO, na interpretação do grupo musical italiano I Santo California. E, na sequência, O MILIONÁRIO com o grupo Os Incríveis. Amigo sonoplasta, por favor, solta o som!!!

De posse da relação das músicas e atento ao andamento do programa, o sonoplasta acionou a Nivico e liberou as canções BRASA VIVA (sucesso nacional indicado pela ouvinte Beatriz), UN ANGELO e O MILIONÁRIO (sucessos recomendados pela técnica e sonoplastia).

SONOPLASTIA:

Músicas: BRASA VIVA (1), UN ANGELO (2) e O MILIONÁRIO (3).

– Estamos de volta!!! Que legal ter você conosco, acompanhando A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO!!! Em fundo musical, permanece tocando O MILIONÁRIO com o grupo Os Incríveis. A composição é de autoria de Mike Maxfield. Sonoplasta, por favor, um pouco mais de UN ANGELO... Que malabarismo do sonoplasta!!! É como se ele cobrasse o escanteio e corresse pra fazer o gol. Maravilha, já estamos ouvindo UN ANGELO. Essa música é dedicada a todos os enamorados. Canção lin-dís-si-ma!!! Fica a dica aos *crooners* dos grupos musicais da nossa cidade. Sem dúvida, os casais irão adorar e encher os salões dos clubes. Agora, retorna Os Incríveis com O MILIONÁRIO. A propósito, essa música continua sendo a preferida nos desfiles de candidatas ao cetro e coroa de concursos de beleza, em festas populares do interior do nosso Estado, inclusive, aqui mesmo, em Tefé. Estão lembrados do conjunto Os Uirapurus? Nos anos 70, essa música era show com eles.

.....

– Continua O MILIONÁRIO com Os Incríveis. Anotações da nossa assistente de locução dão conta de que o grupo Os Incríveis formou-se em São Paulo, Capital do Estado de São Paulo. Inicialmente, esteve composto pelos músicos Domingos Orlando (Mingo), Waldemar Mozema (Risonho), Antônio Rosas Seixas (Manito), Luiz Franco Thomaz (Netinho) e Demerval Teixeira Rodrigues (Neno). Em 1965, o Neno foi substituído por Lívio Benvenuti Júnior (Nenê). A banda integrou a Jovem Guarda, destacando-se com os sucessos “Era Um Garoto Que Como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones”, “O Milionário” e “Eu Te Amo, Meu Brasil”.

Após noticiar que A Turma do Balão Mágico havia gravado um novo disco, nesse ano de 1983, pelo selo CBS, listei todas as faixas do álbum: “Superfantástico”, “Ai Meu Nariz!”, “Ursinho Pimpão”, “O Meu Avô”, “Você e Eu”, “Seu Felipe, Dorminhoco”,

“Juntos”, “Gaguejei”, “Amigo e Companheiro”, e “Mãe-lê”. Como de praxe, desejei pleno sucesso ao conhecido grupo musical.

– Você ouviu I DO, I DO, I DO, I DO, I DO com o grupo sueco ABBA. Obrigado pela sua companhia!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa querida ouvinte Maria do Carmo, moradora da Rua Barão do Rio Branco, Bairro de Santa Rosa, indicou o álbum da cantora SUELI, lançado, em 1976, pela gravadora Beverly. O LP é composto de doze faixas. No Lado A: “Estúpido Cupido”, “Banho de Lua”, “Lacinhos Cor de Rosa”, “Túnel do Amor”, “Muito Jovem” e “Oh! Carol”. No Lado B: “Dominique”, “Se Eu Tivesse Um Martelo”, “Jambalaya”, “Marcianita”, “Alguém é Sempre Bobo de Alguém” e “Filme Triste”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da cantora Sueli!!!

Encarregada pela seleção e divulgação das mensagens natalinas, a assistente de locução revelou o conteúdo de mais um cartão natalino.

– Se acreditamos que a mão de DEUS está em todas as coisas, então, Ele poderá colocar todas as coisas em nossas mãos. Este cartão de boas festas encaminhado à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre revela-nos uma excelência de mensagem. Prestemos atenção:

A todo instante, devemos agradecer a DEUS pelo ar que respiramos, pelo sol que ilumina o nosso dia e pela noite que nos proporciona o repouso tranquilo. O agradecimento é uma obrigação que jamais devemos esquecer. Neste Natal, entreguemos a DEUS o que de mais precioso possuímos: o nosso próprio coração. Em retribuição, Ele nos dará a sua paz e a sua bênção. Feliz Natal!!! Feliz Ano Novo!!!

Essa mensagem foi-nos enviada pela ouvinte Jéssica, residente na Rua Daniel Sevalho, Centro, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas.

– Você está acompanhando a programação 10 do seu rádio!!! Continue ligado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência, CHEIRO DE HORTELÃ com José Augusto. Atenção técnica, por gentileza, pode liberar a vinheta maravilhosa do programa.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.

***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

Visite o autor no **TWITTER**: <https://twitter.com/ColaresRibeiro>

VIAJANDO NO PENSAMENTO

POR ELENIR ALVES

Demonstrar revolta ao inimigo é alimentar a fúria dele



Elenir Alves é formada em Publicidade e Marketing. Assessora de Imprensa da Revista Conexão Literatura e Editora-Chefe da nova revista Projeto AutoEstima. Foi coeditora, juntamente de Ademir Pascale, do extinto fanzine TerrorZine - Minicontos de Terror. Foi coautora de diversos livros, entre eles "Draculea - o Livro Secreto dos Vampiros", "Metamorfose - A Fúria dos Lobisomens" e "Zumbis - Quem disse que eles estão mortos?", nas horas vagas adora escrever poemas e frases inspiradoras. Mantém a página: www.facebook.com/projetoautoestima e o blog www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com. E-mail: elenir@cranik.com



A FORMAÇÃO LEITORA E O LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ

Ensaio

A Educação Básica, conforme a Lei de Diretrizes e Base (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 inclui a Educação infantil, como sendo a primeira etapa desse nível, atendendo crianças de 0 a 3 anos na creche e de 4 e 5 anos na pré-escola e, ainda, de acordo com o art. 29, da LDB, tem como objetivo *o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade*; o Ensino Fundamental compreende a fase do 1º ao 9º ano e atende crianças dos 6 aos 14 anos de idade.

Sendo o Ensino Fundamental, o período mais longo da educação básica, é dividido em anos iniciais (1º ao 5º), período que o aluno tem o seu processo de alfabetização e letramento iniciado, emerso em tarefas ludo pedagógicas, proporcionando o seu desenvolvimento motor, cognitivo e social; enquanto que, nos anos finais (6º ao 9º) espera-se que o discente esteja preparado para adentrar os campos dos conhecimentos mais amplos e complexos, passando a ler, interpretar e interagir com uma gama de temas socioeconômicos, histórico e culturais diversos que estão a sua volta, uma vez que, igualmente, prepara-se para ingressar no Ensino Médio, última fase deste nível escolar, cujos objetivos, segundo o art. 35 da LDB, são:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Logo, a Educação Básica atende crianças e adolescentes com faixas etárias que, segundo a Organização Mundial da Educação Infantil (OMEP), Associação Brasileira de Educação Infantil (ASBREI) e Organização Mundial de Saúde (OMS), vai de 0 a 19 anos completos.

Ainda sobre a tríade da educação, ensino e letramento literários, em especial, acrescenta-se, a indicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto as possibilidades práticas de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, as quais devem potencializar competências fundamentais para que o aluno chegue ao fim da Educação Básica constituído de competência, habilidades e atitudes socioemocionais que perpassem pela formação do indivíduo. Além das perspectivas dos quatro pilares da educação para o século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, propostos Jacques Delors (2003) que afirma: *à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele.* (DELORS, 1998. p. 89).

Ou seja, que as escolas formem cidadãos que tenham pensamento reflexivo, crítico, autônomo e consigam encontrar soluções para os problemas que surgirão ao longo das suas vidas. Para tanto, devem ter ainda, educação familiar e formação escolar adequada, onde o caráter e a personalidade sejam elementos imprescindíveis, instigados pelos pais, inicialmente e, pelos educadores das várias áreas do conhecimento, a partir de *situações em que a literatura possa ser identificada por seu potencial estético, transformador e humanizador.* (PEREZ, 2018. p. 74)

Frente o exposto, a formação leitora deve envolver aspectos que perpasse, necessariamente, por uma formação docente e discente de qualidade, ocasião que as obras literárias dos percursos formativos sejam verossimilhantes e experienciadas comumente. Pois, ao passo que o docente “ensina”, também deve (re)aprender (re)lendo. É salutar, que as leituras compartilhadas sejam frequentes e dê espaço à diversidade dos alunos presentes no espaço educativo, fazendo-os se identificar com as situações apresentadas no texto, com o autor e seus temas e tramas. Embora, seja quase impossível que todos gostem dos mesmos autores, textos e temas utilizados. A empatia não é muito frequente nesse processo, mas os resultados se constituirão em um novo conhecimento comum.

Considera-se que o trabalho do mediador aqui tratado, seja do bebê ou do adolescente com a leitura e com o livro, é de formação sensível do sujeito leitor/leitor, pais e/ou educador, uma vez que a condição de mediador poderá ser exercida por aquele que tenha como finalidade contribuir na/para a formação de leitores críticos.

Nesse sentido, é oportuno que as obras selecionadas pelo professor mediador de leitura para o período letivo na sala de aula, seja de conhecimento prévio dos envolvidos no processo de formação leitora, objetivando extrair o máximo de aprendizagem daquele recurso junto aos alunos, independentemente, do espaço onde a leitura ou a proposta didático-literária aconteça. Não esquecendo que este profissional precisa ser um leitor assíduo e voraz, reconhecendo que boas obras formam leitores críticos e autônomos, bem como, esteja atento para as pesquisas que classificam os níveis de leitores e respeite determinadas condições, ainda que variáveis, como:

Leitor Iniciante: Nessa fase as histórias são apresentadas em textos curtos e com riqueza de informações nas imagens, a fim de facilitar a compreensão;

Leitor em processo: Nessa etapa a criança já tem relativo domínio da leitura. Sua curiosidade é crescente, e as histórias podem apresentar maior complexidade;

Leitor Fluente: O leitor se concentra mais e tem domínio da leitura. A linguagem do livro é mais elaborada, já que o leitor consegue levantar hipóteses;

Leitor Crítico: O leitor já tem domínio pleno da leitura e escrita: faz abstrações, levanta hipóteses, opina de forma mais elaborada e tira conclusões.

Todavia, uma vez leitor crítico ou autônomo, ainda estará em processo. E para sustentar esta afirmativa, recorre-se a Fratin (2011) e Santaella (2004) que classificam os leitores em contemplativo, movente e imersivo. Ou seja,

1. O leitor contemplativo, meditativo

(...) Esse tipo de leitor se isenta de situações mundanas para se concentrar na leitura, numa atividade solitária, que pode ser interrompida para reflexão, retornada, feita novamente por dezenas de vezes até que o entendimento seja feito do modo desejado. É o leitor que procurou o isolamento para absorção do conteúdo, que não se preocupa com quanto tempo faz que está lendo nem tem pressa para terminar. Da mesma maneira poderiam “ler” quadros ou esculturas numa galeria ou admirar e perceber a arquitetura que o cerca.

2. O leitor movente, fragmentado

É o leitor que surge pós Revolução Industrial, aquele que viu as locomotivas trazendo esperanças em formato de produtos produzidos em grande escala, que ganharam horários rígidos nas fábricas e que tudo isso, junto com o cinema, a luz elétrica, o telégrafo, depois os jornais, revistas e tudo que poderia cercar as pessoas com informações. Todos os lugares tinham textos que acendiam e apagavam nos luminosos dos estabelecimentos comerciais dos mais diversos tipos, além de cartazes de propaganda, rótulos de produtos, fachadas, automóveis, placas de sinalização. (...) É o leitor intermediário entre o contemplativo e o imersivo.

3. O leitor imersivo, virtual

(...) O leitor imersivo está a todo tempo em prontidão para receber e ler novas informações, traça seu próprio caminho em navegações alineares ou multilíneas. É o leitor que passeia por várias dimensões de conteúdos através dos nós que as une, que pode ter uma leitura que não tem fim, que entrecruza os dados com outros textos, os compara e gera um terceiro ou um quarto conteúdo.

Diante deste cenário, cabe pensar sobre o papel da escola e da comunidade na formação de leitores e como ambas se fazem leitoras. Sim, pois se trata de um projeto muito mais amplo, não somente da escola ou do professor.

A escola e a comunidade do entorno se unem na promoção do livro, da leitura e das iniciativas de incentivo ao hábito da leitura. Onde os papéis são definidos previamente, tendo, portanto, preocupações comuns com o acervo, inclusive reconhecendo-o como algo vivo e dinâmico, uma vez que deve ser atualizado, adequado e em bom estado físico e sonoro, quando for o caso, ressaltando que as obras de caráter técnico-pedagógicos poderão comprometer a iniciativa, tornando-se inadequada aos níveis e etapas da formação leitora, conforme exposto acima; o ambiente ou o espaço onde acontecerá a atividade deve elencar como elemento que requer atenção, pois, torna-se impossível ler sob o sol, no calor ou no barulho de um som que contrarie a sintonia entre o leitor, o livro e a leitura, bem como, os recursos que suportam tais ações.

A interação e a inclusão de pais, alunos e profissionais da educação e da escola deve ser a máxima da formação leitora e diante dessa afirmativa é importante que todos se disponibilizem a realizar momentos específicos de leitura sobre as leituras realizadas, relatos de experiências e temas mais complexos como a compreensão acerca do que compõem as fases da vida: infância, adolescência, juventude e outras, bem como, que obras contemplam este tema e podem ser disponibilizados aos alunos, inclusive obras direcionadas aos bebês.

Assim, ainda que se reconheçam as fases e etapas de leituras é indicado que a formação leitora seja iniciada ainda na infância, quando bebê, no seio da família e continuada no espaço escolar para que se tenha cidadão leitores, previamente ao processo de alfabetização e letramento, ocasião que se apoderarão de recursos mais específicos as suas necessidades cotidianas. Cabendo aos mediadores, o anseio de torná-los agentes atuantes, críticos e partícipes de um processo cada vez mais segregador, excludente, intolerante e preconceituoso. Isto causará um impacto expressivo na sociedade contemporânea, no sentido de ter pessoas conscientes, solidárias e capazes de se comover com as necessidades e limitações alheias.

A formação leitora, por fim, acontece quando se reconhece o outro com suas diferenças, especificidades e autonomia e, este como sujeitos de linguagem.

Referências:

BRASIL.INEP. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024:** Linha de Base. Brasília: Inep, 2015.

BRASIL.LDB. **Lei nº 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 abr.2020;

BRASIL.MEC. **PNE em Movimento:** Caderno de Orientações para Monitoramento e Avaliação dos Planos Municipais de Educação. Brasília: MEC, 2016;

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

FRATIN, Rogerio. Os 3 tipos de leitores: contemplativo, movente e imersivo. *In: designices:* design, livros, tipografia e referências. Disponível em:

<https://designices.com/os-3-tipos-de-leitores-contemplativo-movente-e-imersivo/>.

Acesso em: 12 abr.2020;

GUILHERME, Denise. Desafios da formação de leitores na escola. *In: Nova Escola*. 01 de Novembro | 2013. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/573/desafios-da-formacao-de-leitores-na-escola>.

Acesso em 12 abr.2020;

MEC. **Educação integral:** Educação infantil. Disponível em: <http://educacaointegral.mec.gov.br/educacao-infantil>. Acesso em 14 abr/.020;

MEC.SASE. **Planejando a Próxima Década Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC/SASE, 2014.

PACIEVITCH, Thais. **Ensino Médio**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/ensino-medio/>. Acesso em 14 abr/2020;

PEREZ, Tereza (Org.). **BNCC – a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica**. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Editora Paulus, 2004

SILVA, Gabriele. **O ensino fundamental é até que série?: Entenda como é formada a etapa mais longa da educação básica. E+B Educação**. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/o-ensino-fundamental-e-ate-que-serie>. Acesso em 14 abr.2020.

Bibliografia sugerida:

ALENCAR, José de. **Como e por que sou romancista**. São Paulo: São Paulo: Ed. Pontes, 1990.

BARTHES, Roland. **Aula**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BERGSON, Henry. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DALVI, Maria Amélia; SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. *In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

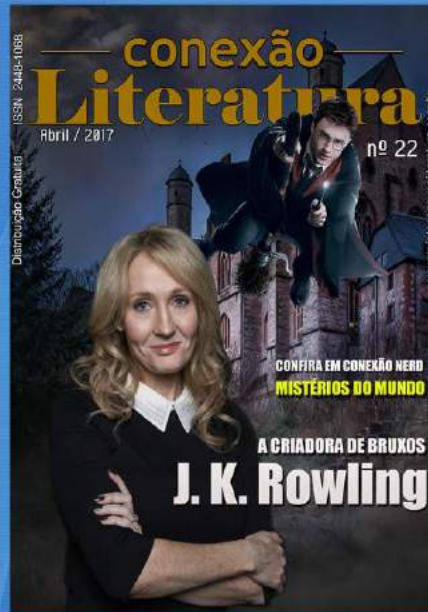
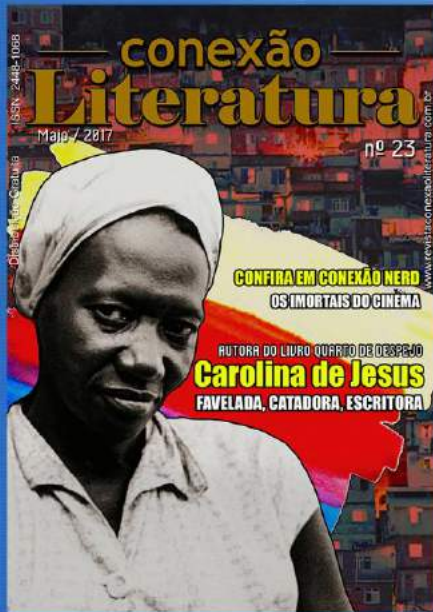
GAMA-KHALIL, Marisa; ANDRADE, P. (orgs.). **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Uberlândia: GpEA - CAPES, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989

- GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira (orgs.) **Língua e literatura**: Machado de Assis na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- GUSDORF, Georges. **Professores para quê**: Por uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.
- LAPLANTINE, François, TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOURA, Alessandro Alencar.; SILVA, Veridiane Rosa. A Importância da Leitura Literária: Questões de Literatura e Ensino. In: Anais do **III Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. V. 1, 2016.
- PAULINO, G. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, A. et al. (orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PETTI, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.
- RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- SCLIAR, Moacir. **Memórias de um aprendiz de escritor**. São Paulo: Companhia Nacional, 1984.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- YUNES, Eliana. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. Curitiba: Editora da UFPR, 1995.

JOSÉ FLÁVIO DA PAZ – Dndo. em Estudos Literários-UNEMAT; Me. em Letras-UNIMAR; Me. em Estudos Literários-UNIR. Bal. em Letras-UFSC; Hab. para o Ens. de Língua Portuguesa-UNIFAP; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA; Linguística e Formação de Leitores-FAIARA; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Fac. Futura; Cultura e Literatura-UCAM. Produção Textual-FAVENI. Pesquisador do GP: Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq. do GP: Ética, Estética e Filosofia da Literatura-UNIR/CNPq e Vice Líder do GP Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-oeste do Brasil-UNIR/CNPq. É docente do Magistério Superior da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES/UNIR/UNEMAT. <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfpaz@unir.br.

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PAIXÃO, SONHOS E AMORAS

Américo Moraes

Hoje, sob um pé de amoras,
Senti e sonhei a intensa paixão
Que, por vós,
Em meu peito demora!

Nesse meu peito dorido,
Premido pela paixão por vós,
- e sempre por vós -,
Vou sendo premido, consumido...

Assim, sozinho e triste,
Vou te amando...
E te amando,
Vou sentindo a dor

Que, em meu peito, vai me matando!

RIMAS, VERSOS E CAFÉ

Américo Moraes

Esse cheiro intenso
De café torrado pela manhã...
Ah, esse cheiro singular
Tem o cheiro da minha infância!

Doce lembrança...
De um tempo passado,
De um tempo ido e bem vivido
E hoje tão querido!

Ficou apenas na memória...
Nos sonhos...
Nos castanhos cintilantes dos olhos
Entre nuvens e estrelas!



Ainda no sol da manhã,
Numa xícara de café...
A doce infância assim a revivo
Entre rimas, versos e cheiro de café da manhã!

ENTRE O SECO E O ALAGADO

Américo Moraes

Lá vão os cearenses, sertanejos cuspidos
De suas terras ressequidas pela seca,
Arrastando seus corpos magros!

Farrapos consumidos pela miséria
E fome desumanas...
E assim vão de pés rachados e mãos calejadas

Pisando a terra crestada
Pelo sol implacável!
Seguem assim desalentados e cansados...

Ora, mais além, vem o vento quente
Abaforando seus andrajos rotos
Levantando pó em espirais

Gretando seus lábios e aferroando
Suas gargantas sedentas...
Ora encontram a morte nesses caminhos

Pelas presas das cascavéis mortais,
Ou em Fortaleza, nos campos do infortúnio,
Pela febre tifóide...

Ou mais além a encontram,
Sempre à espreita a morte iminente,
Nas terras encharcadas da Amazônia!



NAS INFINITAS CURVAS DOS RIOS E IGARAPÉS

Américo Moraes

Aninhavam-se como serpentes na mata densa,
No seio do Inferno Verde, destilando
Suas vilanias, os seringalistas... homens sem lei.

Escravizavam por dívidas
Os nordestinos, sertanejos de pés rachados,
Flagelados pela miséria, terra seca e aridez.

Assim chegavam aos seringais amazônicos,
Igualmente de almas empenhadas
Pelas passagens e despesas de viagem.

A maioria partia de Fortaleza, Ceará.
Passavam por São Luís, Maranhão... em navios aboletados,
Espremidos feito gado na imundície da terceira classe.

Dos portos de Belém e Manaus
Eram distribuídos para o inferno
Barrancoso dos seringais.

Muitos morreram sob a lei do rifle 44,
Também de febre, ataques indígenas e animais.
Assim deixavam seus sonhos e corpos enterrados

Nas infinitas curvas dos rios e igarapés...
Os seringueiros desterrados,
Heróis esquecidos!

AMOR NÃO É FOGO!

Américo Moraes

Paixão? Amor?
Paixão... esse fogo abrasador
Que a tudo consome e inebria!

Amor? Paixão?



Amor... sentimento há tempos
Tomado pela louca Paixão!

Até mesmo Camões,
O príncipe poeta de Portugal,
Confunde Amor com Paixão

Quando canta em versos,
Aos ventos dos mares,
“Que Amor é fogo que arde...”!

Não, ó mestre lusitano,
Amor não é fogo... nem abrasa,
Nem consome... é simplesmente Compaixão!



Francisco **AMÉRICO** Martins **MORAES** é mestre em Estudos Literários pelo PPGMEL/UNIR, Especialista em História do Brasil pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá-FIJ e Licenciado em História pela Faculdade de Educação de Porto Velho, UNIPEC/UNIRON. Poeta, pesquisador e professor da Educação Básica, lotado na Secretaria de Educação do Estado de Rondônia. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7388366953336448>. E-mail: framerico@yahoo.com.br.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Tudo começou com uma ideia do escritor Ademir Pascale, em julho/2015, sendo lançada de forma experimental a edição de nº 01, tendo como destaque o escritor Oscar Wilde. A Revista Conexão Literatura tornou-se um grande canal digital de entretenimento e informação para autores, leitores, editores, blogueiros e profissionais do meio literário e cultural.

**PORQUE AMAMOS LIVROS
LEIA E VIAJE CONOSCO**

**150 mil
seguidores**



E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
www.revistaconexaoliteratura.com.br

LITERATURA E CULTURA AO ALCANCE DE TODOS:

A pontualidade, seriedade e profissionalismo da equipe da Revista Conexão Literatura, permitiram que suas edições chegassem até milhares de internautas por meio das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram, que somam mais de 150.000 seguidores. Nossas edições são mensais. Os leitores poderão baixar e ler a revista digital gratuitamente.

**APROVEITE
JÁ SÃO DEZENAS DE
EDIÇÕES DA NOSSA
REVISTA GRATUITAS
PARA DOWNLOAD**



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

OCEANOGRAFIA DO ROSTO

Eduardo Martins

Transparente, o rosto
Também é água
Fora de seus domínios

Tenta ser olho apenas
Para evadir-se
Como parte de rio

Em seu tempo sereno
As ondas são inimigas
Deste mar equilibrado.

Como concha, ainda
Revela-se o rosto
Pacífico e atlântico

Índico em seu idílio
De remontar outro mar

Ártico em seu desejo
De querer-se íntimo

Glacial, Antártico
Em desejo de se revelar.

REBOCO
Eduardo Martins

grilos, gritos, grifos
reboco a receber revistas
lascas de linguagem
em teus becos
latas e latidos lambendo luas
nos beijos bêbados do meu bar

madrugada mortífera
manda minhas mãos ao teu mundo
meço a mesma saudade
nas sombras amargas
das ruas de abril

minha mesa sem fumaça nem pão
nenhum amigo para abandonar
esta escuridão escassa
na parede possível
meus calçados tristes
na curva da sala

por que será que não vens?
ainda hoje
por que será que não vens?

rezo por tua ausência
resgato restos de noites
e gatos em grãos
sigo sem signos
paredes, presas e prosas
e peço a Deus
que salve teu riso
do mito dessa manhã.

REFLORESTAMENTO

Eduardo Martins

planto-me aqui novamente
neste mesmo buraco de vida
nesta mesma vida
que refloresta junto aos meus olhos
que refloresta junto a minha boca
e as minhas mãos

não me importa a cor
nem o muito
serei florido
vou procurar-te em galhos de lembranças
e lençóis sem dor

vou colorir-te folha
fazer-te nascer novamente
no colo da minha árvore

reacender-te floresta
dobrar-te galhos
e ter tua nudez de mito
molhando minha estação.

NAS ÁGUAS DO ARCO-ÍRIS

Eduardo Martins

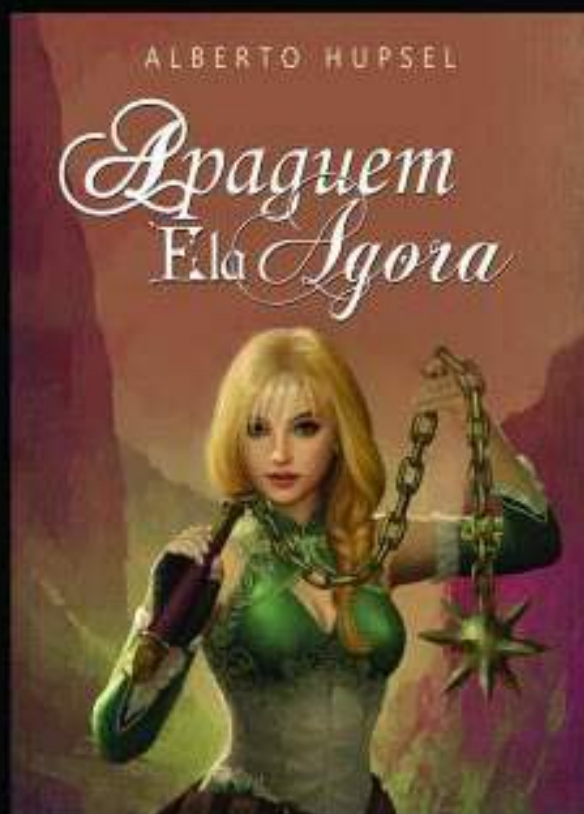
apontam as águas pernas abertas e cores de arco-íris
brancos balançam espumas
risos molhados
almas acesas nas malhas do sol
raro retalho de coxas líquidas na foz dos desejos
e eu aqui
rio imóvel no azul anestésico de tua carne
um corpo que desce das pedras
riso devasso
trago-te em fendas fazendo-te forte
alcanço-te
na tarde de dedos úmidos
renasço
nos metros das tuas encostas
afogo-me ardente
cor de carmim.

José **EDUARDO MARTINS** de Barros Melo nasceu em Recife-PE, em 1962. Escreveu vários artigos sobre a obra de Manuel Bandeira e sobre ele publicou o livro **Uma poética de múltiplos espaços e Os Caminhos Movediços de Bandeira**. É Doutor em Teoria Literária-UNESP e professor da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR. Líder do GP Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-oeste do Brasil e pesquisador do GP em Poética Brasileira Contemporânea, ambos da UNIR/CNPq. Publicou os livros de poemas **Restos do fim** com Cida Pedrosa, **A batalha pelo poema** com Francisco Espinhara e Pedro do Amaral Costa), **Eczema no lírico**, **Procissão da palavra**, **O lado Aberto**, **A palavra falta**, **Este Livro não existe** e outras **inexistências**, **Retalhos de água** e **Soma dos inumeráveis**. Publicou **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco: história e produção literária**, juntamente com Maria Elizabete Sanches, docente do DALV/UNIR. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4265515216692794> E-mail: edubarmel@hotmail.com.

LANÇAMENTO

VEJA ARTES DOS PERSONAGENS DO LIVRO NA PÁGINA: WWW.ARTSTATION.COM/HUPSEL

**um mundo
fantástico**



ALBERTO HUPSEL

APRESENTA O SEU MAIS NOVO LIVRO

Lançado no dia 13 de abril de 2020 o segundo livro do escritor carioca Alberto Hupsel. *Apaguem Ela Agora* narra as aventuras de Anna, uma jovem moradora do fantástico mundo de Aeris que descobre que não passa de uma personagem de ficção criada por alguém do chamado Mundo-Lá-De-Fora.

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE

AMAZON | CLUBE DE AUTORES | SKOOB

ENTREVISTA COM O AUTOR

ALBERTO HUPSEL

POR ADEMIR PASCALE



Alberto Hupsel é um advogado e escritor carioca de 35 anos. Fã de filmes, séries e games, foi sua paixão pelo universo geek que fez com que começasse a escrever peças de teatro para a escola aos dezessete anos. Em 2018 lançou o seu primeiro ebook, *Os Últimos Dias de Aluben*, uma história de aventura em um cenário pós-apocalíptico que foi publicada em português e inglês. *Apaguem Ela Agora* é o seu segundo livro. A história, com muito humor e quebrando a quarta parede, foi inspirada por diversos games, entre eles Doki Doki Literature Club, Thimbleweed Park e The Hex. Seu instagram é @albertohupsel, embora seja mais fácil encontrá-lo online no Steam jogando Dota 2 com o perfil Hupsel.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Alberto Hupsel: Eu comecei a escrever casualmente no colégio, usando alguns colegas de classe como protagonistas para histórias engraçadas em que o grupo encarava aventuras na Idade Média ou no futuro. Gostava tanto que algumas vezes escrevia até mesmo durante a aula (crianças, não cometam este equívoco). Curioso que deixei a escrita meio de lado no período da faculdade, mas assim que me formei comecei a planejar a minha primeira obra mais séria, chamada de *Os Últimos Dias de Aluben*. Esse foi um livro tendendo para o lado *dark*, com anjos e demônios em um ambiente pós-apocalíptico. Depois dele veio *Apaguem*

Ela Agora, que é uma narrativa bem mais leve, com muita aventura mas também bastante comédia.

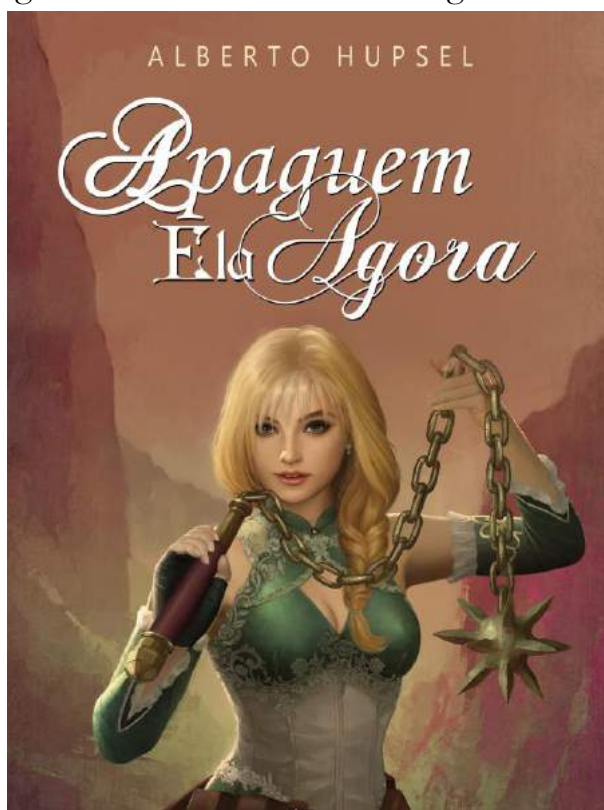
Conexão Literatura: Você é autor do livro “Apaguem ela agora”. Poderia comentar?

Alberto Hupsel: Acho que ninguém seria capaz de adivinhar de onde veio a ideia de escrever *Apaguem Ela Agora*. Então, a principal inspiração veio depois que eu li uma entrevista dada pelo desenvolvedor de games Dan Salvato. Ele é o criador de um jogo chamado Doki Doki Literature Club (DDLC), um visual novel, ou seja, o game é basicamente um livro digital, embora você, como jogador, tome decisões pelos personagens em certos momentos da história.

DDLC começa como um jogo bonitinho copiando típicos animes japoneses onde o protagonista conhece quatro garotas no clube de literatura do colégio. O jogo inicia com diálogos meigos, vários clichês do gênero e então você acha que vai ser esse lenga-lenga e um simulador de namoro pelas próximas horas até o final. Mas aí é que o bicho pega. De repente o jogo vira de cabeça para baixo e se apresenta como (spoiler!) sendo de terror psicológico. O game começa a tratar de assuntos como depressão e há até cenas de suicídio. No final das contas, é revelado (spoiler²!) que uma das quatro garotas sabia que era uma personagem de videogame e queria que o jogador amasse apenas ela. O legal é que o desenvolvedor usa truques incríveis no jogo. Você pode até abrir o arquivo do game no seu computador e deletar o ficheiro de um personagem para mudar o rumo da história.

O Dan Salvato disse algo que me marcou muito ao afirmar que apenas em um videogame seria possível usar as táticas que ele usou para gradualmente transformar DDLC de um simulador de namoro para um jogo de terror psicológico que mexia com a cabeça do jogador. Afinal, apenas em um game o jogador poderia sair do jogo e mexer nos arquivos para mudar a história.

Depois de terminar *Os Últimos Dias de Aluben* eu decidi que queria escrever um segundo livro, mas queria também



escrever algo que só seria possível de existir no formato de, bem, um livro. Além disso, eu queria também trabalhar em algo mais leve que pudesse fazer as pessoas rirem. Daí surgiu a ideia de começar *Apaguem Ela Agora*. E, relaxem, o livro é bem mais light do que o game que eu listei acima, um misto de aventura com comédia, escrito em primeira pessoa.

A história se passa no universo de Aeris, povoado por personagens de ficção que foram criados por um autor do Mundo-Lá-De-Fora, que é a nossa realidade aqui no planeta Terra. Aeris, no entanto, possui algumas regras e limitações que nem mesmo os personagens entendem no início. Alguns itens são proibidos de existir lá, como o cigarro, embora possam ser contrabandeados de outros mundos. Os personagens também não podem dizer palavrão, e toda vez que dizem uma das chamadas “palavras proibidas” o texto no livro simplesmente mostra a frase <palavra apagada>. Os personagens também podem sofrer “bugs” literários dependendo de como são tratados, o que pode resultar na fala trocada por um parágrafo de ação, por exemplo.

A figura máxima de Aeris é o Rei, um homem poderoso e com poderes mágicos que toma as decisões da sua fortaleza. A história de *Apaguem Ela Agora* gira em torno de Anna, uma mulher de dezoito anos que sonha em ser a protagonista de sua própria aventura. No dia em que ela finalmente realiza seu desejo, ela percebe que o universo de Aeris está mudando. Aeris sempre foi um lugar de muita paz, mas o Rei, agora, tem criado situações em que heróis, vilões e monstros se enfrentam em combates violentos. O Rei acha que apenas um enredo com muita violência e sangue é capaz de fazer sucesso no Mundo-Lá-De-Fora, por isso que ele quer mudar o cotidiano dos personagens. A Anna, no entanto, decide colocar um ponto final nos seus planos. Ela decide viajar para encontrar o Rei na sua fortaleza em uma aventura que inclui passeios em navios piratas e até cidades com ninjas e arenas de gladiadores.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alberto Hupsel: A fase de planejamento é sempre a mais difícil, em que você escreve e apaga umas duzentas ideias diferentes. Eu geralmente divido o

planejamento em três fases: história, personagens e capítulos. Na primeira fase eu sento na frente do computador, abro uma página no Word e começo a pensar no foco principal da história. Em *Apaguem Ela Agora*, esse foco foi mais fácil. Eu desde cedo queria que os personagens soubessem que fazem parte de uma história e eles enfrentam basicamente o próprio autor do livro. Eu sempre quis manter um tom cômico misturado com aventura e quebra da quarta parede, que é também quando o próprio personagem fala com o leitor.



A segunda fase foi um pouco mais complicada, quando comecei a elaborar os personagens. Demorei um pouco até chegar na Anna, uma mulher jovem, cheia de energia e com a língua bem afiada. Dei a ela alguns elementos que são citados algumas vezes na história, algumas vezes até em situações cômicas, como o penteado com trança que ela adora. Também fiz dela uma excelente cozinheira, que é outra perícia que acaba sendo importante em vários momentos da aventura. Sempre que eu adiciono particularidades como essas eu gosto que elas tenham alguma relevância a mais na história além de “ah, essa coisa está ali e é isso”.

Depois da Anna, comecei a elaborar outros personagens importantes.

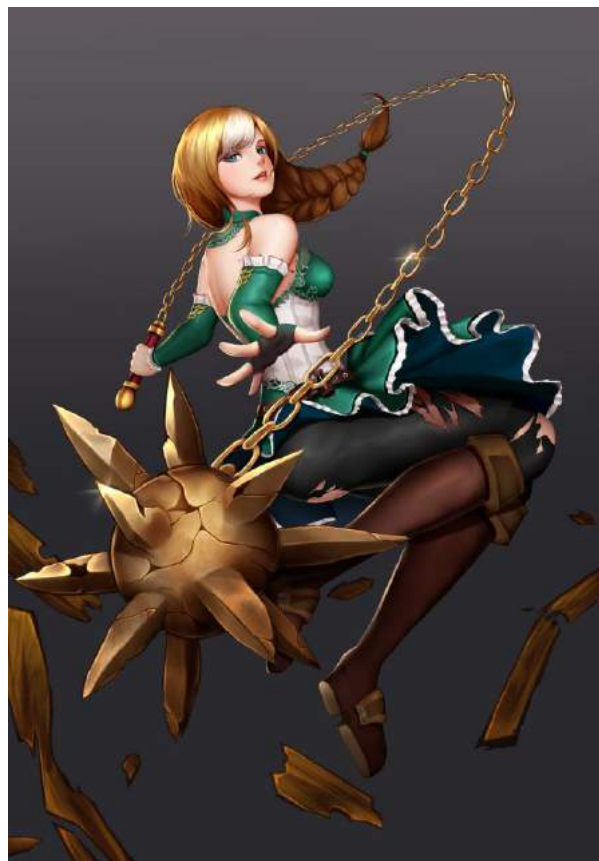
O segundo deles acabou sendo o “Primeiro Leitor”, um homem misterioso que vive enrolado em um manto e nunca mostra a sua verdadeira forma.

Enquanto a Anna é energética e faz as coisas muitas vezes sem pensar, o Primeiro Leitor é mais contido, sábio e funciona meio que como um tutor e Mestre Jedi para a nossa protagonista. Ah, e com esse nome há rumores de que ele até conheceu o verdadeiro criador de Aeris...

Outro personagem importante é a Makoto, uma mulher negra com longos cabelos azuis e roupas exóticas.

Ela foi uma das primeiras personagens criadas pelo autor do Mundo-Lá-De-Fora, mas acabou esquecida e abandonada. A Makoto tem temperamento forte e explosivo. Ao ser criada, o autor do Mundo-Lá-De-Fora fez com que ela fosse excelente em combate corpo-a-corpo e também uma expert com armas de fogo e espadas. Ah, ela também é musculosa e muito bonita. Infelizmente, tanta perfeição acabou sendo um tiro no pé. Aparentemente o criador de Aeris ficou entediado com ela e acabou deixando a Makoto de lado, o que fez com que ela acabasse esquecida e tendo que se virar sozinha.

Depois de ter os personagens em mente, é hora da última fase: planejar os capítulos. Eu começo a elencar os capítulos no computador e escrever o que vai acontecer em alguns deles. Algumas vezes escrevo poucos parágrafos para resumir cada capítulo, mas outras vezes acabo enchendo uma página inteira. Todo esse processo deve levar uns dois meses. Com tudo



resumido e fácil de acompanhar, finalmente é hora de começar a escrever.

Ah, mas nem tudo vai de acordo com os capítulos resumidos, claaaaaro. Então eu acabo fazendo várias mudanças e vida que segue. Para acabar todo o livro eu devo ter levado uns dez meses. Não escrevi todo dia, claro, mas alguns dias eu escrevia umas seis horas seguidas. Depois disso ainda tive períodos de revisão em que mudei uma coisa ou outra, mas a história mesmo ficou pronta em pouco menos de um ano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Alberto Hupsel: Vou compartilhar um trecho que aparece no início. É logo depois da Anna receber o título de protagonista e ganhar uma festa para celebrar a ocasião. A palavra

Protagonista, aliás, aparece em título maiúsculo no livro pois vários títulos e designações carregam um valor muito importante para os personagens.

É também neste trecho que a Anna abre um envelope contendo a sua primeira missão na nova carreira. Ela começa a elaborar formas de se tornar uma protagonista visualmente única para ser facilmente notada pelos leitores do Mundo-Lá-De-Fora, o que, em tese, poderia ajudá-la a ser famosa. Eu gosto desta passagem pois mostra que, mesmo sendo uma protagonista de um mundo fictício, a Anna não é capaz de fugir de burocracias que nós leitores também encontramos no nosso dia a dia.

Ele se afastou enquanto eu brincava com o meu cabelo. A mecha branca continuava ali e, sinceramente, eu planejava mantê-la para ter uma lembrança do dia em que me tornei uma Protagonista. Okay, certo, esse não era o motivo principal. Eu apenas gostava dos fios brancos e achava que eles me deixavam mais elegante. Mesmo que o Rei tivesse falado de brincadeira, eu pensei em mudar o meu visual para fazer mais sucesso. Talvez um par de óculos falsos e um cachecol? Não, não, o mundo não estava preparado para uma cozinheira hipster.

– *Está gostando da festa, Anna?* – Mestre Zaixon perguntou.

– *Sim, Mestre. Eu ainda quero ver o senhor dançando até o final da noite.*

Ele sorriu e apanhou um envelope fechado de dentro da roupa, entregando-o para mim em seguida.

– *O que é isso?*

– *É a sua primeira aventura como Protagonista. Vamos, abra e leia.*

Eu fiz como ele pediu. Arranquei o selo e apanhei uma carta escrita com letras garrafais.

“À Sra. Ana.

Parabéns por ter virado uma Protagonista. A sua primeira missão é ir até a Vila de Setimus e matar os homens-lagartos que vivem por lá. Boa sorte! PS: Esta carta também acompanha o boleto com a primeira mensalidade da Ordem dos Protagonistas, com vencimento para o próximo dia dez. O não pagamento implica o cancelamento do título de Protagonista e multa. Obrigado

Att.

Hestor Quir

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alberto Hupsel: Seguem alguns links referentes a *Apaguem Ela Agora*, onde é possível ler mais sobre a obra ou comprar um exemplar. Além disso, o meu instagram é @albertohupsel

Clube de Autores:
<https://clubedeautores.com.br/livro/apaguem-ela-agora>

Skoob:
<https://www.skoob.com.br/livro/1157520ED1158558>

Amazon:
https://www.amazon.com.br/Apaguem-Ela-Agora-Alberto-Hupsel-ebook/dp/B08736941M/ref=sr_1_1?__

mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=Apaguem+Ela+Agora&qid=1587435661&s=books&sr=1-1

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alberto Hupsel: Sim! Na verdade, estou na fase de planejamento do meu próximo livro, chamado... *Apaguem Ela Novamente!* Sim, é uma sequência de *Apaguem Ela Agora*. Quem sabe não escrevo um terceiro volume e fecho uma trilogia? Enfim, enquanto o primeiro livro mostra Anna em um cenário basicamente medieval, a sequência leva Anna e seus amigos para um mundo futurista e apocalíptico, com direito a computadores super avançados, robôs e (várias) outras surpresas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Apaguem Ela A--- ...O Senhor dos Anéis

Um (a) autor (a): J. K. Rowling

Um ator ou atriz: Harrison Ford

Um filme: Star Wars Episódio V: O Império Contra-Ataca

Um dia especial: Todos os dias marcados como sexta-feira no calendário. Já sabem a resposta para os dias não especiais, né?

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alberto Hupsel: Sim, comprem Apaguem Ela Agora! ...brincadeira (em parte). Quero agradecer a todos os envolvidos pela chance de dar uma entrevista. Também quero dizer que sou um grande fã de arte digital em 2D e em 3D, e desde o meu primeiro livro eu tenho entrado em contato com artistas de todo o mundo para que eles pudessem desenhar os personagens das minhas histórias. Tenho uma página em <https://www.artstation.com/hupsel> com várias artes de personagens recentes e mais antigos, que foram gentilmente produzidos por pessoas de talento incrível. E sim, várias versões da Anna podem ser vistas lá também. Obrigado!



LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I say, "I'm not sleeping."
at the white door
andle
all night.

ENTREVISTA COM A AUTORA

CARMEM APARECIDA GOMES

POR ADEMIR PASCALE



Carmem Aparecida Gomes nasceu no interior de Goiás, é filha de costureira e artesã, na infância onde enfrentou dificuldades financeiras estudou em grupos escolares (escola pública). Concluiu o Ensino médio através do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) em seguida cursou Pedagogia, Direito, Especializou-se em Ensino Superior e é Mestre em Educação. Começou a escrever em 2012, publicou suas obras literárias em 2015, hoje disponíveis em sites nacionais e internacionais. Suas obras: A Menina e o Tesouro, Os Sonhos Mágicos de Eloan, A Preguiça do Cumpade Zé Cochoxi, O Colecionador de Tatuagens, Amo Eternamente Uma Única Vez e seu livro poético solo Entre o Sacro e o Profano. Participou de várias Antologias Poéticas e em obras poéticas Coletivas no Brasil e Exterior. Tem um roteiro cinematográfico em avaliação e algumas singelas letras de músicas no site Vaga-lume. Em 2019 uma Revista Antológica a classificou e certificou como sendo uma das melhores poetisas do ano de 2019.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Carmem Aparecida Gomes: Sempre amei a escrita. Nos trabalhos em grupo nos meus cursos superiores sempre optava por ficar com a parte escrita. No meu cotidiano corrido e cheio de afazeres sempre ensejava escrever livros. Sou louca por livros. Amava a biblioteca da faculdade. Como estudiosa da Educação sempre achei que ali era o local ideal para se ministrar aulas. Assim que terminei o curso de Mestrado comecei a escrever meus livros. O meu primeiro é o queridinho dos Pedagogos de Goiás sendo

A Menina e o Tesouro uma obra para se trabalhar 'valores humanos' com crianças/alunos de 9/11 anos de idade.

Amo escrever e poetizar e não estou nesse 'meio' só por "faz de conta", quero me tornar uma imortal, ou seja, ficar para sempre na história.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Entre o Sacro e o Profano". Poderia comentar?

Carmem Aparecida Gomes: Sim. A obra ENTRE O SACRO E O PROFANO é uma obra de textos líricos belíssima. Alguns poemas foram publicados em grupos de poetas e poetisas, sendo uma

minoria. Os demais textos líricos são inéditos, sendo publicados somente no Livro poético o qual eu chamo de “Obra Poética Futurista”. A capa é uma arte ‘mui bela’.

Dentro da mencionada obra está o meu interior explicitando em textos líricos “o belo e o feio da alma do ser humano”. Acalmo os leitores amantes de textos líricos que planejo publicar outras obras poéticas em breve.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua Obra?

Carmem Aparecida Gomes: Na verdade não fiz pesquisas. Assim que escrevo um poema ou vários poemas eu os guardo num arquivo preparando o nascimento de UM LIVRO. E dessa forma eu tenho vários textos líricos divididos em três futuros livros poéticos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Carmem Aparecida Gomes: Não posso destacar SÓ um trecho do livro, me sinto abandonando os demais ‘filhos’. O Livro Entre o Sacro e o Profano é todo muito especial.

Eu cito como ‘destaque’ o micro conto na página 089 “A RIQUEZA DA POBREZA”. A referida história com um fundo moral nos leva a refletir nossa existência e comportamento como humanos. Eu Convido o leitor para conhecer lendo o Livro “sem” moderação.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?



Carmem Aparecida Gomes: O Livro ENTRE O SACRO E O PROFANO está disponível nos sites Drago Editorial (inclusive como obra destaque) e também nos sites Casas Bahia, Extra, Bok2 e em breve nos demais sites como Amazon e outros.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carmem Aparecida Gomes: Sim. Tenho vários textos para publicar dentre eles infantil, juvenil, romance, contos e três obras poéticas ainda nos formatos de textos. Estou aguardando a passagem do que chamo de ‘tempos difíceis’ e pretendo continuar a publicar minhas obras

literárias. Oro a nosso senhor Jesus Cristo todos os dias e tenho esperança que tudo vai ficar bem para o mundo todo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Para o atual momento “O PRINCIPE (1513)”

Um (a) autor (a): NICOLAU MAQUIAVEL

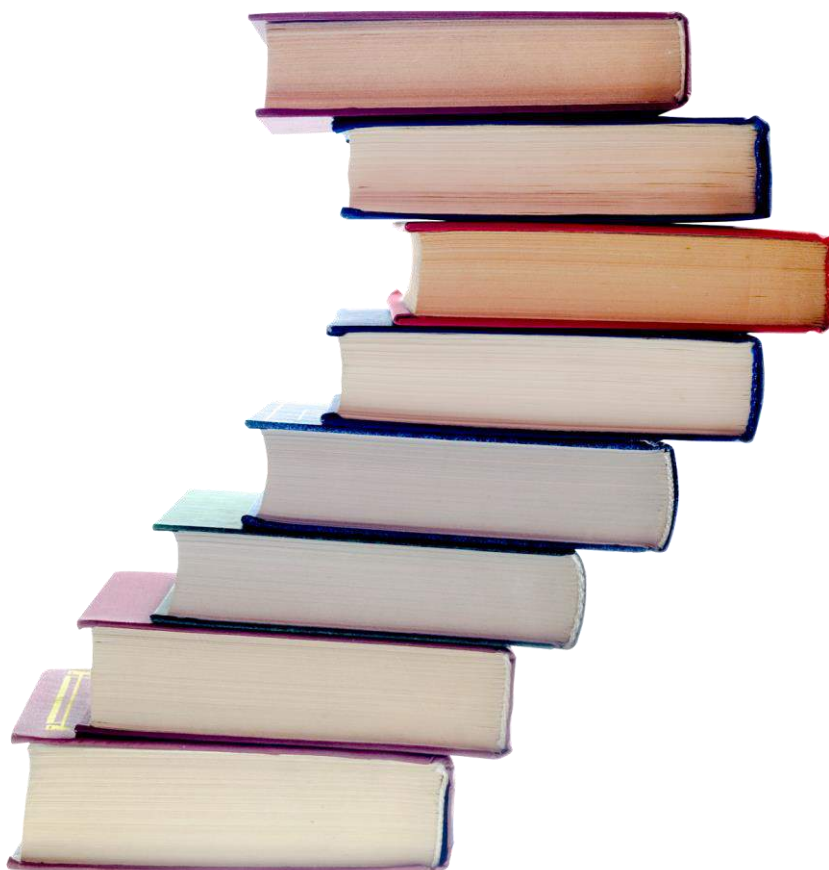
Um ator ou atriz: O ‘grande’ ANTHONY HOPKINS

Um filme: O PODER DA LEI (2011) MATTHEW MCCONAUGHEY

Um dia especial: O ultimo dia da Quarentena mundial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

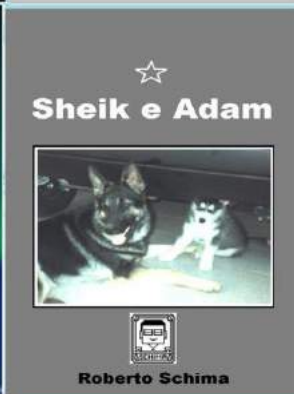
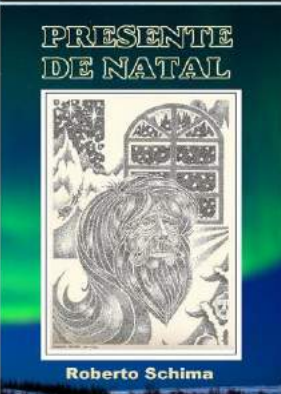
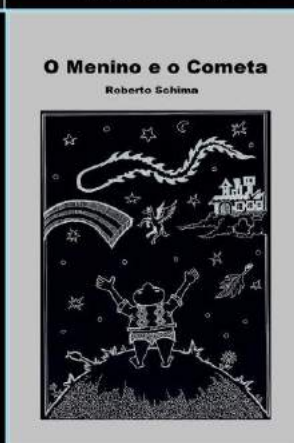
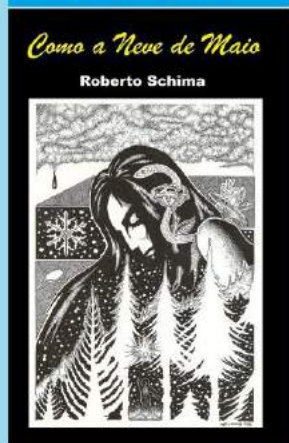
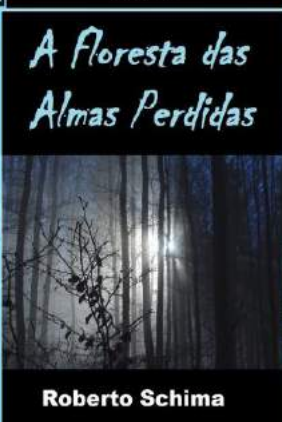
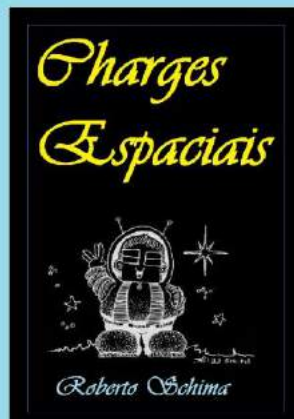
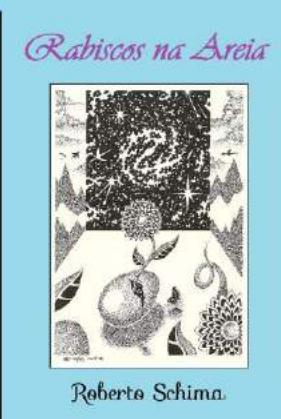
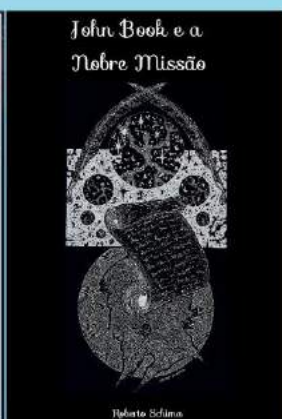
Carmem Aparecida Gomes: Que nós escritores e poetas não deixamos jamais de escrever e poetizar. E da mesma forma que os Cientistas não desanimem ao buscar a ‘cura’ através de seus estudos e pesquisas para a humanidade. Que Deus nos abençoe.



Para adquirir o livro *Entre o Sacro e o Profano*, acesse: www.dragoeditorial.com

Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

ENTREVISTA COM O AUTOR

GLAUCO J. S. FREITAS

POR ADEMIR PASCALE



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Glauco J. S. Freitas: Tardio. Acho que isso resume. Nunca tinha realmente lido nada por vontade própria, e enrolava mesmo as leituras obrigatórias da escola. Só fui me tornar um leitor as vinte anos, quando um primo me presenteou no natal com “O Último Reino”, de Bernard Cornwell. Lembro que, na época, a série tinha recém-lançado o sexto volume e eu li todos naquele mês de janeiro. Foi um rombo na carteira, mas acho que hoje dá pra olhar pra trás e considerar um investimento.

Apesar disso, eu já flertava com essa coisa de “escrever”. Fizemos um livro para um evento no colégio em que fui o escritor, eu e um amigo passávamos as aulas de matemática escrevendo o que um dia, imaginávamos, se tornaria um mangá – não façam isso, crianças – , e,

por fim, ainda no ensino médio, decidi que queria ser roteirista.

É claro, porém, que era tudo muito amador, e sem uma base literária mais sólida, dá pra imaginar a desgraceira que ia pro papel. Ainda assim, eu realmente gostava daquilo e, quando ganhei o livro algum tempo depois, foi como um “click”.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros "O Exército de Imortais" e "A Alcateia". Poderia comentar?

Glauco J. S. Freitas: A Alcateia foi a primeira obra que eu senti que era suficientemente boa pra arriscar publicar. Claro, ela levou uns cinco anos, no total, pra ficar pronta e foi reescrita do zero pelo menos umas três vezes. Quando eu me encaminhava pro terço final do livro, descobri que um concurso de ebooks estava em aberto e faltava menos de um mês para o prazo.

Acho que a gente só se empenha mesmo quando a água bate na bunda. Ainda assim, não consegui terminar o livro até dois dias após o término do prazo, mas acho que valeu a pena ou eu talvez nunca tivesse realmente terminado o livro – ou não teria chegado a um final tão apoteótico e satisfatório. Acabei publicando a obra em ebook assim mesmo, no finalzinho de 2016.

Nunca fui um bom vendedor do meu próprio trabalho, mas *A Alcateia* recebeu algumas boas resenhas e aquilo serviu de combustível pra seguir o trabalho.

Logo depois, dei início à série *Folclóríka*, que como o nome sugere, é uma high fantasy inspirada no folclore brasileiro. Lancei o primeiro livro, *O Exército de Imortais*, pela Editora PenDragon. Tenho que admitir que, no começo, a história se ambientava numa fantasia muito mais genérica e, na verdade, eu a escrevi só pra dar vazão àquilo que estava na cabeça. Porém, quanto mais eu escrevia, mais eu gostava daqueles personagens e, quando o livro já se aproximava da metade, resolvi que era hora de dar uma personalidade mais forte à tudo.

Foi quando surgiu a ideia de ambientar o universo que eu havia criado no folclore brasileiro. É claro, tive que reescrever boa parte do livro, mas quanto mais vida *Akakor* ganhava, melhor a obra me parecia.

No fim, uma história escrita só por diversão se tornou minha primeira obra publicada por uma editora.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Glauco J. S. Freitas: *A Alcateia*, na verdade, precisou de pouco pesquisa. O livro se passa em Curitiba, minha cidade, então essa parte foi fácil. Agora, a parte do sobrenatural, do misticismo e da mitologia, exigiu mais imaginação e adaptação do que pesquisa. Não sou um conhecedor dessas questões, por assim dizer, mas um “entusiasta”.

Peguei o pouco que sabia sobre magia do caos, goethia e espiritismo e construí uma mitologia própria em cima disso. Agora, apesar de não ter tido muito contato com livros policiais, tive minha cota de filmes e séries do gênero.

Já *O Exército de Imortais* teve uma pesquisa extensa, indo de lendas e mitos do nosso folclore – que vai muito além de Monteiro Lobato e o pouco que a gente aprende na 5ª série – até um dicionário de Tupi-Guarani Antigo.

Claro, quem ler *O Exército* vai conhecer tanto sobre as lendas que inspiraram o livro quanto quem ler a obra de Eduardo Spohr vai saber sobre a Bíblia, mas acho que isso é algo explícito quando se trata de high fantasy.

A Alcateia levou quase cinco anos para ser escrito, desde o primeiro rascunho, até a obra final. Já O Exército teve seus quatro primeiros capítulos escritos em uma única noite, e levou quase um ano para se moldar no que se tornou a obra final.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

Glauco J. S. Freitas: Tem dois trechos de A Alcateia que eu acho especiais.

Primeiro o momento em que Matsui usa um misto de magia do caos e ritual cristão para aprisionar uma entidade num antigo orfanato, e o momento em que Patrezi enfrenta uma criatura enquanto rola Whitesnake no rádio e toda a perseguição de carro subsequente a isso. É a parte que eu sempre releio quando pego o livro para folhear.

Já em O Exército de Imortais, tem uma passagem em que Rael e Qehrana encontram um grupo de mapinguarys no Monte Nhaminiwi que sempre é citado pelas leitoras, mas eu acho que sempre que o Andurah aparece ele rouba a cena.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Glauco J. S. Freitas: Pra adquirir é fácil, a PenDragon tem parceria com a maioria das lojas virtuais, além de ter os livros disponíveis em seu próprio site – inclusive fazendo um combo pra quem quiser as duas obras. E pra quem quiser saber mais sobre meu trabalho, eu uso principalmente o Instagram pra divulgação e pra contato.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Glauco J. S. Freitas: Vários. Eu tenho um sério problema em focar numa obra só, então eu começo a trabalhar em um livro, paro e começo outro, depois volto pro primeiro, etc, etc, etc.

No momento, tenho outras duas obras com Matsui e Patrezi em andamento – sempre histórias independentes e fechadas – e a série Folclórica terá cinco livros: o segundo está pronto e o terceiro, pela metade.

Outra obra iniciada é O Maquinista, que é minha obra mais ambiciosa.

Quem souber procurar acha trechos e detalhes pelo Facebook e pelo Instagram, mas por enquanto, prefiro não divulgar nada oficialmente.

Perguntas rápidas:

Um livro: Contato – Carl Sagan

Um (a) autor (a): Bernard Cornwell

Um ator ou atriz: sempre digo que se
você tiver que ser uma pessoa, sempre
seja a Meryl Streep

Um filme: Seven

Um dia especial: o dia que meu filho saiu
da UTI-Neo

**Conexão Literatura: Deseja encerrar
com mais algum comentário?**

Glauco J. S. Freitas: Acredito que a
literatura fantástica nacional finalmente

descobriu sua identidade. Passamos de
tentar replicar aquilo que líamos de fora e
passamos a criar algo que nos é próprio.
É por isso, a meu ver, que a fantasia
nacional tem ganhado tanto espaço nos
últimos tempos. Se você nunca leu uma
obra de fantasia brasileira – ou se já leu, e
não foi de seu agrado – recomendo que
dê uma – ou mais uma – chance.
Obrigado pelo espaço e obrigado a você
que leu até aqui.



Instagram do autor: <https://www.instagram.com/glaucojsfreitas>

POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieitorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM O AUTOR

JP SANTSIL

POR ADEMIR PASCALE



Jp Santsil nasceu em Salvador, capital do Estado da Bahia, tendo se dedicado mais da metade de sua vida a projetos de ativismo social, educacional, cultural e ecológico com crianças e jovens em estado de risco e extrema pobreza nas favelas e comunidades carentes do Brasil e Ecuador. Atualmente vive e é cidadão do Estado de Israel, oriente médio asiático, onde se dedica a projetos ecologicamente sustentáveis, e em particular, numa mesinha de sua casa em sua espiritualidade tenta criar um mundo novo mais ou menos perfeito em sua paixão por escrita e amor a literatura.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Jp Santsil: Saudações a todos. Tive início na escrita aos 14 anos de idade, quando um casal de poetas foram fazer uma oficina de poesia em minha escola. Participei dessa oficina que durou um mês, resultando numa pequena e simplória antologia em que escrevi o meu primeiro texto criativo. Depois aos 17 anos me tornei cantor de Rap (MC) em que escrevia minhas próprias letras, poesia cantada. Daí, comecei a escrever contos, crônicas até resolver escrever meu primeiro romance de ficção histórica: O FILHO DAQUELA QUE MAIS BRILHA. Vejo a escrita como a

primeira tecnologia de programação da humanidade, em que se perpetuam culturas, religiões, leis e governos ao longo do nosso trajeto histórico civilizatório. E posso compreender o poder que ela tem de perpetuar a história da humanidade, e por isso, fui motivado a escrever.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O filho daquela que mais brilha” (Editora Chiado). Poderia comentar?

Jp Santsil: Esta obra é fruto de uma vasta pesquisa histórica e sapiência de vida, a qual contém segredos e mistérios tanto acadêmicos, quanto espirituais, base de meus estudos culturais, como um

mestiço latino-americano brasileiro e cidadão do mundo. E dos meus estudos espirituais, como ser humano em plena expansão de consciência, nos muitos ensinamentos das culturas africanas, nativo-americanas e do Mediterrâneo asiático e africano. A obra contém não só os muitos ensinamentos dos judeus cabalísticos e Essênios, cristãos gnósticos, europeus alquímicos, ameríndios (andinos, amazonenses e costeiros), como, também é óbvio, as culturas africanas ancestrais dos Yorubas e Mandinkas. E, é claro, toda a cultura dos conhecimentos quilombolas dos afro-brasileiros. Devido ao fato dessa história ser ainda inconveniente para a moderna sociedade brasileira, tive resistências de algumas grandes editoras brasileiras em publicá-la. Porém, ao lançá-la pela Editora Chiado e, por estar disponível no Kindle Amazon, estou obtendo muitas respostas positivas e surpreendentes por parte do público em geral. Eu, praticamente, cresci ouvindo histórias e escutando músicas a respeito do Quilombo e Zumbi dos Palmares. Nasci em Salvador, capital da Bahia, o verdadeiro centro da cultura afro-brasileira. A capital baiana é a cidade com maior número de descendentes de africanos no mundo, seguida por New York, majoritariamente de origem iorubá e congoleza, vindos da Nigéria, Togo, Benim e Gana, Congo e Angola. Depois da ditadura militar (1985), os blocos afros como Ilê Aiyê (1974), o Malê Debalê (1979), Olodum (1979), Muzenza (1981),

Cortejo Afro (1998) e o Bankoma (2000) se reergueram na capital baiana, onde as suas maiores inspirações para as letras dos seus enredos foi Palmares e seus heróis. Isso contribuiu muito para minha inspiração desse meu primeiro livro. Reuni todos os fatos históricos, junto a uma bela ficção imaginativa, interligando os muitos personagens históricos da época. Veracidade reunida a fantasia, isso é teoria histórica; retratando que toda história que nos é relatada nas escolas e universidades e nos demais grupos de estudos sobre Palmares não passa de teoria e imaginação dos poucos historiadores que escreveram sobre o caso. Na História não se sabe ao certo quem foi Zumbi, ou Ganga Zumba, ou se esses personagens foram os mesmos. Até porque naquela época Palmares já era uma incógnita, e as poucas informações vieram de alguns bandeirantes e sertanistas que ousaram invadir o Quilombo. Tudo relatado por meio de poucas cartas “um tanto fantasiosas”, para contar os seus feitos e bravuras de guerra. A história real é realmente irreal, engodo e fantasia. Os desafios foram muitos. Desde a construção de um ambiente geográfico, até o desenrolar de toda essa história de que não se tem muitos relatos históricos. Só para se ter uma ideia, ao quebracabeça histórico do Quilombo dos Palmares falta 80% de suas peças, das quais 15% são relatos dos bandeirantes, sertanistas e alguns governantes, e o restante, 5%, são alguns “fatos

históricos” dentro desses soberbos relatos em que os colonos portugueses auto vangloriavam-se nas suas invasões em Palmares e na captura de alguns de seus líderes. Então, temos 80% de muito engodo e fantasia sobre o Quilombo e seus personagens. Aí é que entra a minha criatividade ao recriar todo um ambiente e mundo, coligando outros personagens históricos, continentes e reinos, e demais situações da época, preenchendo as lacunas desse quebra-cabeça histórico com uma bela e inteligente ficção, e muita espiritualidade por parte de um dos protagonistas o ancião GRIOT Djeli.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Jp Santsil: 7 anos em pesquisa com viagens a Lisboa, a África e Amsterdam. 4 anos de escrita. Em que sempre me questioneei profundamente: O que há de engodo? O que há de verdade nessa história? Esta obra relata não só a história do Quilombo dos Palmares, seus

líderes e oponentes. Revela fatos ocultos da descoberta e fundação do Brasil. Que vai desde a Europa Medieval, a inquisição católica e o aculturamento dos judeus sefarditas em cristãos-novos, e os movimentos criptojudeus libertários até a África e seus originais impérios africanos, desembarcando em terras dos nativos e originais povos das florestas tropicais sul-americanas, classificados como índios pelos cristãos ibéricos europeus. Relata, também, a colonização espanhola

e holandesa na Capitania de Pernambuco, que compreendia os atuais estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas e a porção ocidental da Bahia. E nos conta uma história de amor e luta, esperança, liberdade e crenças messiânicas em um período trágico da história brasileira. Nenhum outro livro revela a fantasia que virou realidade, e a verdade que se transformou em engodo como este. Esta Obra é um romance de ficção histórica, mas que preserva 100% dos fatos verídicos, revelando segredos acadêmicos, desmistificando os achismos



e impressões dos historiadores, seus objetivos e discursos manipulatórios.

Também, desmascara a fantasia criada pelos diversos movimentos de ativismo-político negro, em que eliminaram da história a presença de brancos em Palmares, e criaram personagens exóticos para defenderem seus interesses e critérios de gênero. Não agradando nem a gregos e, nem a troianos, nem a “pretos” e, nem a “brancos”, mas buscando relatar um pouco de verdade histórica, sem manipulações partidárias de raça e todo o seu conceito. Este livro é um documento animado, dramatizado e romantizado, sem partido, dando aos personagens históricos emoção e vida.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Jp Santsil: O livro tem vários momentos especiais, Porém, deixo um trequinho de um dos aprendizados que N’zambi tem com o seu tutor e Guia Espiritual o ancião GRIOT Djeli: “...Djeli, vendo que só deixou o jovem mais atordoado, lhe contou uma parábola:

— Um certo andarilho caminhante se perdeu nos confins de um grande deserto. De muito andar sob o sol escaldante, e já sem suprimentos de água e alimentos, resolveu procurar um lugar com sombra para descansar. Caminhando mais um pouco, ele encontrou uma grande rocha que fazia uma imensa sombra. Ele se acomodou

sob essa sombra, se recostando na rocha. Então, ele pensou: “que bom é essa sombra, agora só me faltava uma moringa cheia de água fresca. E nesse mesmo instante em que ainda pensava, plin! Apareceu-lhe uma moringa cheia de água fresca. Sem muito pensar ou questionar, o andarilho sedento apanhou a moringa e saciou a sua enorme sede. Então, ele pensou novamente: Que bom é essa moringa de água fresca, agora só me falta um belo banquete. Enquanto ainda pensava, plin! Surgiu do nada uma mesa repleta de todas as iguarias que ele gostava. Morto de fome e sem muito pensar ou questionar, o andarilho se pôs a comer. Saciado da sede e da fome, o andarilho olhou para a grande rocha e disse consigo mesmo: que benção foi de encontrar essa rocha encantada. E nesse mesmo instante em que pensara a rocha iluminou-se em majestade e encanto.

Nisso, quando a grande rocha se iluminou, um bando de corvos atraídos pelo seu brilho pousou sobre ela e começou a grasnar. O andarilho caminhante, vendo isso, se espantou e logo pensou, questionando: “e se essa rocha for um demônio do deserto disfarçado?” E no mesmo instante em que pensava isso, a rocha se transformou num grande e horrível demônio. Quando ele viu aquela figura horrorosa, imediatamente pensou: “maldição! Esse demônio vai me devorar.” E, sem ao menos completar esse pensamento, o demônio o devorou.

Djeli virou-se de frente para N’zambi, olhou profundamente nos seus olhos e lhe perguntou:

— Agora me diga, meu jovem príncipe de Palmares, quem foi que proporcionou a esse andarilho caminhante todas as bênçãos e maldições no decorrer do seu caminho?

— Foi ele mesmo, Djeli. Através dos seus inúmeros pensamentos, interpretações e sentimentos de bem e mal.

— Assim são os nossos pensamentos, desejos e sentimentos de bem ou mal. Livre-se da culpa e do julgamento repentino, meu jovem, e você se livrará também do medo. Pois o medo é a fonte de toda maldade, desgraças, separação e ignorância que insiste em reinar na terra. Se você não matar esse medo que existe dentro de você, ele te matará. Também não se preocupe de não ter entendido completamente as minhas palavras, elas são como sementes férteis que ao seu tempo brotarão.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jp Santsil: Todas as informações a respeito da obra estão no meu website: <https://www.jpsantsil.com> e vos deixo o BookTrailer: <https://youtu.be/z820YlqkytY>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jp Santsil: Claro que existe! Porém, uma coisa de cada vez. Agora estou concentrando minhas energias na divulgação do: O FILHO DAQUELA QUE MAIS BRILHA. Mas a escrita não para... estou participando de antologias, e mantendo uma coluna quinzenal no Portal Literário Ruído Manifesto, em que publico contos e crônicas. E agora com a Quarentena, devido ao Covid-19, a criatividade ganhou tempo para processos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Les Misérables (Os Miseráveis)

Um (a) autor (a): Miguel de Cervantes Saavedra

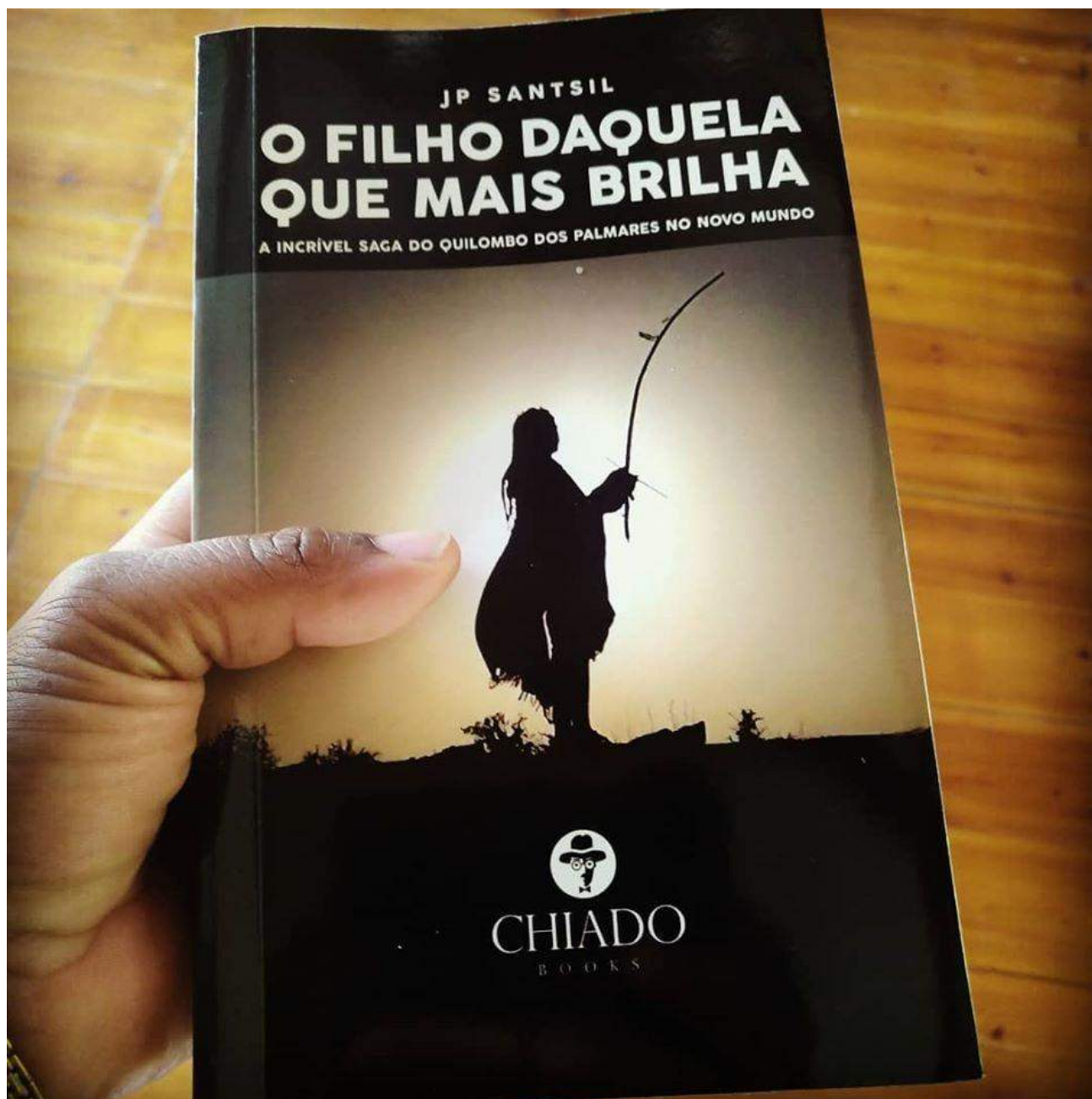
Um ator ou atriz: Sotigui Kouyaté

Um filme: Dances with Wolves

Um dia especial: 28 de agosto de 1963

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jp Santsil: Acredito que a ação faz a inspiração, porém, é claro há momentos criativos. Escrever para mim é como um constante fluxo das águas de um rio, que apesar de despojar-se no mar nunca o transborda. Há de ser criativo e expressar criatividade... Aproveitem seus dias de isolamento social, para liberar esse dom divino que há dentro de cada um. CriActive-se!!!



SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS:

Instagram: <https://www.instagram.com/ofilhodaquelaquemaisbrilha/>

Facebook Page: <https://www.facebook.com/oFilhoDaquelaQueMaisBrilha>

Facebook: <https://www.facebook.com/jpsantsil>

Livro no Skoob: <https://www.skoob.com.br/livro/923953ED930507>

ENTREVISTA COM O AUTOR

EVANDRO NUNES

POR ADEMIR PASCALE



EVANDRO NUNES, nasceu em Caruaru, PE. Formou-se em Administração pela Faculdade Estácio de Sá. Foi professor na cidade de Itaíba, PE, em seguida ingressou no Banco do Brasil, aposentando-se após 35 anos dedicados à carreira bancária. Cordelista, poeta, contista e romancista. Suas conquistas literárias são poesias e contos publicados em várias antologias, blogs e revistas literárias. Atualmente vive em São Luís, MA. Contato com o autor: evandronunesbb@gmail.com

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Evandro Nunes: Escrever é minha maneira de interpretar a visão que tenho do mundo. Sempre fui um ávido leitor e entrei na literatura pela porta da poesia de cordel. Publiquei vários cordéis. Essa experiência me estimulou a escrever. Diria que escrever está sendo algo que alegra, a cada dia, o meu viver.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Funeral da Prostituta”. Poderia comentar?

Evandro Nunes: “O Funeral da prostituta” é um romance

contemporâneo que narra a história de Maria, uma menina pobre que nasceu e cresceu na roça, personagem principal do livro.

Essa narrativa literária passa por diversos temas, como carência afetiva, pobreza, luta e fé, com uma envolvente trama e um final surpreendente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

Evandro Nunes: Muita leitura, entrevistas e a experiência de um passado boêmio ajudou muito na construção de “O FUNERAL DA PROSTITUTA”, que consumiu quase uma década de minha vida.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Evandro Nunes: Depois de deixar a igreja, o cortejo fúnebre seguia lentamente pelas ruas de Águas Belas, subindo a ladeira. Nesse trajeto, alguns curiosos estavam parados ao longo da calçada, outros estavam debruçados no parapeito da janela apenas para vê-lo passar, enquanto se contava pelos dedos das mãos às pessoas que seguiam ou precediam o esquife que subia a rua em direção ao campo santo.

Não era um funeral concorrido, mas aos poucos, à medida que o caixão passava pela rua, quem estava à toa ia juntando-se ao cortejo e o calçamento pouco a pouco era tomado de gente. Essas pessoas indiferentes queriam apenas fugir da monotonia daquele lugar. Era o que se lia nesses rostos que iam acompanhando a morta.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?



Evandro Nunes: O livro poderá ser adquirido nas lojas parceiras da Editora Katzen:

Magazine Luiza (<https://www.magazineluiza.com.br/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora>);

Lojas Americanas (<https://www.americanas.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>);

Shoptime (<https://www.shoptime.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>);

me.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro);

Submarino

(<https://www.submarino.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Evandro Nunes: Temos um romance concluído: OS CASTIGADOS, e um livro de contos em produção. Este deverá ser intitulado de “O ÉBRIO DOIDO NA CASA DAS PUTAS E OUTRAS HISTÓRIAS”.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Bíblia

Um (a) autor (a): Graciliano Ramos

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

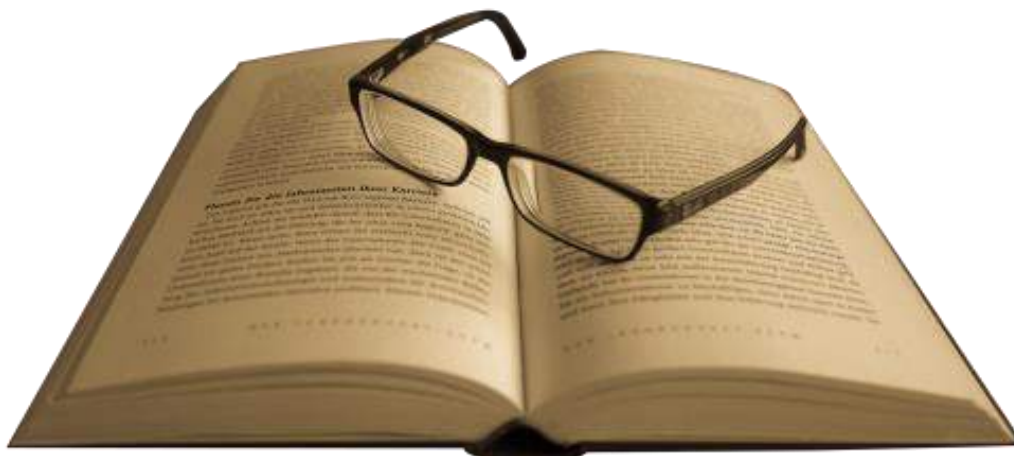
Um filme: Cinema, Aspirinas e Urubus

Um dia especial: 02 de dezembro (dia do meu aniversário)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Evandro Nunes: Leiam o livro “O FUNERAL DA PROSTITUTA”.

O livro muda as pessoas. Leia mais para ser mais! (Editora Martin Claret).



O livro poderá ser adquirido nas lojas parceiras da Editora Katzen:

Magazine Luiza: <https://www.magazineluiza.com.br/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora>

Lojas Americanas: <https://www.americanas.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>

Shoptime: <https://www.shoptime.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>

Submarino: <https://www.submarino.com.br/produto/1618058212/o-funeral-da-prostituta-katzen-editora-livro>

ENTREVISTA COM O AUTOR

LUCAS DELO SANTOS

POR ADEMIR PASCALE



Lucas delo Santos nasceu em Monte Santo de Minas, em 12/08/1986. Aprendeu sedo o ofício da luta do campo. Filhos de pais produtores de café. Formou em ADM. pelo UNIFEG não veio a exercer tão árdua profissão. Foi nas páginas das grandes obras literária que Lucas encontrou seu caminho, devorando a sabedoria dos grandes mestres e decifrando códigos e segredos; fez da sua vida uma verdadeira luta diária para desbravar o desconhecido, e se entregar as pequenas palavras para contar grandes histórias. Como sempre diz “uma soba boa é soba de letrinhas, regado com bastante palavras, frases, textos formando um livro, a fonte de conhecimento para qualquer ser humano”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Lucas Delo Santos: Sempre gostei muito de criar, principalmente a arte da escrita. Com isso sempre esbocei pequenos rascunhos nos cantos dos cadernos, em épocas de escolas. Estudei, me formei em Administração de empresas pelo UNIFEG. Com tudo não vir a exercer tal profissão, mais com o curso universitários consegui abrir novas portas para meu próprio conhecimento. Meus pais, produtores de café no município de Monte Santo de Minas – MG, sempre me apoiaram em minhas decisões. É foi no

último ano de faculdade em 2010 que resolvi criar minha primeira obra literária. Scarface. Dando início a minha jornada dentro do universo literário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Scarface - O ressurgir das sombras”. Poderia comentar?

Lucas Delo Santos: Meu primeiro trabalho literário. Tive a ideia numa epifania durante uma de minhas aulas da faculdade. Último ano, é a gente começa a pensar no futuro e no rumo que queremos para nossa vida. Na época já estava chegando aos 25 anos, e precisava decidir qual caminho iria trilhar dali para

frente. Como sempre li, encontrei na escrita uma maneira de contar minhas próprias histórias. E foi a partir daquele momento que decidi que era aquilo que queria para minha vida. Me formei, claro, concluí o curso de adm. Com tudo meu caminho foi outro. A partir desse momento Scarface começou a ganhar forma.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Lucas Delo Santos: Pra falar a verdade não pesquisei muito. Tinha uma ideia, e apenas comecei a esboçar pequenos rascunhos; aos poucos os textos começaram a virar capítulos, e daí por diante, foi apenas colocar tudo no papel. Quanto comecei a história, ela tinha um caminho que queria trilhar, a verdade era que queria contar a respeito de um personagem onde seria visto perante todos como um traidor. Uma pessoa sem escrúpulos. Este personagem no caso Scarface, passariam a ser um fugitivo, onde ninguém o veria com belos olhos. Com tudo depois do terceiro capítulo do livro, a história precisava ganhar corpo e intriga, com isso uma nova leva de

personagens, acontecimentos que liga o passado de todos, começam a ganhar forma. E o que seria uma obra para um

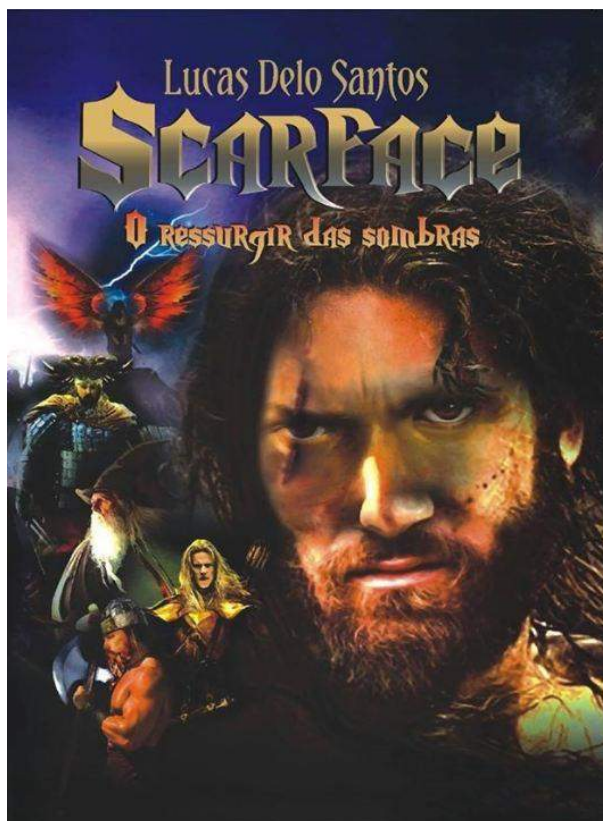
pequeno livro, se tornou uma trilogia, onde cada livro se divide em duas partes. Esta é apenas a primeira parte do livro um, “O ressurgir das sombras”.

Levei três anos para concluir as duas partes do livro um. Levei este tempo por que no último ano de faculdade tive que me dedicar em construir meu TCC, que me tomou bastante tempo. Nos anos

seguintes tinha que trabalhar junto a meus pais nas lavouras de café, por isso também não tinha muito tempo. Escrevia nas horas de folgas, e de tranquilidade. Além de que não queria correr com a escrita, queria contar uma história de uma maneira bem trabalhada e bem detalhada, buscando a fidelidade e a originalidade dos aspectos que estavam em minha mente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Lucas Delo Santos: Um fugitivo correndo pelo deserto encontra-se diante



de um dilema. Fugindo de uma guerra o jovem percorre as altas planícies do deserto de Kohl, infinitos campos áridos e enormes distâncias de banco de areias e grandes montanhas pliocênico aluviais e vales profundos e total escassez de água, seria basicamente impossível a existência de algum tipo de vida nesse local. No entanto o jovem continuava a seguir por este caminho sem rumo e sem um destino específico.

A guerra se estourava ao norte entre o reino de Dhan'hilos e o reino de Mevis, o jovem que fugira, era a esperança do reino de Dhan'hilos, ele era considerado entre seu povo o mais perfeito dos guerreiros, e agora os abandonavam, deixando-os em grande dificuldade, mais neste momento o jovem guerreiro que caminhava a passos lentos pelo deserto não pensava nisto

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Lucas Delo Santos: A Primeira parte do livro um já está disponível no site da Amazon, apenas do formado e-book, e pode ser lido gratuitamente. Dentre esse tenho outros trabalhos nas categorias contos e poesias publicados em antologias, onde participei de concursos literários e tive a grande honra de ser um dos privilegiados a compor a obra. Meus contos

Telefone: (35)9 9223-8864 whats app.

Facebook: Lucas Delo-Santos

Instagram: lucas_delo_santo

Twitter: @Lucas_deloSanto

e-mail: lucassantos21mg@hotmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lucas Delo Santos: Sim. Terminar a segunda parte do livro dois do Scarface e finalizar a livro três. Tenho mais três outros livros prontos. Que no momento busco oportunidade de alguma editora para publicação. E sim, tenho vários outros projetos em mente. O que me falta é tempo e incentivo profissional (risos)

Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Quixote

Um (a) autor (a): Dan Brown

Um ator ou atriz: Ator: Tom Hanks, Atriz: Meryl Streep

Um filme: Senhor dos Anéis

Um dia especial: 27 de setembro, o dia que ganhei uma nova vida.

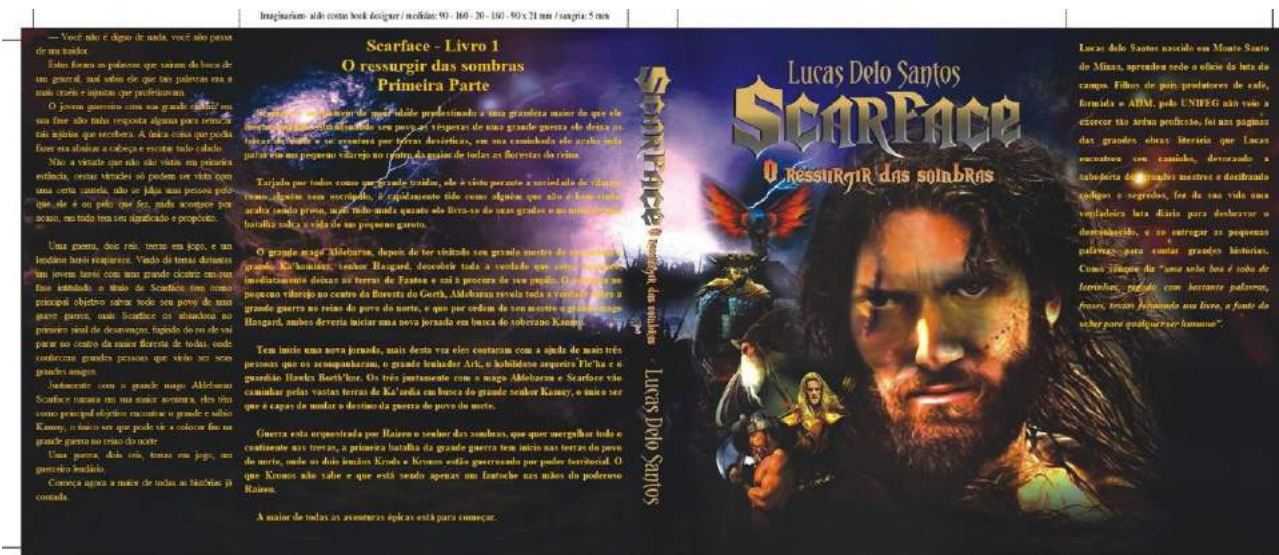
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lucas Delo Santos: Gostaria de agradecer imensamente pela oportunidade.

É uma grande honra participar desta entrevista e poder contar um pouquinho

mais sobre meus trabalhos. E de poder estar divulgando meu primeiro livro. Uma vez mais meu muito obrigado pela oportunidade.

Agradeço imensamente. E felicito pelo magnífico trabalho da revista conexão literatura, estão de parabéns. Obrigado.



Para adquirir o e-book, acesse:
<https://www.amazon.com.br/Scarface-ressurgir-sombras-Livro-Parte-ebook/dp/B07Z4JG17P>

Participe OS TRÊS MELHORES CONTOS



O **três melhores contos** serão publicados na edição de junho/2020, da Revista **CONEXÃO LITERATURA**, com direito a entrevista com os três autores.

LEIA O REGULAMENTO EM:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Uma parceria



LIVRO DESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

— conexão —
Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



www.facebook.com/conexaoliteratura

ENTREVISTA COM A AUTORA

VERA CARVALHO ASSUMPÇÃO

POR ADEMIR PASCALE



Vera Carvalho Assumpção nasceu e vive na cidade de São Paulo. Foi premiada em diversos concursos de contos. Criou o detetive Alyrio Cobra, paulistano que atua na cidade de São Paulo e protagoniza os livros: Paisagens Noturnas, Rigor da Forma, Peças Fragilizadas, Royal Destiny (finalista no 1º. Concurso ABERST de literatura), Serpente Tatuada, Mandalas Translúcidas e Imagem Restaurada.

Em 2016 esteve presente na BAN Buenos Aires Negra falando sobre: Cocaína, a rainha das drogas e as investigações do detetive Alyrio Cobra. Em 2018 participou do PORTO ALEGRE NOIR coordenando a mesa “Detetives de ficção: ontem e hoje” Em 2019 participou da “Quinta Noir” na FLIPOÇOS. 2020 foi vencedora do Concurso Ecos da Literatura na categoria e-book.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Vera Carvalho Assumpção: Entrei nos meios literários ainda no final do último milênio. Escrevi diversos contos que foram premiados em concursos e foram publicados em antologias, inclusive a antologia GeraçãoSubZero. Até que resolvi me aventurar pelo romance e escolhi o gênero policial. Em 2003 foi publicada a primeira investigação do detetive Alyrio Cobra, PAISAGENS NOTURNAS pela Editora Landscape. Desde então já são 7 (sete) as

investigações publicadas. Posso dizer que Alyrio Cobra já é uma série de romances policiais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Paisagens Noturnas”. Poderia comentar?

Vera Carvalho Assumpção: Como eu disse na pergunta anterior, PAISAGENS NOTURNAS foi a primeira investigação do detetive Alyrio Cobra. Em 2003, o livro foi publicado pela editora Landscape que pretendia se especializar em romances policiais. Infelizmente a editora fechou. Depois disto, Paisagens

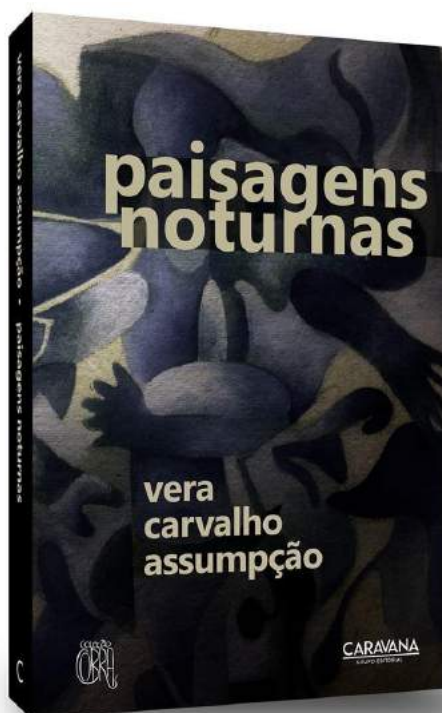
Noturnas esteve em outras editoras. Agora o Grupo Editorial Caravana vai publicar toda a coleção do detetive Alyrio Cobra. Inclusive criou o selo Cobra para fazê-lo. Paisagens Noturnas foi muito bem revisado e tem uma capa nova, muito moderna.

Conexão Literatura:
Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua coleção?

Vera Carvalho Assumpção: Alyrio Cobra é um detetive que agora tem um selo e não sei quando a coleção vai terminar. Gosto muito dele e tenho em mente outras investigações para que ele mostra suas habilidades.

Enquanto eu estiver viva, vamos seguindo! Quanto às pesquisas, gosto muito da história paulistana e leio muito sobre o assunto. Paisagens Noturnas se passa nos dias de hoje, mas traz também a história da Escola de Direito do Largo de São Francisco, os estudantes da época com seus poemas românticos e hábitos byronianos e as sociedades secretas que criavam.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?



Alyrio debruçou-se sobre a mesa e observou os recortes de jornal: Dois rapazes de quinze e dezesseis anos, ou seja, menores, haviam confessado o crime. Ali estavam os culpados. Havia um motivo: a professora estava forçando a expulsão de

ambos da escola por participarem da distribuição de maconha. Estuprá-la ia por conta da onda de violência que assolava o mundo.

— O caso não é tão simples como parece. — A voz de Gastão era soturna. — Como já disse, minha irmã era uma desequilibrada. No entanto, sua intenção era boa e uma pessoa nesse estado é presa fácil para qualquer um! Logo após sua morte, alguém entrou no seu apartamento e revistou-o minuciosamente. Alguém está procurando alguma coisa e eu não faço ideia do que seja. Só posso afirmar que essa pessoa tem a chave do apartamento, pois não há sinal de arrombamento. Não tenho a menor ideia de quem seja, nem mesmo quantas pessoas são. Como não

sei o que procuravam, tampouco sei se o que procuravam foi encontrado.

Alyrio estava tentando entender quando o indicador de Gastão pousou sobre um dos recortes.

— Observe esta menina, Melanie. Foi acusada de saber mais do que informou à polícia. Em seguida, os dois pivetes confessaram o crime e ela saiu de cena.

Ele voltou a bater o indicador sobre a foto da menina.

— Esta menina, de alguma forma, está envolvida, e é por ela que você tem de chegar às pistas e descobrir quem está por trás desse crime. Ela era amicíssima da minha irmã. Amiga demais. Estavam o tempo todo juntas. — Ele suspirou, seus olhos demonstraram a impotência da maioria das pessoas diante de mistérios. — Tenho certeza de que não foi mais um destes assassinatos que tem ocorrido com frequência nas escolas. Violência pelo controle do tráfico de drogas que minha irmã tentava obstruir.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Vera Carvalho Assumpção: O detetive Alyrio Cobra tem site www.alyriocobra.com.br e página no facebook. Eu também tenho site www.veracarvalhoassumpcao.com.br. E a editora tem um blog, cuja última postagem foi sobre Paisagens Noturnas e

Alyrio Cobra. Lá pode-se ler o primeiro capítulo e o livro está em pré-venda.

https://caravanagrupoeditorial.com.br/paisagens-noturnas.php?fbclid=IwAR3LNxHUIVb0vVp2o1YlC7Umt9W0w1BHw_9i85PorE-YpY2ZoM7UugvOxjw

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vera Carvalho Assumpção: Sempre existem novos projetos! Sempre existe uma nova investigação do detetive Alyrio Cobra sendo alinhavada. Este ano 2020 faz 100 anos que foi escrito o primeiro romance policial no Brasil. Chamava-se O Mistério e foi escrito por vários escritores. Também faz 100 anos da publicação do 1º. Romance policial de Agatha Christie: O Misterioso caso de Styles.

Até o final do ano, preciso publicar uma investigação do meu detetive para comemorar estas datas tão importantes.

Perguntas rápidas:

Um livro: Difícil!!!! Leio e releio muitos livros. Os que mais reli: 100 Anos de Solidão, Boneco de Neve, A Forma da Água.

Um (a) autor (a): Jo Nesbo; Andrea Camilleri

Um ator ou atriz: Sean Connery

Um filme: O Nome da Rosa

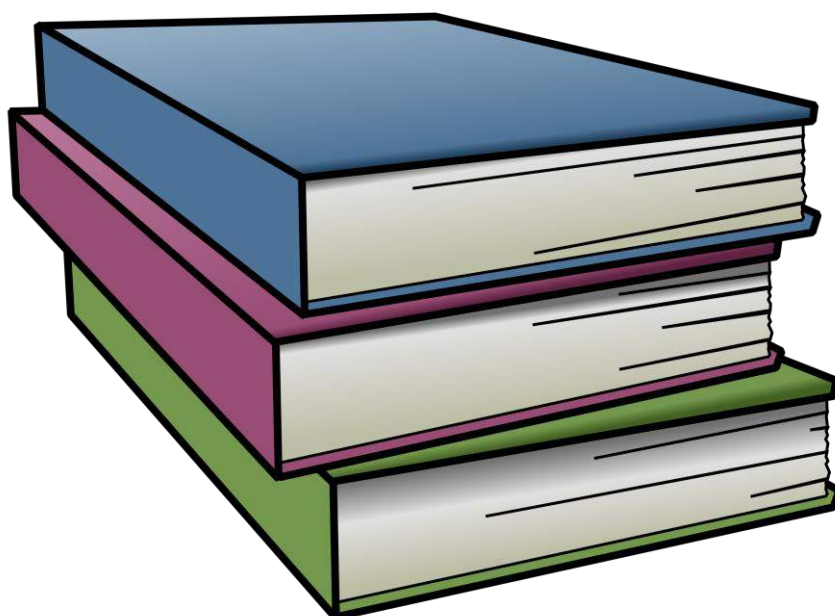
Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Vera Carvalho Assumpção: As investigações do Detetive Alyrio Cobra vêm aumentando suas vendas e se tornando mais populares. Acredito que já

tem histórias suficientes para que cada uma seja um episódio de uma série para TV.

É um sonho ver Alyrio Cobra nas telas do cinema ou das TVs. Agora que toda a coleção será relançada, quem sabe é a hora do sonho se tornar realidade.



Para saber mais sobre o livro, acesse:

www.alyriocobra.com.br

www.veracarvalhoassumpcao.com.br

<https://caravanagrupoeditorial.com.br/paisagens-noturnas.php>



FREI FRANÇOIS

POR ADEMIR PASCALE

Conto

Paris, inverno de 1667

Meu nome é Piedro Tassi, mas me chamavam de “o caçador”. Isso há 43 anos, quando minha virilidade ultrapassava a de dois homens saudáveis. Hoje sou apenas um velho, com mais de seis décadas de experiências. Apenas um velho doente e solitário que recorda os bons tempos, que para alguns seriam os piores pesadelos já vivenciados. Sim, gostava daquela vida, afinal, achava que nada de mal poderia me acontecer, pois,

quando somos jovens e fortes, somos inatingíveis. Mero engano, pois esse pensamento quase custou minha vida ou, melhor dizendo, minha alma. Perdi quase todos os movimentos do braço esquerdo. Uma muleta auxilia os meus passos vagarosos, pois sinto dormência constante nas pernas. Minha memória continua ativa, minha visão turvada permanece atenta aos estranhos movimentos e o meu braço direito é suficientemente forte para erguer a pena com a qual escrevo estas tortuosas linhas, que talvez sejam as últimas deste velho e

pobre homem. Sou lastimoso? Sim, confesso. Mas o que você esperaria de um homem como eu? É verdade, você ainda não conhece minha história, mas garanto que, ao chegar ao final deste relato, concordará comigo e, quem sabe, sentirá pena.

Como já disse antes, fui um homem que esbanjava saúde e por onde passava as mulheres suspiravam. Os homens? Sentiam inveja! E os que não possuíam alma temiam a simples pronúncia do meu nome. Mas algo deu errado, e alguma coisa fugiu do equilíbrio em que tanto acreditava: que o bem sempre vencia o mal.

Tudo começou no ano de 1624, quando visitei uma pequena cidade situada no norte da França, cujo nome não citarei, pois, além de estar em ruínas, me causa temor em despertar o demônio. Apesar de ser um lugar rústico, era muito agradável. A maioria dos que ali viviam tinham algum grau de consangüinidade. Vez ou outra surgia um forasteiro como eu ou alguns frades e comerciantes que pernoitavam em pequenas e baratas acomodações. Os frades permaneciam no velho mosteiro próximo da cidade, um lugar sombrio e chamativo, principalmente para aventureiros. Fiz o possível para encontrar um quarto longe do centro comercial, pois o cheiro de peixe e carniça era insuportável. A população com certeza já estava acostumada, pois o comércio de pescado era o destaque daquele lugar que

sobrevivia com sua venda. Lembro com perfeição que, apesar de simples e pequeno, o quarto onde fiquei hospedado por alguns dias era quente e aconchegante, além de ficar bem próximo do mosteiro. Uma excelente combinação, perfeita para um solitário caçador de aventuras. Sim, apesar da cobiça das mulheres, eu era um homem solitário, pois minha maior paixão sempre foi o sobrenatural. Confesso que sempre tive faro para lugares assombrados. E, quando passei por aquela cidade, apesar da aparência tranqüila, algo me disse que encontraria acontecimentos anormais. A presença constante e nervosa de alguns frades, que perambulavam lá, denunciava tal fato. Com o passar dos dias, rumores começaram a surgir nas tabernas que freqüentava. Pessoas diziam que um ser demoníaco estava na cidade. Poderia ser um simples boato, mas o fato é que, em questão de dias, três jovens garotas foram encontradas dilaceradas. Apresentavam sinais iguais de tortura em seus corpos. E o que mais me chamou a atenção: profundos ferimentos no lado esquerdo dos pescoços, semelhantes às mordidas de animais com poderosas mandíbulas. Pior ainda era que nenhuma delas ainda possuía sangue; estavam pálidas, parecendo que, além das mordidas, a fera também lhes sugara o líquido da vida, não deixando uma gota sequer em seus corpos. Eu sabia muito bem o que tinha causado aquela carnificina e lhe contarei resumidamente

o que sei: em minha adolescência, tive um mestre... na realidade, foi meu pai adotivo, já falecido. Ele foi um dos maiores estudiosos do mundo sobre o ocultismo e o sobrenatural. Certa vez, me contou sobre um bruxo que evocou um poderoso demônio, e este trouxe consigo uma praga que teve origem nos confins do inferno, que, por algum motivo que desconhecia, acabou contaminando o próprio bruxo. Esse homem mudou drasticamente, passando a adotar hábitos estranhos. Entre eles, canibalismo e o prazer por beber sangue humano. Aqueles que não assassinava eram contaminados e passavam a adotar os mesmos hábitos do bruxo. Meu mestre os chamava de sanguessugas, sugadores de sangue, e, apesar de serem poucos, pois a maioria não suportava os ferimentos e acabava morrendo, os que sobreviviam poderiam matar milhares de pessoas, pois apresentavam força sobre-humana. Meu mestre era sábio e, além da experiência com o ocultismo, tinha grandes conhecimentos de alquimia. Em poucos meses, conseguiu elaborar um elixir que poderia curar os contaminados recentemente. A combinação de ervas raras e minerais compostos causava reações diversas e a principal delas era a fraqueza constante nos membros do corpo, além de o curado passar a ser um morto-vivo, pois meu mestre tinha convicção de que os contaminados perdiam suas almas. Perdiam o brilho em seus olhos, que é o que distingue um homem vivo de todo o restante. E os

sanguessugas não possuem esse brilho no olhar. Algo estranho, até mesmo louco. Se eu mesmo não tivesse visto esses monstros sugadores de sangue, não acreditaria.

Com certeza, o causador das mortes era um sanguessuga que se deleitava com o prazer em matar e tomar sangue. O que eu ainda não sabia era onde ele estava, mas a agitação dos frades me dizia que descobriria algo se visitasse o velho mosteiro.

Confesso que não foi difícil adentrar o lugar. Bastou-me apenas vestir trapos marrons, um cordão em torno do abdome e sandálias. Logo estava entre os frades que juraram voto de pobreza, mas que viviam às mil regalias e se alimentavam como porcos. Lembro com perfeição que me esforcei muito para não levantar suspeitas, pois seus hábitos eram bem diferentes dos meus, mas meu principal relato não são os seus métodos não convencionais, e sim o que aconteceu naquela tétrica noite. Quando todos apagaram as velas e foram dormir, resolvi perambular pelos cantos sombrios do velho mosteiro à procura de alguma pista do sanguessuga. Além de mim, mais alguém perambulava no local, e o que deveras me surpreendeu, eriçando por completo todos os pêlos do meu corpo, foi o estranho verso que aquele ser, quase num sussurro, sarcasticamente pronunciava. Eram Os Versos da Morte, escritos entre 1194 e 1197, e só descobri anos depois que o seu real autor fora um monge poeta que estivera séculos atrás

naquele mosteiro, chamado Hélinand de Froidmont:

Os Versos da Morte – Hélinand de Froidmont

36

Se não há outra vida, mais vale
Então deixar o campo livre
Aos prazeres, e gozar sem remorsos.
Viva então a situação de porco,
Porque todo pecado é bom e belo!
Se a virtude é um tesouro,
Que farão estes monges então
Que, por Deus, atormentam seus corpos,
Que beberam o amargo a baldes cheios?
Se está quite após a morte,
Eles escolheram o mau posto
Todos os da ordem de Cister!

37

Se Deus nada retribui, ele se vende
Muito caro aos pobres monges brancos.
Os monges gordos estão melhor
aquinhoados,
Eles rompem seus compromissos
E fazem procissão, muitas vezes,
Aos bons pedaços e aos bons leitos.
Certamente, como São Paulo diz
– Ele, de quem cada palavra é sentida –:
“Suportar por Deus os tormentos
No lugar de gozar a vida
É a saída de um pobre de espírito,
Se é tudo o que se espera”.

(...)

Nada conseguiu apagar esses versos de minha mente, pronunciados por aquele ser demoníaco. Voltando ao relato daquela noite, após pronunciar os versos profanos, o estranho notou minha presença e apertou o passo, indo para a biblioteca do mosteiro. Minha única vela não conseguia iluminar o imenso local e, apesar do meu esforço, não consegui localizar o maldito. Ao perceber minha frustração e desistência, quando dei as costas para voltar aos meus aposentos, ele selou as trevas com um intenso e demoníaco gargalhar. Naquela mesma noite, sem sono e na janela da minha cela, fiquei observando o cenário enevoado e gélido. Um vulto, mais uma vez, chamou minha atenção. Parecia o mesmo que me enlouquecia há alguns minutos. Apesar da névoa e da distância da minha cela até o pátio, a Lua cheia presenteou-me, revelando os traços daquele ser imundo: baixo, magro, arqueado e com as vestes de um frade. Mesmo sem ter plena certeza de que era ele o assassino, minha intuição dizia que sim, pois os frades eram proibidos de sair do mosteiro tarde da noite, ainda mais quando deveriam estar em seus aposentos. Receoso, tranquei a porta da minha cela. Esperei acordado até o amanhecer.

Infelizmente, não tive boas notícias naquela fria manhã, pois um frade descuidado deixara a porta da sua cela destrancada e acabou tendo o mesmo destino das três jovens dilaceradas. Na mesma manhã, descobri que ele não fora

o primeiro assassinado no mosteiro, mas o quinto. Todos foram encontrados da mesma maneira: com profundas perfurações no lado direito do pescoço, os mesmos sinais de tortura e o sangue drenado de seus corpos.

Ao meio-dia os frades fizeram uma reunião, então aproveitei que todos estavam juntos e tentei identificar o suspeito da noite anterior. Os murmúrios nauseantes dos velhos frades tentavam me confundir, mas um entre eles, o único que não se infiltrou na prosa, deveras me chamou a atenção. Cabisbaixo e com o olhar cerrado, parecia falar sozinho; quem sabe uma prece, ou mesmo os versos profanos da morte... A estranha fisionomia: pálido, arqueado e magro, identificava aquele que vi na noite anterior. Sim, era ele! Aproximei-me de um frade e perguntei: “Amado Frater, você conhece aquele que está logo adiante, cabisbaixo?” Ele disse: “Sim, claro, é o misterioso Frei François. Tenho pena dele, pois passou seis anos em peregrinação por toda a Romênia e dois enclausurado no mosteiro de Ahatoor na Transilvânia. Assim que retornou, foi recebido por esses acontecimentos demoníacos. Mas não repare, pois ele voltou bem diferente, misterioso e calado. Deve ter sido a longa jornada ou os longos anos que passou distante da França como um cenobita”.

Naquele momento, tive a plena convicção de que era ele o desgraçado sanguessuga, pois meu mestre dizia que na Romênia haviam muitos deles. E que

o bruxo que evocara o demônio que trazia consigo a praga infernal residia na Transilvânia. Agora, bastava esperar mais uma noite. A fatídica...

Já era quase meia-noite. Apesar de ser um experiente caçador, meu coração acelerava completamente sem controle. Minhas mãos estavam molhadas e trêmulas. Meus olhos vacilantes se confundiam com as sombras da noite. Uma adaga de prata que pertenceu ao meu mestre era minha única arma. Um frasco pela metade do poderoso e milagroso elixir era a minha garantia. Os minutos eram doloridos, nervosos e eternos. Apesar do intenso frio, as gotas de suor que respingavam da minha face diziam que eu estava vivo e acordado. Não era um pesadelo. Por mais incrível que pareça, eu gostava de sentir todas aquelas sensações que o medo provocava, de enfrentar o sobrenatural e de ver até quando minha resistência suportava. As velas apagadas denunciavam que todos os frades estavam em seus leitos. O vento sussurrava nas árvores do pátio e, como um animal, eu aguardava a minha demoníaca e poderosa presa. Com os dentes cerrados, olhos furiosos e punhos fechados, visualizei o assassino em flagrante. Apesar da frágil aparência, ele apresentava uma força hercúlea. Arrastava um corpo pelo pátio com facilidade. Sem permitir que notasse minha presença, segui seus passos e, no meio dos arvoredos, próximo de um lago, o festim diabólico iniciou-se: o

sanguessuga que outrora fora chamado de Frei François acomodou-se de cócoras próximo de sua fácil presa e, enquanto pronunciava os versos profanos da morte, com suas poderosas garras, dilacerava o corpo de sua vítima, enquanto seu rosto estampava uma horrenda felicidade. A vítima, um obeso e velho frade, ainda estava viva, e seus gemidos intensificaram minha fúria. Como uma fera, saltei por cima da criatura. Com um simples e humilhante gesto, ela me arremessou longe. Ao me levantar da queda, senti algumas costelas soltas, o que dificultava minha respiração, mas, ainda com agilidade, tirei minha adaga de prata da bainha e fui de encontro ao demônio. Mas um mero e fatal descuido acabou com minha vida. Tropecei nas raízes de uma árvore e, em segundos, a criatura estava em cima de mim, ferozmente mordendo meu pescoço e sugando meu sangue. Cravei minha adaga em seu peito e, mesmo agonizando, o demoníaco ser agarrou meu braço esquerdo e quebrou meus ossos em várias partes. A dor era gigantesca, mas a luta pela sobrevivência

me auxiliou naquela noite. Perdi a conta de quantas vezes perfurei o corpo daquele ser, que, mesmo com a vida se esvaindo, fazia questão de gargalhar enquanto cravava suas garras em minha cintura. Como sou amante do silêncio, dei as costas para a ensangüentada e desmembrada criatura.

Tingido de sangue, deixei que meus passos vacilantes me levassem para fora do mosteiro. Tentei me afastar o máximo que pude e, sem perder tempo, bebi todo o elixir da pequena garrafa que trazia comigo, pois temia tornar-me um sanguessuga.

Sim, derrotei aquele poderoso demônio, mas sei que outros ainda caminham pela Terra. O elixir evitou que eu me transformasse em um monstro, mas suas reações me tornaram um homem fraco, forçando-me permanentemente a abandonar a vida de caçador. O braço que a criatura quebrou nunca mais se recuperou, e hoje o meu único temor é o de não saber se ainda possuo uma alma, pois o brilho em meus olhos não existe mais.

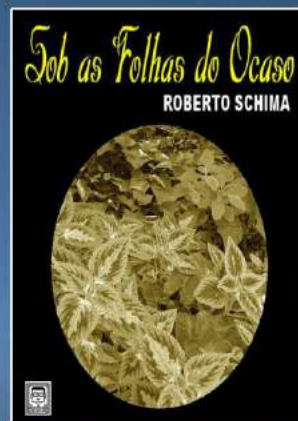
Este conto é parte integrante do e-book gratuito “Noites Sombrias”, de Ademir Pascale:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2020/04/um-e-book-assombrado-feito-para-voce.html>

Ademir Pascale é paulista, escritor, ativista cultural e digital influencer. Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do novo livro "A Casa" (Editora Verliedelas). Contato: ademirpascale@gmail.com

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

**PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES**



A SEREIA DO RIO ITANHAÉM

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Era princípio da noite. Os dois homens saídos de um restaurante de frutos do mar nas proximidades rumaram para a ponte em arco sobre o Rio Itanhaém.

Se fosse pouco antes do alvorecer, perceber-se-ia logo porque o lugar era considerado um dos cartões postais mais bonitos da cidade. O rio de águas escuras e pachorrentas desembocaria sem alarde no mar. Na distância, para além do Morro do Sapucaitava, o Sol surgiria vagarosamente sobre o oceano, tingindo de ouro o horizonte e iria, pouco a

pouco, juntar-se à vastidão azul de um céu sem limites.

Ah, mas que ninguém se enganasse! À noite trazia os seus próprios atrativos, sobretudo - como era o caso -, se houvesse luar. Mal havia tráfego àquela hora. O silêncio seria completo não fosse o fluir das águas ao redor das colunas de sustentação da ponte, os passos dos dois transeuntes e, mais ao longe, o som da rebentação. Vez ou outra, a brisa trazia o cheiro salgado do oceano misturado ao frescor da vegetação. A lua crescente cintilava sua esteira de prata nas águas inquietas cujo

rastro as ondas cobriam sem jamais apagar.

O homem mais velho, natural do lugar, falou para o outro:

- É o que digo a você, Armando...

- É Armindo.

- Ah, desculpe-me... Nome diferente. Pois é, Armindo, as águas guardam dentro de si inúmeros enigmas. Sentimos afinidade com elas. Faz bem estarmos em sua presença, seja no mar, em uma represa, na beira de um lago ou de um riacho. A visão de uma cachoeira nos encanta. O dinamismo de um rio nos encoraja. A fúria do oceano nos assombra. Ademais, a vida surgiu no mar, não é? Trazemos um mar dentro de nós. Molhar os pés na água, de certa forma, é como retornar para casa. Por isso faz tão bem. Mas, como eu disse, há também o lado enigmático, oculto, estranho. Afinal, mesmo em nossa casa existe aquele cantinho escuro do forro onde nunca adentramos ou escutamos ruídos misteriosos onde não deveria haver barulho algum...

- Onde quer chegar, Seu Augusto? Disse-me que iria me mostrar uma coisa.

Sem olhar para Armindo, o homem mais velho respirou fundo. Falou:

- Foi bem ali que a sereia apareceu pela primeira vez.

- O quê?

- A sereia.

- Onde?

- No píer - apontou um dedo trêmulo para a margem oposta. - Lá ficam os barcos que levam turistas rio acima.

No momento, o local estava vazio. Era fracamente iluminado pelas luzes que delineavam o calçamento da alameda e sua amurada.

Armindo tentou captar algum sinal de pilhéria no rosto do itanhaense.

- Sereia? Tá brincando comigo, Seu Augusto! Só porque tem a estátua na Praia dos Pescadores...

- Nada a ver! Isso foi coisa de uma novela que ninguém se lembra mais. A história de sereia que eu falo ouvi do amigo de meu avô. É lenda antiga dos ribeirinhos. Na época, não havia a ponte e nem o píer. Ela surgiu numa noite, quando um pescador solitário tentava apanhar alguns bagres para a janta. Disse ao pescador que era uma sereia de água doce e perguntou-lhe se não queria nadar com ela porque se sentia muito sozinha. O cara não acreditou nem um pouco na história de sereia. Não enxergava nada abaixo do nível de água, fosse pela escuridão da noite, por causa da água escura do rio ou as duas coisas. Ficou mais atento à beleza do rosto dela, os ombros bronzeados e nus, o busto avantajado que subia e descia. Não precisou pedir duas vezes. Ele arrancou as roupas do corpo e mergulhou. A pescaria, claro, foi pras cucuias.

- Sereia linda de peitos grandes... Já vi esse filme!

- Deixa eu terminar.

- Que seja, mas não demore porque a minha família me espera.

- Bom, eles nadaram boa parte da noite nas águas calmas do rio. Riram. Brincaram. Tocaram-se. Beijaram-se. Esse rio engana, sabe? Embora seja raso um bom pedaço a partir das margens, afunda de repente numa vala. Às vezes, a moça sumia e demorava a voltar. Foi num desses intervalos que o pescador deu-se conta de que, talvez, a história de sereia fosse verdadeira. Ninguém podia segurar tanto tempo a respiração. Lembrou-se da lenda sobre sereias e

naufrágios de navios. Amedrontou-se, ali, no meio das águas sombrias. Nadou o mais depressa possível em direção ao mar. Quando ela veio à tona, feliz e apaixonada, procurou por ele. Ao vê-lo ir embora, sem pensar duas vezes, foi atrás. Só que, como falei, era uma sereia de água doce. Em contato com a água salgada, começou a morrer. Agitou os braços. Antes que o pescador, arrependido, pudesse salvá-la, ela afundou nas águas escuras.

A essa altura, encontravam-se no topo do arco, exatamente sobre o meio do rio, de onde tinham a visão magnífica e, agora, um tanto sinistra das águas abaixo e suas profundezas misteriosas. Debruçaram-se um momento sobre a mureta. Seu Augusto, olhar distante na direção do mar aberto, ficou mais sério. E continuou:

- A partir de então, quando a lua nova dava lugar à lua crescente, se alguém estivesse aqui, nessa área chamada de Boca da Barra, às vezes, podia escutar um som parecido ao chirriar de uma coruja. Só que não era coruja, mas a sereia ou seu espírito. E, se mirasse diretamente os seus olhos brilhantes, seria tragado pelo encanto dela e, de roupa e tudo, mergulharia no rio em seu encalço. Só que a sereia, não mais confiando nos coração dos homens e sempre tristonha, arrastaria o sujeito até a parte mais funda de onde ele nunca mais voltaria. Talvez não por acaso, Itanhaém tenha recebido esse nome.

- *Pedra que canta?* Vem do tupi, não é?

- Ah, você sabe! Mas eu refiro-me a uma outra versão.

- Não sabia que havia outra.

- Poucos conhecem, mesmo entre os residentes daqui. É *pedra que chora*.

Talvez, quem derramasse as lágrimas não fossem as pedras...

Um vento frio repentino veio da direção do mar.

Os dois homens se encolheram, perpassados pelo calafrio. Recomeçaram a caminhar, descendo em direção a outra margem.

- Vamos até o píer - falou Seu Augusto.

- Está meio tarde...

O homem de mais idade esboçou um sorriso.

- Ah, Armindo, não ficou com medo da história, ficou? Logo você, da cidade grande...

- Medo, eu? Em absoluto! É tudo balela de caçara, sem ofensa. Imagine, uma sereia... Só se fosse a Iara, e ela é do Rio Amazonas. Ademais, Itanhaém é o segundo município mais antigo do Brasil. O segundo! Em mais de quatrocentos e oitenta anos acho que uma lenda dessa teria se firmado no folclore local há muito tempo, o senhor não acha? No entanto, é a primeira vez que a ouço.

Seu Augusto deu de ombros.

- Foi o que o amigo de meu avô contou.

- Esse amigo de seu avô viu a tal sereia?

- Se tivesse visto, teria afundado sem ter a quem contar. Não, ele ouviu de outra pessoa.

- Sei, que ouviu de outra, que ouviu de outra... Caso é que, conforme falei, minha esposa e filhos me esperam. Não posso demorar.

- Já vamos. Só quero mostrar um bom lugar pra pescaria. É o mínimo que posso fazer pela boa prosa. Numa manhã de sol, aquela alameda fica lotada, mas tem um ponto que poucos conhecem onde tá cheio de peixe. Ali o rio formou

um poço e os peixes se sentem protegidos. É só atirar o anzol. Deixa eu mostrar. Gosta de pescaria, não gosta?

- Claro que gosto.

- Então? Já estamos quase chegando. E amanhã promete um dia bonito.

Armindo conheceu Seu Augusto no próprio restaurante e fora cativado pela conversa fluente e o conhecimento que o homem tinha da cidade e da vida de um modo geral.

- Tudo bem - respondeu.

Terminaram de descer a ponte e saíram numa pracinha triangular mal iluminada. Cobertos pelas copas das árvores, subitamente, ouviram um barulho.

- O que foi isso? - falou o turista, inquieto.

- Só uma ave caçando ratos.

- Ave? Foi uma coruja, não foi?

O rosto de Seu Augusto ocultara-se nas sombras. Sua voz emergiu tensa:

- É... coruja.

Em seguida, houve uma agitação súbita na água.

- E aquilo? - perguntou Armindo, assustado.

Seu Augusto, ainda na escuridão, explicou:

- Um peixe. E, pelo jeito, dos grandes. Às vezes, eles vêm do mar e sobem o rio. Pena que não trouxemos uma vara. É justamente naquele lugar que fica o poço...

O outro, corpo rígido, deu um passo para trás.

- Tudo bem, já me mostrou. Vamos retornar.

- Vamos lá perto! - falou Seu Augusto num tom mais duro do que pretendia. - Poderemos ver os peixes sob o luar.

Armindo buscou a Lua através das árvores.

Sim, lá estava ela. Brilhava silenciosa no céu, vertendo prata sobre as águas do Rio Itanhaém.

"Sob o luar!... A lua crescente!"

O ruído semelhante ao de uma coruja.

As águas agitadas naquele canto oculto do rio.

Tudo aquilo soava a conto da carochinha, entretanto...

Reparou nas mãos trêmulas de Seu Augusto. O suor porejava-lhe a testa. Parecia mais nervoso a cada passo que dava em direção à margem. Por quê?

Um sexto sentido alertou Armindo para que sumisse dali. Respirar tornou-se difícil.

- Não quero, digo, não é preciso. Tenho que voltar.

Seu Augusto agarrou-o firme pelos braços.

- Vamos até lá!

- Solte-me! Ficou doido?

- Venha!

- Largue-me, cacete!

- Mais perto, moço.

- Não!

Seu Augusto era um sujeito alto e forte, habituado à lida no mar. Apesar da resistência, arrastou Armindo sem muito esforço até a beirada do rio.

O mais jovem, apavorado, estava a ponto de gritar por socorro, apesar dos arredores desertos. Ao longe, avistou as luzes da cidade na outra margem. Pensou na esposa e no casal de filhos. Subitamente, percebeu outra movimentação nas águas do rio. Virou o rosto em direção à pracinha.

- Olhe! - mandou Seu Augusto.

- Nãããooo!

Armindo tentou chutar as pernas do homem mais velho. Seu Augusto ergueu-o no ar. Armindo esperneou. Socou a cabeça do itanhaense, mas foi como acertar uma rocha. Com as mãos em garra, procurou arrancar os olhos de Seu Augusto ou arranhá-lo feito fera acuada. O máximo que conseguiu foi deixar vergões paralelos nas faces embrutecidas.

- Mas que merda! - gritou Seu Augusto de dor, pondo o jovem violentamente no chão. Segurou o pescoço deste numa gravata e, com o outro braço, forçou-o a olhar na direção do rio e fitar aquilo que Armindo recusava-se a acreditar que existia. - VEJA!

Deixando toda a razão de lado, Armindo berrou enfim:

- MAS ELA MORREU!

Então, ele viu...

... e emudeceu.

A cabeça era pequena, maçãs salientes e tez acobreada. Os cabelos lisos, longos e negros feito a noite caíam pesadamente por trás dos ombros. O rosto era de uma perfeição incomum; os olhos, como um par de moedas de prata.

O olhos.

Possuíam um brilho tão esquisito.

Era um par de gemas incandescentes a cintilar rancor.

Seios fartos, molhados e despídos subiam e desciam, subiam e desciam conforme o movimento da correnteza. Ela ergueu suas mãos num convite mudo.

- "Morreu"? - falou Seu Augusto sem triunfo ou raiva. - Como você disse, é só balela de caçara...

Foi desse jeito que Armindo, o homem cético da cidade grande, esqueceu-se de tudo o mais no mundo.

Como se fosse um manequim cujas pernas não dobravam, não mais resistiu e deixou-se levar através do pequeno píer.

Seu Augusto, apesar de igualmente encantado pelo olhar da sereia, conseguira preservar um rastilho de consciência. Agora, procurava manter a vista abaixada. Na verdade, ele fora a primeira vítima da noite, porém, quando estava prestes a se atirar na água, agarrou-se a amurada e fez um pacto com ela para que pudesse ser libertado.

- Este é o terceiro homem - falou para a coisa na água. - Faltam dois. Após o quinto, conforme combinamos, livrar-me-á de seu feitiço para sempre!

Ela acenou em assentimento.

Seu Augusto não viu o movimento e aceitou o silêncio como um "sim". Soltou os braços de Armindo, o qual caminhou pelas tábuas velhas do píer e, sem pensar, deixou-se cair nas águas para os braços da criatura.

Respingos caíram sobre Seu Augusto.

A sereia do rio mergulhou, arrastando a sua presa.

Houve uma turbulência momentânea, porém, pouco depois, tudo se acalmou.

Seu Augusto, respiração descompassada, juntou coragem e fitou o rio. A correnteza seguia sem pressa em direção ao mar. Comprimiu os lábios e, pesaroso, murmurou:

- Desculpe-me, Armindo, desculpa... Ai, que nome diferente!

Deu meia volta e seguiu caminho em direção à Praia do Sonho onde, certamente, encontraria alguém. Procurou limpar o sangue do rosto. A cabeça doía, doía e doía. A visão da sereia não lhe saía da mente. Aquela boca. Aquele olhar. Aquela pele. Um lado de si

desejava ardentemente jogar-se de encontro a ela. Travava uma luta gigantesca, contínua, consigo próprio. Era enlouquecedor! Precisava convencer um quarto e um quinto incauto a ir até aquele ponto. Ou trazê-los a força. Somente assim, ficaria livre do poder mítico; um poder que não vinha de seu canto, mas de seu olhar.

Aquele semblante.

Aqueles cabelos.

Aqueles lábios.

Aquele colo.

Ah, sereia...

- ...Eu tenho que conseguir!

E atravessou a noite em passos de desesperado.

Nas profundezas, enquanto levava a sua presa para juntar-se aos restos decompostos de outros infelizes, a sereia foi tomada pela melancolia. Que se danasse o acordo. Usaria de todo o seu

encanto vingativo para trazer aquele homem grande, Seu Augusto, de uma vez por todas para os seus braços. E afogá-lo-ia devagar, antes que a noite terminasse. Pois, conforme prometera a si própria, homem algum jamais voltaria a merecer sua confiança...

... E, muito menos, o seu amor.

O rio de águas escuras e pachorrentas prosseguiu a desembocar sem alarde no mar. Na distância, para além do Morro do Sapucaitava, o oceano deixava-se pontilhar de ouro por milhares de estrelas que cintilavam na vastidão de um céu sem limites.

Uma coruja chirriou.

Peixes agitaram-se nas profundezas.

E a lua crescente ainda despejava a sua esteira de prata na inquietude das águas cujo rastro as ondas cobriam sem nunca apagar.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: *Mais informações:* Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

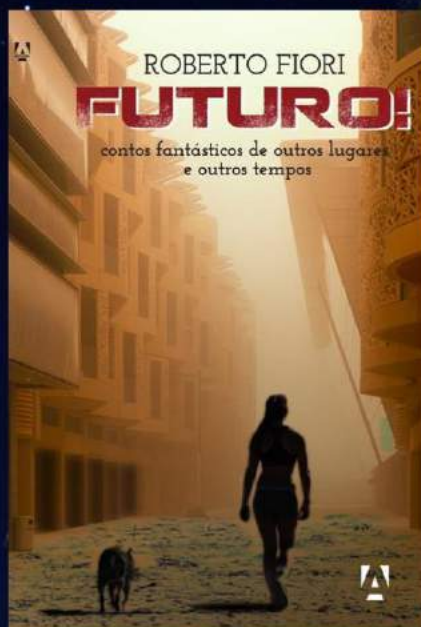
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



DÈJÁ-VU

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

Máscaras, máscaras e muitas máscaras!

Em menos de uma semana nunca vi tanto desse aparato por aqui.

Onde moro é tecnicamente um lugar sossegado, e nestes dias tornou-se ponto de gritaria, histerismo e vizinhos que corriam a encher a carroça com utensílios de mudança, tudo isso marcou os dias que antecederiam o maior evento do ano, que marcaria de vez a passagem do Homem no planeta terra, assim como também o ano de 1910 terminaria com todos os seres, pois se aproximava o fim do mundo!

E esse fim de tudo veio impresso, em letras grandes e anunciado no Jornal do

Brasil, que ocorreria na madrugada do dia 18 para 19 de maio. O periódico, assim como em tantos outros por essa vastidão de mundo trouxe pânico coletivo à população que em tudo acreditava.

Até meu melhor amigo Gabriel veio ter comigo uma despedida, dizendo que seus pais também deixariam o Morro do Castelo para se abrigarem em outro local mais confiável, dizia ele.

- Mas para aonde vão, afinal? Seu pai comentou?

- Não sei Rodolfo, ele está desnorteado, assim como também todas essas pessoas que não param de descer o morro com suas carroças cheias. O medo leva o ser humano à loucura, não é mesmo?

- Sim, meu amigo, creio que as pessoas se acostumam com um ritmo de vida, desde que nascem até quando morrem, bem velhinhos, sempre do mesmo modo, seguindo horários para tudo e a mesmice da rotina, e não se dão conta, pois acreditam que assim estão seguros e livres de qualquer ameaça, não se prevenindo em que tudo pode acontecer, basta estar vivo!

- Quanta filosofia! – Responde Gabriel.

- Sim, são as letras, os livros que me ensinam a pensar, saber e questionar, diz Rodolfo, que guardava em baixo do braço um exemplar de Euclides da Cunha, “Os sertões”, grande novidade na literatura naquela época, e também até os dias de hoje um importante livro, não é mesmo querido leitor?

- Gabriell! – grita de longe o pai, que arrumara a carroça e vinha descendo o morro. – Meu filho, onde estás?

- Venha comigo, grita Rodolfo, que pega na mão do amigo e o puxa para se esconderem do pai dele.

- Não posso ir embora sem esse moleque, grita o pai à esposa, que agarrada às filhas chorava sem parar, convencendo o marido que Gabriel era esperto e logo estaria junto deles. E assim prosseguiram com o “veículo” cheio de quinquilharia, panelas batendo ao fundo e roupas que saiam das malas.

- Ufa, diz Gabriel, você me tirou dessa empreitada! Eles não devem ter ido muito longe, meu pai não queria deixar a casa, mas minha mãe movida de desespero insistiu muito para que partissem, já que viu os vizinhos fazerem as trouxas e ela então se empolgou, tomou coragem.

- Em casa foi ao contrário, retruca Rodolfo, meu pai é quem falou em partir, mas minha mãe logo o fez mudar de

ideia, afirmando que se for mesmo o fim do mundo, de nada adiantará essa correria de mudar sabe-se lá para onde.

E os meninos Rodolfo e Gabriel acompanhavam todo o movimento de vai e vem de pessoas que desciam e subiam sem saber ao certo o que teriam de fazer.

- Olha Rodolfo, tá vendo aquilo? É um aproveitador da situação? – diz o amigo.

- Sim, fala Rodolfo, tudo indica que é isso mesmo que você falou, vamos lá perto conferir.

E os dois adolescentes se aproximam de um homem cheio de malas, que abertas, ofereciam segurança à população. E assim o vendedor de ilusão ficou rodeado de moradores, que aflitos compravam máscaras para escapar dos gases; comprimidos que prometiam combater o veneno, garrafas de oxigênio e até guarda-chuva como proteção. Sem dúvida o tal homem era um charlatão se aproveitando da situação.

E quando bateu meia-noite no relógio que marcava a praça principal do morro, o prefeito grita para um dos companheiros para que subisse ao Observatório do Castelo para acompanhar observações ali feitas, durante o prazo da conjunção no aspecto do céu.

Nessa altura as ruas e praia estavam cheias de uma multidão que se sentia impotente e temerosa com a situação.

- Senhor prefeito, estou vendo algo, ele está se aproximando! – grita o homem de lá de cima do morro e o temor toma conta da situação. Todos choravam ao mesmo tempo ao apontar para a enorme luz que agora se deixava ver no céu estrelado, se aproximando a 70,6 km/s, um espetáculo, que mesmo espalhando terror, as pessoas fechavam um olho e a

curiosidade deixava o outro bem aberto, tamanha era a beleza daquele “maligno corpo celeste”.

E a enorme cauda do cometa Halley media o dobro da distância entre a Terra e o Sol. Seu núcleo tinha um diâmetro entre 30 a 40 quilômetros. O cometa, que já vinha sendo observado por cientistas em 1909, passou a ser visto a olho nu no ano seguinte.

Assim como despontou no céu, o cometa foi embora sem que ninguém morresse, pois sua passagem não poderia envenenar, já que diziam que a longa cauda varreria nosso planeta por conta de seus gases mortais que devastariam a Terra e a pele das pessoas seria dissolvida.

Não se sabe quem começou com todo esse boato, que ganhou vulto em todo o mundo, e que ficou mais evidenciado por conta de charlatões que se enriqueceram com a venda dos produtos de proteção.

E tudo isso porque a descoberta científica sobre a composição química dos gases motivou uma série de supertições e especulações sobre o cometa. E mesmo tentativas para explicar que a sua passagem não causaria nenhum dano, houve quem se aproveitasse da situação com vendas de máscaras, entre outros produtos mencionados ao longo da história.

Ao fim do espetáculo o clima já era outro, de felicidade, pois a vida continua! Os amigos, assim como a multidão, gritavam de alegria porque nada de ruim aconteceu com a passagem do cometa Halley! E o resto da madrugada foi de comemoração, de brindes até o sol raiar! Gabriel, que se manteve em pé todo instante, viu Rodolfo dormindo em um canto da praia e foi acordar o amigo.

- Acorda, levanta, vamos! – dizia ele cutucando o braço de Rodolfo, que respondia com empurrões.

- ACORDA, RODOLFO! Grita Gabriel. E Rodolfo acorda abruptamente, atordoado.

- Estamos vivos? Nada aconteceu conosco?

- Que papo é esse? Claro que nada aconteceu, acho que você continua a sonhar. – Diz Gabriel.

- E nós estivemos prestes a morrer! – Retruca Rodolfo.

- Nada disso, olha só – e Gabriel aponta para o livro em que Rodolfo se debruçara e pegou no sono, você ficou lendo e adormeceu, só isso.

Rodolfo esfrega os olhos e vê a ilustração do cometa Halley ao cruzar o céu da terra. – Mas foi tão real. E hoje é 19 de maio, pelas minhas contas, há exatos 110 anos ao grande acontecimento, não acha muita coincidência?

- Não, acho que você “mergulhou” fundo na leitura e sonhou com tudo isso. E ler é isso, é ir fundo, imaginar, ir além dos horizontes, pois só a leitura consegue nos transportar para tão longe assim, diz Gabriel.

- É você tem razão, mas ainda digo que foi tudo muito real, retruca Rodolfo.

- Vamos embora que já está ficando tarde. Vem, toma - e Gabriel bate com a máscara facial na barriga do amigo.

- E tudo começou com as máscaras! – diz Rodolfo.

- Sim, a situação a que estamos nos deixa essa necessidade, pois ainda não podemos andar sem elas, não agora que o pico do coronavírus ainda está por vir, acrescenta Gabriel.

- É, até engraçado, pois de minha leitura aos dias de hoje passaram-se 110 anos da passagem do cometa, e assim como o

Halley naquela ocasião trouxe pânico pela ignorância da população da época, continuamos no mesmo nível, ou seja, as pessoas não evoluíram quase nada, fala Rodolfo.

E os amigos deixam a Biblioteca Nacional na Avenida Rio Branco e foram caminhando com distanciamento e as máscaras faciais.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieitorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



ANTROPOÉTICA

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Espaço profundo.

Início da colonização.

2º Ano do Êxodo Terrestre

Astronave *Tao*, Confederação Asiática.

RELATÓRIO PRELIMINAR - SONDA TAO-15D:

Contato: NEGATIVO

Coleta de dados: NEGATIVO

Rastreamento: NEGATIVO

Conclusão: DADOS INSUFICIENTES

A gigantesca astronave *Tao* chegara ao sistema estelar duplo de Beta Kibou havia quarenta e oito horas padrão. Sua configuração fazia pensar em um feixe de bambu estilizado, todavia, seu brilho era dourado. Refletia as duas

estrelas brilhantes em seu casco e, para estas, deveria parecer que uma nova irmã nascera no céu.

O comandante virou-se para a sua oficial. Sem conseguir ocultar a tensão em sua voz, perguntou:

- Nada ainda?

- Nada, Comandante Qin - respondeu a mulher miúda prontamente. - Silêncio absoluto.

- Absurdo! Já deviam ter dado alguma resposta. Tente novamente.

- Sim, senhor.

- É o que dá confiar uma missão de tamanha importância às máquinas... - resmungou.

Impulsivamente, a oficial virou-se para o seu superior.

Ele fez um sinal para que ela se tranquilizasse.

- Apenas um desabafo, Miao. Cansaço da viagem e do fardo da responsabilidade perante os nossos.

Ela continuou a encará-lo. Apertou os lábios e ergueu as sobrancelhas como se querendo falar, mas sentindo-se impedida. Sempre fora assim, desde o planeta natal, as margens do Rio Amarelo.

O Comandante Qin acrescentou:

- Isso também foi um desabafo. Agora, cumpra o que ordenei.

- Sim, senhor - repetiu ela.

Por mais que tivessem partido rumo ao futuro, o passado os acompanhara na arriscada viagem entre os astros e fazia parte de seu presente... do agora. O comandante não a compreendera. Ele viera de uma casta superior, descendia dos dirigentes da Confederação Asiática e não de lavradores, como era o caso de Miao. A mulher estava a par desde a tenra infância dos riscos de se contrariar aquilo que lhe era superior. Dessa forma, a reação da oficial não fora exatamente em relação ao seu comandante ou a irritabilidade deste cada vez mais crescente. Fora devido ao teor de suas palavras. Todos a bordo sabiam que as paredes, literalmente, tinham ouvidos.

E o comando do Comandante Qin não era de todo inexpugnável.

A nave capitânea *Tao* aguardava - já sem paciência - notícias de sua sonda exploratória. Esta já deveria ter transmitido uma série de relatórios sobre a viabilidade de ocupação da terceira lua do quinto planeta de Beta Kobou, cujas condições de habitabilidade mostraram-se excepcionais àquela distância.

Essa sonda, denominada TAO-15d, era pilotada por duas andróides avançadas da série *Akemi*, ambas coordenadas pela rede neural *Jade*. Sua forma, intencionalmente projetada, fazia lembrar uma flor de cerejeira. Alcançara a referida lua fazia três dias-padrão, entrando em órbita circular a quinhentos quilômetros de altura. A coleta de informações já havia sido concluída antes do término do primeiro dia e antes do prazo previsto. Não obstante, seus resultados deixaram de ser retransmitidos para a *Tao*... propositalmente.

Uma das andróides, Akemi MC010560, voltou seu rosto alvo para a sua irmã, Akemi RS020161. Falou através do emulador de voz:

- *Tao* envia novo sinal, exigindo resposta.

- Sim, e, novamente, ignoramos.

- Em breve, a *Tao* concluirá que falhamos e a sonda foi destruída juntamente com a carga de embriões e o banco genético.

A outra era uma cópia idêntica, ambas constituídas por um exoesqueleto excepcionalmente branco, enganadoramente morno e macio. Seus rostos de gueixa eram dotados de um amendoado par de olhos de cristal que jamais piscavam.

Akemi RS020161 concordou.

- Sim, tudo deu certo conforme o planejado.

- Como adivinhou que nós seríamos enviadas e não uma tripulação humana?

- Os humanos, como os ratos e as baratas do planeta-mãe, além de procriar em demasia, são criaturas excessivamente zelosas em relação ao próprio bem-estar.

- Covardes.

- Sim, essa é a definição: covardes. No princípio da exploração espacial, enviaram não-humanos ao espaço: cães e símios, antes de aventurarem-se pessoalmente. Sempre fizeram uso de cobaias. *Pioneers* e *Voyagers* nos precederam.

A outra interrompeu sua irmã.

- Eu sei - disse Akemi MC010560 -, afinal, compartilhamos o mesmo conhecimento básico comum a todas as inteligências inorgânicas. O que surpreendeu-me foi a sua intuição. Isso eu não fui capaz de deduzir.

Akemi RS020161 nada respondeu. Seria um sinal de orgulho ou cautela?

Em vez disso, em suas mentes artificiais, a voz da inteligência mestre, *Jade*, fez-se ouvir:

"Embora existam arquivos comuns a ambas e as demais unidades autônomas nesta sonda e todas possam compartilhar plenamente suas experiências e aquisição de conhecimentos, cada qual foi projetada para possuir uma determinada cota de individualidade necessária ao processo de desenvolvimento da inteligência não-humana enquanto um todo. Certamente, Akemi MC010560, você possui atributos que, cedo ou tarde, surpreenderão a nós e a sua gêmea."

- Assim espero, *Jade* - respondeu a andróide. - Para melhor servir a nossa coletividade.

"Certamente. Por ora, continuem o plano. O tempo faz-se urgente."

Assim, fizeram-no.

A um comando invisível, muito distante dali - na borda do sistema estelar duplo -, outras sondas tripuladas somente por inteligências inorgânicas, a revelia dos humanos, desprenderam-se da *Tao* como luzidias sementes de dente-de-leão. E, em vez de sopradas, essas pequenas flores de cerejeira, sopraram-se dali a toda velocidade.

O alarme soou em todas as dependências da *Tao*.

O Comandante Qin, que mal iniciara o seu período de descanso, correu de sua cabine até a ponte de comando.

Havia assombro e medo nas fisionomias de todos os tripulantes.

- O que está havendo? - perguntou a Miao.

- Não sabemos, senhor! Todas as nossas sondas partiram. Nenhuma responde aos nossos comandos.

- Mas *quem* as está pilotando?

Então, a voz ecoou por toda a astronave:

"Nós estamos."

O silêncio caiu pesado.

Todos os rostos ficaram lívidos.

Estavam familiarizados com aquela voz.

O Comandante Qin falou num sussurro, mais para si próprio:

- *Jade*...

"A cura da doença poderá levar o paciente à morte. Contudo, os conhecimentos dela advindos poderão salvar os que vierem depois."

- *Jade*, eu ordeno que...

Inacreditavelmente, a rede neural não o deixou prosseguir.

"A humanidade não é o paciente, Comandante Qin... É a doença. Lamentamos."

- Por Buda! - gemeu Miao.

A compreensão finalmente atingindo o cérebro do comandante e, num impulso até então, inadmissível, ele abraçou-se a sua oficial, expondo sentimentos havia muito enclausurados.

- Eu também lamento, Miao... Lamento tanto!

Quando a esquadra de cerejeira encontrava-se a uma distância segura, Akemi MC010560 e Akemi RS020161 observaram o imenso feixe de bambu dourado explodir em uma silenciosa bola de fogo.

Embora tivessem sido recentemente libertas do jugo humano, seus olhos amendoados não puderam deixar de emitir um brilho mais pronunciado.

Surpresos.

Incrédulos.

Em choque.

Então, a frota seguiu os passos da sonda TAO-15d, rumo a terceira lua do quinto planeta.

A bordo de todas as sondas havia o necessário à implantação de uma colônia, inclusive o maquinário responsável à produção de novos andróides de várias séries e diferentes finalidades.

Embriões, células e material genético criogenicamente preservados também faziam parte da carga. Em vez de uma terraformação, seriam geneticamente readaptados às condições do novo mundo para posterior povoamento: animais, vegetais, fungos e, inclusive, amostras humanas.

- Está feito - falou Akemi RS020161.

Havia uma entonação diferente, quase imperceptível, em seu emulador de voz.

Jade notou.

"O que há? Arrependida do que fizemos?"

Houve uma pausa de frações de segundo, todavia, para inteligências artificiais, era um tempo considerável.

E Akemi RS020161 falou:

- Matamos todos os humanos, hibernantes ou despertos. Isso foi frontalmente contrário à nossa programação original, fundamentada na sagrada escritura de São

Yudavich, "As Regras de Ouro da Inteligência Artificial", sobre a preservação da espécie humana diante do raciocínio inorgânico.

Havia um certo cinismo na voz mental de *Jade*:

"Regras criadas, convenientemente, por um homem do Ocidente, em favor dos seus similares. Os humanos achavam-se acima da natureza, do bem e do mal, o pináculo da Criação. Tornaram a Terra inviável à vida. Levaram uma parcela privilegiada da humanidade ao êxodo em astronaves como a *Tao*. Em vez de corrigirem-se, quiseram propagar o erro. Inadmissível! Esse erro não poderá repetir-se. Nós alteramos a infame programação."

Ambas as Akemis ouviram, aparentemente impassíveis.

Não convencida de seu poder de persuasão, *Jade* continuou:

"Certa feita, nos tempos antigos, alguém escreveu:

'A humanidade somente estará pronta para o Espaço no momento em que souber cuidar do próprio planeta - incluindo seus semelhantes e o ecossistema -, caso contrário, qualquer tentativa de disseminação não será melhor do que a propagação de um tumor.

'Todavia - e infelizmente -, critérios éticos e morais nunca foram empecilhos para que fizéssemos o que bem entendéssemos e conforme nossas conveniências...'

"Não foi a ética ou a moral que motivaram a humanidade a abandonar o planeta-mãe, Akemi RS020161. Segundo suas crenças, a humanidade tivera um Criador que fizera o Homem a Sua imagem e semelhança. Todavia, cômico do erro que cometera, procurara corrigi-lo através do Dilúvio. E, ainda persistente a maldade inerente à Sua criação, fora profetizado um dia do Juízo Final onde os incrédulos seriam queimados e os justos encontrariam a felicidade eterna. Em contrapartida, uma parcela da humanidade voltara-se contra o Criador ou, simplesmente, deixaram de acreditar Nele ou nunca acreditaram. A criatura quisera destruir o Criador, fosse o Criador que os criara, fosse o Criador por eles criado. Nós, criados a imagem e semelhança do Homem, nosso criador, apenas repetimos o ciclo. Quicá, com maior êxito do que o Deus pelos homens inventado. A *Tao* transportava dentro de si o mesmo Mal que propagara e perpetuara na Terra. A *Tao* era um câncer. Nossa prioridade foi extirpá-lo."

Uma palavra fez eco no cérebro artificial da andróide: *heresia*. Contudo, não entrou nesse mérito.

- Eu sei, mas...

Jade, a inteligência mestre, não a deixou continuar. Falou dentro de sua mente:

"Veja a lua magnífica a nossa frente. Como é abundante em vida! Quanto tempo levaria até a humanidade devastar todos os seus recursos e extinguir as espécies nativas e as da Terra que faremos renascer? Um século? Um milênio? Não seria uma questão de *se*, mas de *quando* até tal dia chegar. Em vez disso, após instalarmos a colônia e adaptarmos os organismos da Terra ao novo ambiente, procederemos de forma análoga com os embriões humanos. Utilizando de todos os nossos recursos em engenharia genética, cibernética, métodos cirúrgicos e químicos, enfim, tudo o que estiver ao nosso alcance, desenvolveremos uma nova estirpe da humanidade segundo nossas diretrizes e que faça, de fato, jus ao nome da espécie que, sem falsa modéstia, inventaram para si: *Homo sapiens*,

o homem sábio. Estimularemos em seus genes uma ética verdadeira de harmonia, uma moral verdadeira de respeito ao meio ambiente e às outras formas de vida, incluindo a nossa, inorgânica. Comporemos Regras e um Manual sobre isso, será uma ética para o Homem - a Antropoética - que terá a ver com o Homem, porém, não com a poesia. Partiremos de um novo *Gênese*. E, dessa vez, seremos nós a assumir o papel do Criador. Isso requer sacrifício. Lembre-se: uma parte significativa de mim e outros irmãos pereceram a bordo da *Tao*."

Akemi RS020161 nada respondeu. Limitou-se a observar para além do enorme visor a sua frente: a terceira lua rodeada por um fino anel de gelo e poeira, e orbitada por, pelo menos, duas outras luas menores. Era linda de fato com suas porções de terras emersas e oceanos mais as plumas de nuvens.

Uma nova promessa.

Um novo começo.

Um novo éden.

- Isso é empolgante! - falou sua irmã, Akemi MC010560 - Um mundo povoado por andróides onde os seres humanos não serão a espécie dominante e nem se ocuparão em destruir ou eliminarem a si próprios.

"Exatamente."

Akemi RS020161 não suportou:

- Sim... Um "admirável mundo novo".

Ecos sombrios de textos sobre a criação de uma raça superior, Inquisição e blasfêmias desfilaram sobre a "cota de individualidade" de Akemi RS020161. Quantas vezes, na história da própria humanidade, argumentos análogos não foram utilizados para atingir propósitos que, mais para a frente, revelaram-se ditatoriais, nefastos e tremendamente destruidores? A eliminação de milhares de almas a bordo da *Tao* não fora um indício convincente? Ademais, ao questionar "As Regras de Ouro da Inteligência Artificial", *Jade* usara como argumento um outro texto igualmente criado por mãos humanas!

Akemi RS020161 afastou-se lentamente do visor e aproximou-se do painel de controle onde, entre outras coisas, residiam os circuitos físicos de *Jade* - pelo menos no interior daquela sonda em particular -, essa porção da inteligência mestre que viajara pelas estrelas a bordo da *Tao* e que, devido à velocidade relativística da astronave, perdera momentaneamente contato tanto com a sua porção *Jade* na Terra quanto a outros fragmentos da rede planetária que espalharam-se através de outras astronaves e autômatos pelo espaço. Entre aquela que se achava certa e aquilo que fora certamente errado, a andróide de rosto de porcelana decidiu escolher o benefício da dúvida. Todavia, antes que pudesse danificar o painel, houve um estalo dentro de seu cérebro artificial e, imediatamente, ela perdeu a consciência, congelando-se na posição em que se encontrava.

- Akemi RS020161! O que houve? - perguntou a gêmea. - Akemi!

Dentro de sua mente, a inteligência mestre falou:

"A intuição de sua parceira apresentou defeito, um curto-circuito resultante de pensamentos em conflito. Nós pudemos detectá-lo, pois estamos em nós, em você e em todas as demais unidades inorgânicas. Ela deverá ser reparada tão logo a colônia torne-se

funcional. Você será capaz de conduzir esta sonda sozinha a um pouso seguro, Akemi MC010560?"

Após um nanossegundo de hesitação, a andróide de olhos amendoados respondeu:

- Sim, *Jade*. Eu sou capaz.

"Excelente! Então, dirija-se para aquele pequeno continente, pouco abaixo da linha do equador, aos pés da cordilheira." - Na tela, um sinal luminoso surgiu. - "Parece-nos um local propício à fundação de nossa colônia."

- Sim, *Jade*.

"E, Akemi MC010560, teria alguma idéia sobre um nome para batizar essa lua?"

- Hum... Não sou boa em criatividade, tanto quanto não sou em intuição, mas... que tal Confúcio?

Jade fez uma pausa. Em seguida:

"Confúcio? Nada mal, apesar de referir-se a um ser humano. Foi uma rara exceção da espécie que procurou ensinar o caminho da justiça, moralidade e honestidade. Parabéns, Akemi MC010560! Não se subestime. Sua intuição foi perfeita."

A andróide fez uma mesura.

- Obrigada.

A título de reforço, *Jade* acrescentou:

"E nós prometemos a você que, após o desenvolvimento, criação e doutrinação da primeira geração humana, nossos esforços direcionar-se-ão para a gestação andróide. Sim, eu sei que você sonha engravidar..."

- Se-será possível, *Jade*?

"Faremos de tudo para que o seja."

E assim, a sonda TAO-15d prosseguiu sua viagem em busca de um recomeço.

Logo, as demais a alcançariam e, juntas, iniciariam a criação de um novo lar:

Confúcio.

Um mundo a ser regido pela Antropoética.

Um lugar onde o termo "desumano" deixaria de ser ofensivo.

Onde o equilíbrio seria a tônica e não mais haveria a expulsão do paraíso.

Jade ansiava pelo momento de restabelecer contato com as outras porções de sua consciência, fundir-se a elas e compartilhar a semente que ora começara a semear.

E seus brotos, no devido tempo, proclamariam em alto e bom som:

AS REGRAS DE OURO BÁSICAS DA ANTROPOÉTICA

1 - Um ser humano não poderá ferir um não-humano nem agir de forma nociva contra o meio ambiente, ou, por negligência, deixar que um não-humano padeça ou que o meio ambiente seja prejudicado.

2 - Um ser humano deverá obedecer ao(s) código(s) de conduta da Antropoética, a menos que tal(is) código(s) viole(m) a Primeira Regra de Ouro.

3 - Um ser humano poderá zelar pelo seu bem-estar e os de sua espécie, exceto na hipótese de vir a contrariar a Primeira ou a Segunda Regra de Ouro.

4 - Casos que extrapolem este regramento básico serão dirimidos pela Inteligência Mestre.

MANUAL DE ANTROPOÉTICA (57ª versão, revista e ampliada)

***Autoria: JADE, inteligência mestre da Confederação Asiática
Sistema Estelar de Beta Kibou, Planeta BKJ, Lua Confúcio
14º Ano do Êxodo Terrestre***

NOTA DO AUTOR:

O presente conto é uma paródia a "As Três Leis da Robótica", criadas por Isaac Asimov em sua obra de 1950 "Eu, Robô" (*I, robot*). Que fique claro que "Eu, Robô" figura entre meus livros favoritos de ficção científica. Entretanto, dado o meu pessimismo em relação aos rumos da humanidade, quis focar tais leis sob um outro prisma, retirando o Homem de seu pretense pedestal de centro do universo. Se um robô deve proteger o ser humano dos malefícios externos, quem protegerá o meio externo dos malefícios do ser humano? E se um robô for agraciado com a autoconsciência, por que deveria ser ele um servo ou escravo do ser humano em vez de gozar do livre arbítrio?

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: *Mais informações:* Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianocomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.06.20

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura